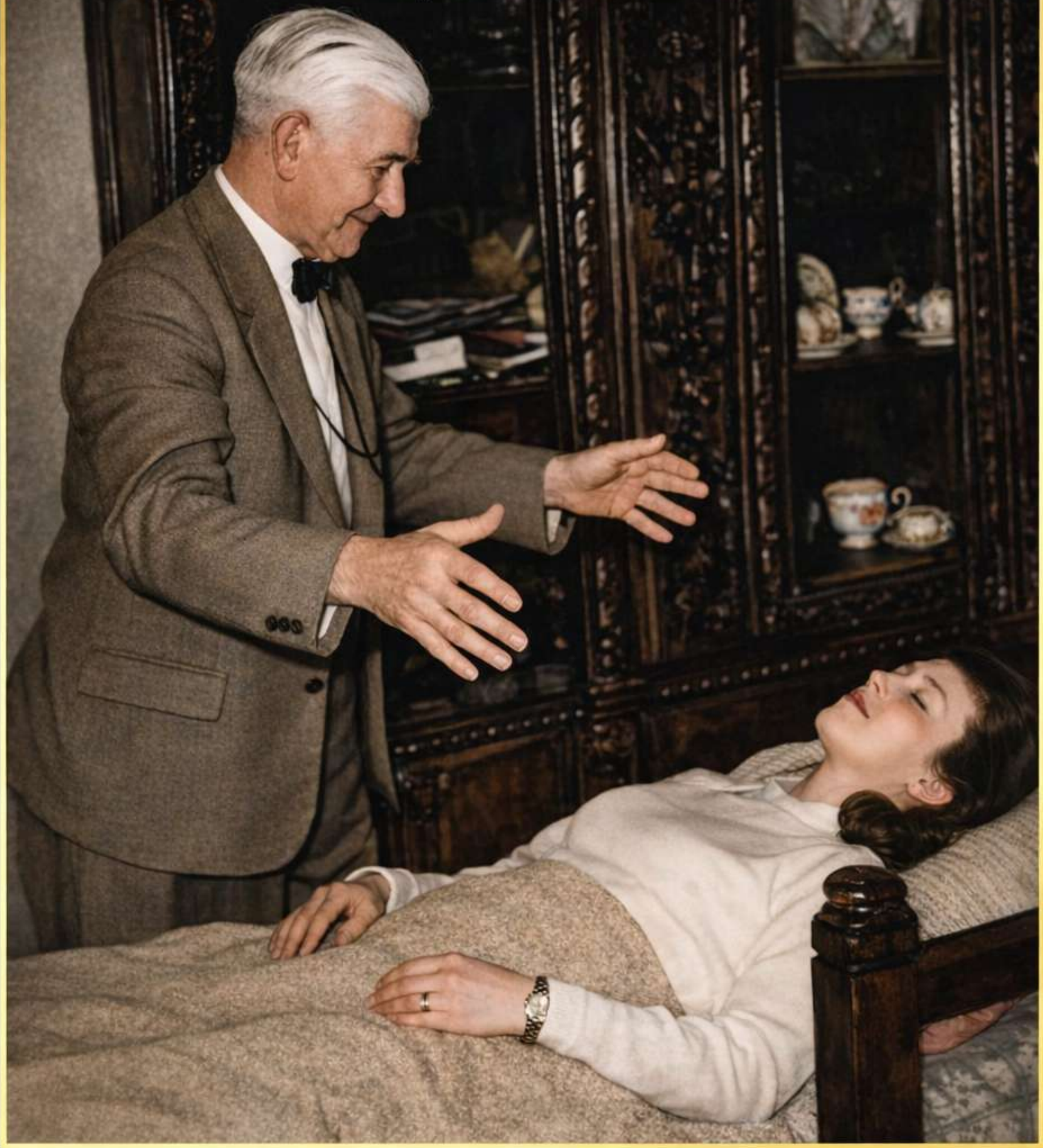
MAIS DO QUE UMA VIDA

Jeffrey Iverson

Tradução: Amadeu Antônio



MAIS DO QUE UMA VIDA

de Jeffrey Iverson 1976

Índice

Prefácio de Magnus Magnusson
Agradecimentos
Introdução: Arnall Bloxham
1 Ele viu a execução de Carlos I
2 Um colega na Grécia Antiga
3 Jane Evans tem sete vidas
4 Uma judia do século XII
5 Uma igreja com uma cripta
6 A esposa romana
7 Um servo na França Medieval
8 À procura de uma maçã dourada
9 A costureira e a cortesã
10 A freira americana
11 O combate do HMS Aggie
12 O espião na falésia
13 O mistério do hipnotismo
14 Entre o meu chapéu e as minhas botas –
a antiga crença na reencarnação
15 Uma luz na escuridão

Prefácio

Nos meus anos como jornalista e radialista, explorei algumas histórias deveras estranhas. Muitas delas foram histórias de detetives da vida real

vindas do passado, como a história da princesa na China que se suicidou após ter sido falsamente acusada de traição, ou a história do Faraó herético que casou com a mulher mais bela do mundo (Nefertiti) e foi apagado das páginas oficiais da história. Algumas foram falsificações ou fraudes, como a grande farsa do Homem de Piltdown. Algumas foram o resultado de quimera, como a mulher na Escócia que afirmava ser Cristo reencarnado e fundou uma seita conhecida como os Sem Nome.

Mas a história contada neste livro deve classificar-se como a história mais intrigante que alguma vez cobri — porque contém todos os elementos de estranheza e trabalho de detetive e pura bizarria que compõem um grande mistério.

Tudo começou subitamente, pelo que me dizia respeito. Um produtor de televisão da BBC em Cardiff, Jeff Iverson (o autor deste livro), telefonou-me um dia a perguntar se eu gostaria de fazer um programa sobre hipnose. Mas não um programa qualquer sobre hipnose — um bastante especial. Porque, como ele explicou, havia um distinto hipnoterapeuta em Cardiff, um Sr. Arnall Bloxham, que afirmava que dezenas dos seus pacientes, sob hipnose, recordavam e experienciavam uma vida anterior, uma encarnação anterior na terra — e por vezes várias. Dado que eu estava interessado em história e arqueologia, gostaria de realizar um olhar frio, imparcial, informado e crítico sobre estas alegações? Seriam casos genuínos de "regressão" a outras vidas?

Não hesitei nem por um momento. Como toda a gente, eu sabia do estranho caso de *'Bridey Murphy'* — a jovem dona de casa americana que, durante repetidas sessões sob hipnose, tinha experienciado em detalhe vívido e preciso a vida de uma jovem rapariga irlandesa com esse nome no século dezanove. Conhecia vagamente vários outros casos bizarros, todos aparentemente inexplicáveis, de pessoas sob hipnose a falar em línguas que nunca tinham aprendido, ou a mostrar um conhecimento íntimo de países que nunca tinham visitado e períodos históricos de que mal tinham ouvido falar.

Fui então para Cardiff iniciar a minha investigação sobre estas alegações. O que se tornou, de facto, foi uma investigação sobre a própria mente humana. Foi uma experiência inquietante ouvir uma mulher que nunca estivera em Iorque a reviver, com detalhe notável e terror genuíno, as experiências de uma jovem judia em Iorque durante o grande Massacre Judaico; ou um homem que nunca estivera no mar em toda a sua vida (ou nesta vida, dever-se-ia talvez dizer) a experienciar uma batalha naval numa fragata britânica a bloquear a

costa francesa durante as guerras napoleónicas, e a ver a sua perna ser decepada por um tiro.

Jeff Iverson e eu seguimos o rasto até onde conseguimos. Visitámos locais onde estas "regressões" se situavam. Verificámos e comparámos dados com factos históricos conhecidos ou presumíveis. Falámos com historiadores, arqueólogos, arquivistas, psicólogos. Escavámos e explorámos, questionámos e debatemos.

Eram os detalhes precisos? Onde e como poderiam estas pessoas ter adquirido o detalhe de época que brotava das suas mentes sob hipnose? Poderia ser uma farsa deliberada? E se não — haveria uma explicação racional para este fenómeno? Memória racial? Sonhos? Ou memórias ocultas a vir à superfície da mente vindas do profundo subconsciente?

E o resultado desta jornada de investigação? Isso deve caber a cada leitor individual deste livro decidir. Mas para mim, pelo menos, há uma conclusão incontrovertível — que a mente humana é algo infinitamente mais complexo, misterioso e fascinante do que possamos sequer imaginar.

Magnus Magnusson

Introdução

Arnall Bloxham

Ainda em criança, Arnall Bloxham convenceu-se de que já tinha vivido antes. Na viragem do século, o sono do jovem Bloxham fora frequentemente perturbado por pesadelos, sonhos de eras passadas, pessoas e lugares totalmente desconhecidos para ele nas horas de vigília. Mais tarde, passou a acreditar que estes sonhos eram cenas de uma vida passada; que, tal como aquelas crianças mais recentemente descritas pelo psicólogo americano, Professor Ian Stevenson,* ele nascera com alguma memória de outra encarnação.

Bloxham recordou: "Por vezes os sonhos eram muito agradáveis e outros eram muito perturbadores. E eu costumava acordar a uivar ou a gritar de terror quando era rapaz. Não era uma coisa agradável, ser capaz de recordar — mas, claro, eu não tinha controlo sobre os sonhos, e costumava ter de pedir à minha governanta ou a alguém que segurasse a minha mão quando ia dormir, porque tinha medo do que ia acontecer a seguir."

Muito mais tarde na vida, Bloxham acredita ter encontrado acidentalmente um local que conhecia dos seus sonhos, um lugar que fora a sua casa nalguma vida passada — "Estava a levar a minha tia e a minha madrasta a passear pelo campo, estávamos em Cotswolds, quando subitamente senti 'esta é a mesmíssima estrada com que eu costumava sonhar'."

"Era no fundo de uma colina íngreme, com árvores de ambos os lados, e a estrada era amarela e muito poeirenta — e nos sonhos eu sentia-me sempre muito mal porque viajava numa carruagem que estava suspensa por correias, correias de couro, que faziam a carruagem baloiçar e eu sentia-me muito enjoado. E eu sabia que se descêssemos a colina íngreme, virássemos à direita, em cerca de meia milha ou pouco mais chegaríamos a duas torres e portões de ferro."

"E assim fizemos e chegámos ao castelo de Sudeley e percebi que era ali que eu tinha vivido outrora — atrás daqueles portões de ferro."

Nessa visita, os portões do castelo permaneceram trancados — não estava aberto ao público, nem mesmo a residentes reencarnados. Mais tarde, Bloxham diz que voltou lá com a sua esposa e um amigo. Foi capaz de lhes mostrar tudo sem um guia, e de os levar a uma janela isabelina que ele "sabia" estar lá.

O jovem Bloxham cresceu em Pershore, Worcestershire, uma pequena cidade rural onde a horticultura e o cultivo de ameixas eram as principais ocupações. Enquanto ainda era aluno na Worcester Royal Grammar School, interessou-se pelo hipnotismo, referido naqueles dias como "Mesmerismo", e quando um amigo da escola se queixou de uma dor de cabeça, o jovem Bloxham viu nisso uma oportunidade para usar a sua habilidade. Nunca duvidou por um segundo que funcionaria e foi o seu primeiro sucesso como hipnoterapeuta.

** Consultar a introdução do Professor Stevenson a Second Time Round de E. W. Ryall, 1974.*

Bloxham pretendia tornar-se médico, e continuou com o seu estudo do Mesmerismo, que pensava poder ser uma capacidade útil para um homem da medicina possuir. Depois, quando tinha dezoito anos, a guerra de 1914-18 interveio e Arnall Bloxham juntou-se à Marinha e serviu a bordo de draga-minas.

Mas as suas ambições de ser médico colapsaram. Tendo adoecido com febre tifoide, foi-lhe assegurado que, por poder ser portador de infeção, nunca poderia trabalhar num hospital.

O médico frustrado tornou-se hipnoterapeuta e, à parte do serviço naval em ambas as guerras mundiais, praticou a arte de curar sob hipnose por mais de quarenta anos, muitos deles em Christchurch, na Nova Zelândia.

Bloxham fixou-se finalmente em Cardiff, no sul do País de Gales, porque, como tenente naval na Segunda Guerra Mundial, foi colocado no porto galês. Quando a guerra terminou, ele ficou e logo começou a praticar hipnoterapia novamente. Bloxham e a sua segunda esposa, Dulcie, causaram um impacto considerável na cidade de Cardiff. A sua reputação como hipnoterapeuta cresceu rapidamente, os pacientes começaram a ser-lhe encaminhados por médicos e psiquiatras, deu palestras públicas e apareceu na televisão, juntamente com um dentista e um paciente voluntário, para demonstrar que dentes podiam ser extraídos usando o hipnotismo como anestésico.

"Gradualmente, houve uma grande mudança na atitude da profissão médica em relação à hipnose. No início era-lhes inaceitável e os médicos olhavam para nós com alguma desconfiança. Mais tarde, os médicos enviavam membros das suas próprias famílias a mim para tratamento, mas pareciam relutantes em encaminhar pacientes comuns. Achei isto um pouco hipócrita. Mas hoje em dia a hipnose é perfeitamente aceite, é usada em hospitais, e os médicos até têm vindo ter comigo para perguntar se eu lhes ensinaria a hipnotizar. Talvez devido à forma como as coisas eram no passado, recusei passar-lhes os meus segredos individualmente, embora fossem sempre bem-vindos a assistir às minhas palestras."

Hoje em dia, a hipnoterapia é reconhecida e Bloxham é Presidente da Sociedade Britânica de Hipnoterapeutas, sucedendo em 1972 a T. G. Warne-Berisford, que fundara a sociedade em 1950.

Mas em Cardiff, a reputação de Bloxham fundou-se não tanto na hipnoterapia, mas no interesse que ele criou na reencarnação e na filosofia oriental. Ser um hipnotizador profissional parecia suficientemente estranho para os seus vizinhos, mas uma vez a cada três semanas Bloxham abria a sua casa labiríntica para cerca de trinta amigos e alguns completos estranhos e realizava uma das suas "sessões". Dulcie Bloxham servia chá e bolachas e Arnall Bloxham passava gravações de áudio de pessoas que ele tinha

hipnotizado e feito regredir a "existências anteriores". Depois, respondia a perguntas e falava ao seu público sobre reencarnação e a Lei do Karma.

Para alguns, ele parecia um mero excêntrico, mas para outros era uma espécie de mago — Arnall e Dulcie Bloxham, numa parte improvável do mundo, despertaram um interesse real na filosofia oculta.

"Eu não realizava quaisquer demonstrações de hipnose para eles — de facto, desaprovo fortemente o hipnotismo de palco e esse tipo de coisas. É um assunto demasiado sério e demasiado perigoso para ser usado dessa forma; nunca se poderia ter a certeza, com muita gente num palco público, de que se tinha removido todo o poder de sugestão das suas mentes. Houve um homem a quem um hipnotizador de palco disse que ele adormeceria sempre que uma certa melodia fosse tocada — mais tarde, quando ouviu a melodia no rádio do carro, conduziu contra uma parede de tijolo."

"O que eu fazia era passar cassetes e explicar as coisas às pessoas que queriam vir ouvir. Estas sessões podem ter sido uma forma pouco ortodoxa de fazer as pessoas pensar, mas nada do que foi bom foi alguma vez apenas ortodoxo. Ninguém se tornou milionário por ser ortodoxo. Temos de considerar o ortodoxo e dizer 'será que isto serve para alguma coisa?' e normalmente a resposta é 'não'."

Esta série de reuniões, única na vida social de Cardiff, terminou com a morte súbita de Dulcie Bloxham. Ela fora o grande apoio de Arnall Bloxham e, na década de 1960, tentara tornar o seu trabalho sobre regressões conhecido por um público mais vasto escrevendo um livro, *Who was Ann Ockenden?*, a história de uma professora primária que Bloxham fizera regredir a sete "vidas" diferentes, mas não causou um grande impacto.

Desde a morte dela, Bloxham, por vezes com a saúde debilitada, tem vivido sozinho, mas apoiado por visitas frequentes de um grupo leal de seguidores de Cardiff e de mais longe. Uma boa amiga, uma médium do sul da Inglaterra, faz viagens frequentes para ficar com o velho senhor, chegando por vezes sem aviso prévio, tendo feito as malas e partido de Weymouth a toda a pressa após receber uma "mensagem psíquica" de que Bloxham não estava muito bem.

Ao longo da sua vida, Bloxham acreditou na reencarnação, mas as suas experiências com regressões a "uma vida passada" começaram apenas tarde na sua carreira.

"Não começou simplesmente como uma experiência, por curiosidade, porque sou um pouco cauteloso quanto a experimentar com a mente — não se andaria a picar com um alfinete o funcionamento de um relógio, a menos que se tivesse a certeza do que se estava a fazer e se tivesse uma boa razão. Mas esta primeira regressão surgiu do tratamento de um paciente."

"Tive um homem que veio ter comigo porque era um hipocondríaco. Profissionalmente era farmacêutico e, claro, ele nunca deveria ter sido farmacêutico — cada vez que via um rótulo num frasco que dizia 'tem dores nas costas?', ou mencionava os sintomas de bursite, ele dizia para si mesmo: 'eu tenho isso tudo!'. E depois tomava os seus próprios medicamentos para curar estas doenças imaginárias."

"Quando ele veio ver-me estava num estado terrível. Escrevi uma lista de todas as coisas que ele dizia ter de errado consigo e pensei: 'Este sujeito parece ter todos os males de que alguma vez ouvi falar'."

"De qualquer forma, coloquei-o sob hipnose e acabei por curá-lo de toda esta hipocondria. Mas depois a sua esposa disse: 'Resta uma coisa. Ele tem um medo terrível de morrer. Por vezes tenho de o embalar nos meus braços à noite e ele soluça como uma criança com o medo da morte. Ele tem medo de ir dormir para o caso de não acordar'."

Bloxham refletiu sobre o problema do seu paciente. Ao contrário da cura para as doenças imaginárias, ele não podia hipnotizar o farmacêutico e assegurar-lhe que este não iria morrer! Mas para Bloxham a solução era, no entanto, simples.

"Disse à mulher dele — 'Sim, eu posso curá-lo. Vou colocá-lo sob hipnose e fazê-lo perceber que já viveu antes. Portanto, se ele viveu antes, viverá novamente'."

"E funcionou, absolutamente; a sua visão completa da vida mudou. Ele deixou de ter medo da morte. Sabes, a morte, como parte da nossa religião ocidental, não parece oferecer muita esperança às pessoas que têm medo de serem completamente aniquiladas."

Sob hipnose, o farmacêutico disse a Bloxham que era filho de um capitão de navio, cuja família se mudara para Londres no século dezassete. Mas o capitão e a sua esposa morreram, aparentemente devido à peste, e o filho casou-se rapidamente. O seu novo problema era que ele e a mulher estavam sempre a discutir, geralmente devido à relutância do homem em trabalhar.

Bloxham contou-me que, durante esta primeira regressão, decidiu experimentar — "Queria ver quão fiável era a regressão. Queria saber se conseguia encorajar o homem a dizer-me uma mentira."

O hipnotizador sugeriu ao farmacêutico que ele poderia ter sido um salteador de estrada. Houve incerteza por um momento e o farmacêutico disse — "Essa pergunta que me fizeste. Eu nunca fui um salteador, mas quando era miúdo costumávamos ir para a floresta e fingir que assaltávamos as pessoas. Mas nunca o fizemos."

A partir de experiências semelhantes com técnicas de questionamento, Bloxham acredita que, embora uma pessoa hipnotizada possa ser levada a fantasiar, é possível, se o hipnotizador se mantiver neutro e discreto, assegurar uma regressão que seja inteiramente a memória própria do sujeito de uma vida passada.

E ele acredita que tornar-se consciente de uma vida passada pode ser uma experiência benéfica.

"A maioria das pessoas que foram submetidas a regressão descobre que isso as ajuda imenso. Se consegues recordar-te de fazer coisas numa vida anterior, bem, provavelmente consegues fazê-las nesta. O passado é muito importante — afinal de contas, se não te conseguisses lembrar de viver o dia de ontem, não saberias grande coisa hoje. E se não te consegues lembrar das tuas vidas anteriores, bem, não saberás tanto quanto poderias."

"Acho que todos os grandes músicos e grandes artistas do passado talvez estivessem conscientes de ter vivido antes e é por isso que se tornam prodígios em idade muito precoce."

O próprio Bloxham, na sua juventude, era um excelente pintor natural. Nunca teve qualquer instrução e acredita que a sua habilidade com o pincel provém de conhecimentos adquiridos numa vida anterior. Vários retratos de grande estilo permanecem ainda na sua casa e assemelham-se fortemente à obra do pintor vitoriano Edward Burne-Jones, cuja obra, diz Bloxham, ele nunca estudou.

Hoje, o hipnotizador define-se como um cristão que acredita na reencarnação e na Lei do Karma — "Penso que, com o passar do tempo, alcançamos o estado do Absoluto, em que podemos fazer quase tudo sem termos de aprender nesta vida — não precisamos de renascer nessa altura."

"Na verdade, não importa se as pessoas acreditam ou não na reencarnação. Todas as pessoas renascem. É a lei da vida — de nascimento e renascimento. E se as pessoas apenas se fizessem a pergunta — 'Quem sou eu, o eu eterno, que viveu antes?' — então começariam a lembrar-se de vidas anteriores. Mas se pensas que quando morres vais para a cova e esse é o teu fim — naturalmente não contemplas a possibilidade de viver novamente."

"É necessária concentração, contemplação e meditação — três coisas que nós, no Ocidente, habitualmente não fazemos. Mas se te conseguisses lembrar de várias vidas, tornar-te-ias quase uma pessoa de várias identidades; recordar-te-ias de talentos e capacidades do passado aprendidos em vidas anteriores."

"Eu sou efetivamente cristão e, claro, um cristão não precisa de acreditar em nada em particular. Uma das grandes vantagens de, por exemplo, a Igreja de Inglaterra, é que não tem visões estreitas. Podes acreditar no que quiseres. E por isso, acredito na reencarnação."

"Também acredito que Cristo ensinou a reencarnação e não creio que o cristianismo religioso de hoje seja nada parecido com o tipo de coisas que Cristo ensinou. A Igreja de Roma começou a retocá-lo e a torná-lo numa coisa bastante diferente. Sabes, muito da nossa religião é dogma — o inimigo do progresso e do conhecimento."

Bloxham defenderá vigorosamente a sua crença na reencarnação e nas regressões. Mas aceita que, ocasionalmente, durante uma regressão, uma pessoa hipnotizada pareça cometer um erro ao falar sobre um tempo passado. "Algumas discrepâncias são inevitáveis, porque é apenas uma questão de memória. Mesmo que uma pessoa esteja a fazer um exame de licenciatura, pode na mesma enganar-se nas coisas."

A memória pode ser falível, admite Bloxham, especialmente quando é lançada para trás ao longo de centenas de anos, mas os erros nas suas regressões não são normalmente atribuídos à pessoa hipnotizada — "Podes verificar estas coisas com a história, mas muita história é escrita com uma caneta política, um viés numa direção qualquer, religiosa ou outra. Muito do que se lê na história não é verdade — tenho a certeza disso!"

Questionado se é possível que os seus sujeitos hipnotizados estejam a ornamentar uma fantasia em torno de alguma história histórica esquecida, ouvida há muito tempo, Bloxham acredita ter a resposta — que pode

demonstrar que a memória de uma vida passada é distinta de qualquer fundo de memória normalmente adquirido nesta vida.

"Fiz perguntas a pessoas hipnotizadas sobre um período da história que elas conhecem muito bem. Mas as respostas que obtive diferem completamente daquilo que leram sobre o assunto nesta vida. Se eu lhes sugerir algo que possa ser historicamente aceitável, mas que seja contrário ao que está a acontecer na sua vida anterior, elas negá-lo-ão."

E o que dá às *Bloxham Tapes* um verdadeiro sentimento de realidade, insiste o hipnotizador, não é a nata da sua coleção — aquelas regressões que podem ser utilmente escrutinadas em detalhe por historiadores — mas sim o resto.

"A maioria das minhas cassetes são de pessoas mortalmente aborrecidas e comuns que viveram e morreram sem terem feito absolutamente nada — talvez tenham sido donas de casa e nunca nada aconteceu. As cassetes de que as pessoas ouvem falar são apenas os pontos altos das minhas investigações."

Capítulo 1

I Ele Assistiu à execução de Carlos I

O meu primeiro encontro com Arnall Bloxham foi em outubro de 1974. Fui a sua casa para ver se valeria a pena propor à BBC um programa de televisão sobre este velho lendário.

Todo o contexto do nosso encontro pareceu bizarro. Numa conversa informal numa festa, uma mulher que disse ser astróloga — a primeira da sua espécie que alguma vez conheci — instou-me a ver Bloxham. Eu tinha ouvido falar dele, mas confessei que ele estivera tanto tempo fora das manchetes que pensei que estivesse morto.

Na verdade, Arnall Bloxham revelou estar bem vivo. Era um homem pequeno, de cabelo branco e impecavelmente vestido com uma rosa na lapela. As suas feições eram pequenas, quase de pássaro, com uma impassibilidade que era perfeitamente oriental. A sua voz e maneira de ser, calmas e precisas,

devem ter inspirado confiança no seu consultório. Embora tivesse quase oitenta anos de idade, ainda tratava numerosos pacientes.

Na casa antiga e algo solitária de Bloxham, nos arredores de Cardiff, foi-nos servido chá por outra senhora de meia-idade, amiga de Bloxham, que disse ser uma "médium psíquica". Um pouco mais tarde, a pedido algo divertido de Bloxham, ela pôs a mão na minha testa, fechou os olhos e pronunciou que, em encarnações anteriores, eu fora outrora um mouro e, mais tarde, um alquimista francês. Ambas as vidas terminaram violentamente!

Não dei importância. Médiuns e a parafernália de tabuleiros *ouija* e folhas de chá nunca me fascinaram. Naquela fase, não estava muito otimista de que o Sr. Bloxham e a sua hipnose me rendessem grande coisa. A minha impressão sobre a estranheza do encontro foi acentuada pelo cenário. Estávamos sentados na sala de estar do hipnotizador, que tem uma bela cama de dossel onde ele dorme e, na parede, uma máscara mortuária de um nobre que se diz ter sido assassinado nessa mesma cama. O seu divã de hipnotizador era uma antiga cadeira bárdica galesa em carvalho esculpido. E o próprio Bloxham sentou-se ao lado de uma pequena mesa antiga, empilhada com gravações de áudio em caixas cuidadosamente etiquetadas.

Quando lhe perguntei sobre elas, disse-me, muito naturalmente, que ao longo dos vinte anos anteriores tinha gravado mais de quatrocentas provas de reencarnação. Sob repetidas sessões de hipnose, alguns dos seus sujeitos tinham regredido a nada menos que catorze existências distintas espalhadas ao longo dos séculos.

Entretanto, eu tinha feito algumas leituras de contextualização e pensei: se a afirmação de Bloxham for verdadeira, então as suas cassetes são possivelmente a maior investigação alguma vez registada sobre este fenómeno de regressão sob hipnose. Se fosse verdade, então aquele único caso famoso de regressão, publicado em 1954 em *The Search for Bridey Murphy*, era apenas uma melodia num violino irlandês comparada com a sua sinfonia de vozes.

Ele parecia um homem honesto e equilibrado, mas era muito para aceitar apenas por confiança. Depois, tão casualmente como se me estivesse a dizer onde as pessoas tinham ido de férias, contou-me sobre um relato de uma testemunha ocular do Grande Incêndio de Londres em setembro de 1666, e sobre alguém que vivera na Idade da Pedra.

Passou parte de uma gravação em que uma mulher revivia o facto de ser uma vítima do massacre de judeus em Iorque no século doze. A sua descrição agonizante de violência, fogo e a morte da sua filha e de si própria foi, francamente, de arrepiar os cabelos. Mas aceitei-a como se estivesse a ouvir uma peça de teatro muito dramática — até então eu não sabia o suficiente sobre o contexto histórico, a mulher envolvida ou Arnall Bloxham.

Mas um nome que ele mencionou decidiu o meu passo seguinte: ele disse que, anos antes, tinha hipnotizado e feito regredir um jovem fotógrafo de imprensa chamado John Pike. Ora, aconteceu que eu conhecia um operador de câmara de cinema chamado John Pike, que tinha feito alguns documentários de televisão notáveis e completado missões no Vietname e em Belfast. Ele estava de volta a Cardiff e não era o tipo de homem que eu imaginava que ficasse muito impressionado com teorias de reencarnação.

Alguns dias depois, consegui sentar-me e conversar com ele. Durante uma bebida, ele ainda recordava claramente a sua visita ao hipnotizador, embora a gravação que ouvi posteriormente estivesse datada de 3 de outubro de 1957.

Nos seus primeiros tempos como fotógrafo de imprensa, Pike foi com um repórter local visitar Bloxham para um artigo de jornal sobre o sobrenatural. Bloxham, na sua forma calma habitual, respondeu às perguntas deles sobre reencarnação sugerindo uma demonstração. Primeiro, hipnotizou o repórter e gravou uma regressão. E depois repetiu o processo com o fotógrafo.

Pike recordou que o repórter regredira para se tornar um advogado a defender um rapaz do campo num tribunal de comarca em Inglaterra, há mais de cem anos. O rapaz foi considerado culpado de roubo e condenado a deportação. O "advogado" ficou então irritado com as perguntas de Bloxham. Primeiro, o hipnotizador não estava familiarizado com o nome de um juiz notável da época e, segundo, Bloxham aparentemente sugeriu que, como a sentença parecia severa, o rapaz poderia apelar. "Apelar, apelar, o que é apelar?" foi a resposta zangada.

Isso foi intrigante, porque logo descobri que, de facto, nunca houve qualquer direito de recurso sob a lei inglesa até aos *Judicature Acts* de 1873. O "advogado" tivera razão.

John Pike disse-me que não ficou impressionado com a prestação do seu colega. Pensou, na altura, que o repórter estava a "fazer fita".

Mas quando foi a vez de Pike ser hipnotizado, ele viu imagens e recordou eventos que o intrigam até hoje. Gravado em cassete, Pike torna-se um agricultor rico que vive perto de Kidderminster. Ele descreve as roupas do período, as moedas da época que tinha na sua bolsa e como acabou por cavalgar até Londres no ano de 1649. Em Whitehall, empoleirado de lado no seu cavalo, viu, por cima das cabeças de uma grande multidão e dos soldados *Roundhead*, o desenrolar de um grande evento histórico — a execução do Rei Carlos I de Inglaterra.

John Pike lembra-se vividamente de que, quando o machado caiu, ele estremeceu e desviou o olhar.

Após este encontro com Pike, voltei a visitar Bloxham e, ao longo de um período de semanas, ouvi, não sem ceticismo, gravações de áudio de uma variedade espantosa de regressões.

Houve uma dona de casa comum que, quando hipnotizada, cruzou a barreira do sexo e, num sotaque rural vastamente diferente do seu, tornou-se um rapaz de quinta analfabeto. O ponto alto das vidas destes rapazes rústicos era beber na taberna local e tentar convencer as criadas a subir para um quarto enquanto o taverneiro estava de rosto para baixo, bêbedo na serradura.

E a descrição foliona do que se passava quando dois dos rapazes subiam com apenas uma criada poderia ter justificado uma sentença de morte para um dos "rapazes" naqueles tempos longínquos — o sexo retal foi um crime passível de enforcamento na *Merrie England* até 1861.

Outras pessoas hipnotizadas choraram sobre traumas em existências insignificantes e houve batalhas revividas com uma ferocidade e envolvimento que teriam ganho prémios se os papéis tivessem sido interpretados num palco.

Um homem que recuou até uma espécie de Idade da Pedra tentou descrever a aparência das pessoas, insistindo que nunca tinha visto ninguém com uma cor de cabelo que se pudesse remotamente ajustar à descrição de "cinzento". Bloxham interpretou isto como significando que, naqueles velhos e maus tempos, ninguém vivia tempo suficiente para ficar com o cabelo grisalho.

Fiquei fascinado com tudo isto, mas ainda muito inquieto. Haveria alguma hipótese de provar sequer uma probabilidade de que qualquer uma destas quatrocentas chamadas "existências" tivesse realmente acontecido?

Comecei a ler livros sobre psicologia e hipnotismo. Falei com psicólogos sobre esta forma particular de regressão sob hipnose e obtive uma receção mista. Um admitiu candidamente que, em termos reais, quase nada se sabe sobre o funcionamento interno da mente subconsciente — uma conclusão que as minhas leituras pareciam confirmar.

Mas a maioria dizia a mesma coisa — "Ah, sim. Isto é criptomnésia", o que significa que o sujeito ornamentou uma fantasia, provavelmente sobre algum evento de que leu ou ouviu falar anteriormente, exceto que se esqueceu genuinamente de alguma vez ter tido qualquer conhecimento prévio sobre o assunto.

Um psiquiatra atirou-me com o termo "criptomnésia" com tal brusquidão, antes de ter ouvido qualquer detalhe dos casos, que lhe disse que ele usava o termo com uma prontidão que quase equivalia a pânico. A nossa conversa não deu em nada, e só depois é que desejei ter sugerido que talvez alguns membros da sua profissão tenham receio da reencarnação porque poderiam acabar com alguém no seu divã com catorze vidas distintas para serem analisadas.

Mas eles tinham um argumento. Descobri que a reputação de Bridey Murphy, uma sensação em 1954, tinha sido muito prejudicada pela sugestão de que, em criança, o sujeito tinha ouvido falar muito sobre a vida na Irlanda do século passado por uma senhora idosa que vivia por perto, e que na verdade parecia ter-se chamado Bridey Murphy.

Então, como deveria eu proceder? Claramente, as cassetes de Bloxham não podiam ser aceites pelo seu valor facial. A resposta, pareceu-me, residia nos historiadores: em demonstrar através deles, se conseguisse, que talvez alguns dos sujeitos de Bloxham soubessem coisas que não poderiam ter colhido de livros ou histórias.

Até isso ia ser difícil. Se considerares a tua própria vida, poderias provar que exististe há vinte anos — sem recorrer ao testemunho de amigos ou familiares? E se estivéssemos a falar de uma era sem cartas de condução e registos de impostos sobre o rendimento?

Mesmo que conseguisses provar que alguém com o teu nome existiu há vinte anos, um cínico poderia dizer que estavas a assumir a existência de outra pessoa: que estavas a fantasiar sobre a vida de outra pessoa e a fingir que era a tua. Para contrariar essa sugestão — tens a certeza de que o teu conhecimento da história e da vida da tua sociedade de há vinte anos convencerá um

historiador de que estavas vivo na altura? Não poderias ter lido o que sabes num livro antes de ontem?

Naqueles primeiros dias, ponderando a minha tarefa autoproposta, quase parecia que a busca estava destinada a ser infrutífera. Críticos com mentes ocidentais, muito parecidas com a minha, tinham inevitavelmente rejeitado casos deste tipo e muitas vezes reduzido a cinzas as chamadas investigações que apontavam para a reencarnação.

Fiquei apenas um pouco confortado ao descobrir que, embora a noção de renascimento seja alheia à nossa sociedade ocidental de hoje, era aceite por setores da Igreja até tão tarde como o século seis. Muitos cristãos primitivos podiam aceitar a perspetiva com bastante equanimidade.

Eu não era um cristão primitivo — nem sequer um tardio. Mas também descobri que muitas mentes muito superiores à minha, tanto orientais como ocidentais, tinham sido crentes na reencarnação — homens tão variados como Napoleão, Benjamin Franklin e Henry Ford. Havia obviamente muito mais a dizer a favor da ideia do que eu imaginava ao início, e concluí que a minha crença ou crença potencial era irrelevante. Este fenómeno curioso das *Bloxham Tapes* teria simplesmente de ser investigado ao máximo, e o resultado falaria por si próprio.

2

Um colega na Grécia Antiga

A minha primeira tarefa com as *Bloxham Tapes* foi um processo de triagem, para descartar aquelas cassetes que eu sentia que não podiam ser investigadas ou comprovadas. Ouvir a coleção completa levaria algo como mil horas — investigar todas levaria anos.

Mas não precisei de me preocupar. A vasta maioria era de vidas vulgares e monótonas, histórias do passado mas incapazes de qualquer tipo de prova objetiva. Era interessante que, se o que os psiquiatras diziam fosse verdade e as pessoas estivessem a fantasiar sobre si próprias, então a maioria estava a situar as suas fantasias de forma modesta e surpreendentemente baixa.

A maioria das chamadas vidas anteriores era, de facto, tão comum que o próprio hipnotizador se aborreceu com elas muito antes de os seus vinte anos de investigação estarem concluídos. Ultimamente, Bloxham hipnotizava e

fazia regredir apenas pessoas em quem sentia a possibilidade de uma regressão interessante ou invulgar.

Pensei em ser eu próprio hipnotizado para ver se isso provaria alguma coisa, mas rejeitei a ideia, suspeitando, correta ou incorretamente, que investigações sobre o trabalho de um hipnotizador feitas por um homem que ele hipnotizou careceriam de credibilidade. Ficaria fascinado em experimentá-lo mais tarde.

Mas eu precisava de alguma prova objetiva da existência deste fenómeno. E logo após o meu primeiro encontro com Bloxham, acompanhei uma colega, Beata Lipman, que estava disposta a ser hipnotizada pela primeira vez. Para meu espanto, ela regrediu instantaneamente e descreveu uma vida como filha de um agricultor na Grécia Antiga. Teve de ser acordada rapidamente quando entrou num trabalho de parto imaginário, mas muito real, de um filho que pensava estar a gerar do seu marido grego antigo chamado Artemius.

Esta senhora nunca esteve na Grécia nem teve qualquer interesse pela história grega. Historicamente, sempre achou os gregos "um grupo muito aborrecido".

Esta foi a primeira vez que vi Bloxham trabalhar e não houve absolutamente nenhumas perguntas indutoras, nem antes nem durante a sessão. Ele simplesmente convidou o sujeito, quando hipnotizado, a "voltar atrás no tempo"... e lá foi ela.

Depois, ela contou-me sobre uma série de imagens e visões de si própria que tanto a espantaram que não foi capaz de as descrever totalmente ao hipnotizador. Teve pensamentos e sensações diferentes de quaisquer outros que tivesse experienciado antes, mas esteve consciente durante todo o processo da existência de Bloxham e do século vinte, e cancelou mentalmente alguns dos novos factos que lhe surgiram porque pareciam "tão implausíveis".

Gradualmente, concentrei as minhas investigações num número limitado das cassetes de Bloxham onde me parecia que os detalhes coincidiam notavelmente com períodos conhecidos mas bastante obscuros da história. Regressões, também, em que as pessoas falavam sobre cidades ou países que aparentemente nunca tinham visitado nas suas vidas atuais.

Nalguns casos, faziam afirmações contrárias aos ensinamentos correntes da história. E, no entanto, os historiadores geralmente não podiam dizer que as versões delas estavam erradas, porque pareciam estar a falar sobre lacunas no

nosso conhecimento atual — para grande surpresa de alguns eminentes professores de história.

Havia também outras pessoas cujas regressões achei fascinantes por razões muito diferentes. Por vezes, homens e mulheres bastante cultos tornavam-se analfabetos e rudes sob hipnose. Em vozes irreconhecíveis, exibiam um conhecimento de calão, termos arcaicos e uma familiaridade geral com a vida na sarjeta de uma era passada que era simplesmente espantosa.

Num dos casos, não fui a primeira pessoa a ficar impressionada. Tratava-se de um homem instruído de Swansea que regrediu duzentos anos e, num sotaque grosseiro do *West Country*, descreveu o rubor e o horror da vida como um homem recrutado à força a bordo de uma fragata de trinta e dois canhões na Marinha Britânica.

Bloxham contou-me que Lord Louis Mountbatten, antigo Primeiro Lorde do Almirantado, tinha uma cópia desta cassete em "empréstimo permanente". Investigações e as opiniões de alguns dos melhores historiadores navais da Grã-Bretanha caíram-me nas mãos como resultado do interesse do Conde Mountbatten.

Ele ficara tão fascinado pela gravação que pedira ao seu sobrinho, o Príncipe Filipe, e a alguns outros altos quadros navais que tentassem localizar o navio em que o "ajudante de artilheiro" servia numa ação contra os franceses ao largo da costa de Calais por volta do ano 1800.

Também segui o relato deste homem — uma das narrativas mais empolgantes que já ouvi — na qual ele termina, aparentemente, com a perna estilhaçada por uma bala de um navio francês.

Depois de ter feito a minha seleção de cassetes, foi interessante descobrir que uma elevada percentagem, tal como a do ajudante de artilheiro — escolhida realmente por ser tão detalhada e graficamente recordada — terminava em violência ou morte súbita.

Interessante, porque encontrei imediatamente algumas palavras escritas por uma das maiores autoridades mundiais sobre a controversa evidência da reencarnação. O Dr. Ian Stevenson, MD, da Universidade da Virgínia, escreveu: "A morte violenta encerra a vida da personalidade anterior em quarenta a oitenta por cento dos casos asiáticos. A incidência varia de uma cultura para outra... todos tendemos a recordar melhor aquilo que mais nos comoveu. Exatamente. Então, por que não deveria esta lei da mente aplicar-se igualmente às memórias de vidas anteriores nas mentes daqueles que as

possuem? Passei, de facto, a considerar esta característica como um indício da autenticidade de um caso..."

Mas este processo inicial de triagem não foi uma história de uma descoberta iluminada após outra. De todos os casos de Bloxham, apenas um parecia ser o que se poderia chamar uma "celebridade histórica". E mesmo um pareceu-me ser demais. Afinal, numa seleção aleatória de quatrocentas pessoas, é improvável que existam celebridades — e especialmente uma tão famosa como a Rainha Isabel I de Inglaterra.

Ao ouvir a cassete, notei que a senhora não parecia sofrer qualquer mudança real de voz ou personalidade da forma como os outros sofriam. E ela também parecia pensar que tinha sido ela, como "Rainha Isabel", quem causara a decapitação de Sir Walter Raleigh. Na verdade, foi o sucessor de Isabel — Jaime I. Infelizmente, abandonei a sua regressão, descartando-a como criptomnésia aliada a leituras inadequadas. Triste, porque ela acrescentava algum pimento à história com um relato da Rainha Virgem a fazer amor com Sir Walter na cabine do seu navio.

A princípio, este exemplo perturbou-me. Significaria que as outras cassetes eram igualmente suspeitas? Mas à medida que li mais sobre psicologia e hipnotismo, e observei Bloxham a fazer regressões a outras pessoas, por vezes pela primeira vez, percebi que o hipnotizador não tem praticamente controlo sobre se a voz, que parece falar do passado, é genuinamente do passado e não da imaginação. Uma maçã podre não tinha significado para as outras trezentas e noventa e nove. Elas podiam ser bastante diferentes, mas cabia-me a mim tentar prová-lo.

3

Jane Evans tem sete vidas

Comecei a trabalhar naquele que provou ser o caso consistentemente mais surpreendente da coleção de Bloxham: uma mulher que regredira a seis vidas completamente distintas. Adicionando a sua existência atual como uma mulher casada nos seus trinta e muitos anos, a trabalhar num escritório, ela conseguia falar lucidamente sobre sete identidades.

Inicialmente, fiquei impressionado porque as três primeiras cassetes que ouvi tratavam de períodos da história bem fora do conhecimento da maioria de nós. No entanto, os factos, à medida que os comecei a verificar, continuavam a bater certo. Muitos dos detalhes que ela deu, fui incapaz de acreditar até ter consultado livros de história e historiadores. E a resposta era quase sempre a mesma: "verdade" ou "poderia perfeitamente ser verdade".

Houve até alguns casos em que os historiadores disseram inicialmente: "Não, isto não é assim". Mas após mais investigações, ligaram-me a dizer que tinham mudado de opinião.

Satisfeito por haver algo por onde começar, pedi a Bloxham que arranjasse um encontro com esta senhora. Ela revelou-se uma mulher jovem, viva e inteligente. Soube que ambos tínhamos frequentado a mesma escola secundária em Newport, em Monmouthshire, mas eu era alguns anos mais velho e nenhum de nós se recordava de alguma vez ter conhecido o outro.

O meu conhecimento da escola permitiu-me verificar mais alguns factos. Tinha-me perguntado se o esboço básico das três vidas, que tanto me impressionaram, poderia ter sido colhido de um estudo avançado de história ou talvez até de francês ou latim na escola. Mas os períodos relevantes da história não faziam parte do programa no tempo dela, e ela nunca estudou história, francês ou latim num nível avançado. Ela deixou as três disciplinas

após os seus exames de *Ordinary Level* aos dezasseis anos e pouco depois abandonou a escola de vez para tirar um curso de secretariado num colégio comercial.

As três vidas em questão tiveram lugar, aparentemente, na cidade romano-britânica de *Eboracum* ou Iorque no século terceiro; novamente em Iorque como uma judia na época do massacre de 1190; e em Bourges, em França, como criada do príncipe mercador francês, Jacques Coeur, no século quinze.

Ela afirmou não ter qualquer recordação de alguma vez ter lido nada sobre a história desses locais em particular, e nunca tinha posto os pés em Iorque ou Bourges. A sua experiência total de França foi uma estadia de dois dias em Paris, no regresso da Exposição Mundial de Bruxelas em 1958. E Paris é remota de Bourges, no Vale do Loire.

Apesar desta aparente falta de familiaridade com ambos os locais, ela nomeou ruas e lugares em Iorque quando regredia como judia e, na regressão francesa, deu um relato detalhado do interior da sumptuosa casa de Jacques Coeur em Bourges, que visitei mais tarde para verificar pessoalmente.

Para completar a contagem do passado bastante surpreendente desta senhora, havia três regressões — como uma criada espanhola no tempo de Catarina de Aragão, no século dezasseis; como uma pobre costureirinha na Londres do reinado da Rainha Ana, no início do século dezassete; e como freira num convento em Maryland, EUA, na viragem do presente século.

Era uma lista formidável e fascinante. Nenhuma das vidas se sobrepunha, e o intervalo mais pequeno entre elas parecia ser de cerca de quinze anos — desde a morte da freira até à sua data de nascimento atual em 1939.

Nem ela nem Bloxham sugeriram que a lista pudesse ser exaustiva. Foi simplesmente que, após seis regressões, ela ficou "um pouco farta e assustada com tudo aquilo" e recusou-se a fazer mais.

Era, disse ela, muito cansativo — pelo menos duas das vidas terminam em morte violenta — e após uma sessão de gravação da última destas, ela saiu do consultório de Bloxham e desmaiou. Nos dias seguintes sentiu-se mal e, eventualmente, o seu marido insistiu para que ela não fizesse mais.

Quando falei com ela, tinham passado mais de cinco anos desde que fora hipnotizada pela última vez. Perguntei porque tinha sido hipnotizada em

primeiro lugar — a explicação foi bastante simples. A conduzir com o marido em Cardiff, viu um cartaz sobre Bloxham, o hipnoterapeuta: "Arnall Bloxham diz que o reumatismo é psicológico".

Tendo sofrido de artrite reumatoide mais cedo na vida, disse com algum mau humor que gostaria de conhecer qualquer hipnotizador que acreditasse poder curar o reumatismo. O marido aceitou o desafio e, através de um amigo comum, combinou um encontro com Arnall Bloxham e a sua esposa, Dulcie, que estava viva nessa altura.

Durante o chá, ela contou a Bloxham que os seus interesses incluíam ler sobre a Grécia e o Tibete — mas não conseguia explicar o que a fascinava nestes países.

Isso foi o suficiente para Bloxham e, pressentindo uma possível regressão interessante a um destes países, perguntou se ela aceitaria ser hipnotizada. Ele obteve a sua regressão interessante, sem dúvida — mas, embora tivesse tentado em seis ocasiões, o novo sujeito de Bloxham nunca proferiu uma palavra sobre a Grécia ou o Tibete!

Perguntando-me ainda se não haveria uma explicação muito direta para o seu conhecimento da Britânia Romana, da política medieval francesa e da vida como judia, perguntei se a família a tinha incentivado a ler livros sobre tais assuntos ou se talvez lhe tivessem contado histórias sobre eles.

Ela riu-se — o pai fora um soldado recruta que fugira de casa em Rotherham para escapar à tradição familiar de se tornar mineiro de carvão. No exército, foi rapidamente colocado no Sul do País de Gales e ainda lá vive. Não era um homem que lesse livros, disse ela, e não sabia nada sobre história. Nem tinha ela absorvido estas histórias da sua mãe, que fora igualmente desinteressada em tais tópicos.

Quanto ao facto de ter sido outrora uma judia, tudo o que conseguia ligar era uma avó que se dizia ser "judia". Esta senhora morrera quando a neta tinha seis anos. As duas nunca tinham vivido juntas e ela não se recordava de alguma vez se terem conhecido. O pai costumava dizer que esta boa mulher era possivelmente "mais cigana do que judia", e ela parecia uma fonte improvável para lições de história sobre os judeus da Inglaterra Medieval.

Dadas estas questões por resolvidas, perguntei se estaria disposta a ser hipnotizada e a regredir mais uma vez. Só que, desta vez, eu queria estar presente com uma câmara de filmar, bem como com um gravador.

Ela pensou no assunto durante alguns dias e depois telefonou-me a aceitar. Mas havia uma condição. Eu podia filmá-la sob hipnose, mas não publicar o seu nome verdadeiro. O marido, em particular, queria o mínimo de atenção focada no facto de a sua mulher parecer ter tido sete vidas.

Pareceu um pedido razoável, e "Jane Evans", um nome tão anónimo quanto consegui pensar, tornou-se o seu novo título.

As seis regressões de Jane Evans, com as datas correspondentes, são: Mulher de um tutor na Britânia Romana, d.C. 286. Judia em Iorque, morreu em 1190. Criada de Jacques Coeur, morreu em 1451. Criada de Catarina de Aragão, que viveu entre 1485-1536. Costureirinha londrina no reinado da Rainha Ana, que viveu entre 1665-1714. Freira em Maryland, EUA, morreu por volta de 1920. Jane Evans, nascida em 1939.

4

Uma judia do século XII

Na primeira cassete de Bloxham que ouvi, Jane Evans é hipnotizada e torna-se Rebecca. Começa com uma descrição do exterior da Catedral de Iorque (*York Minster*) — ou, como ela lhe chama, a catedral de Iorque. Rebecca, a judia, está na praça do mercado ali perto a comprar fruta e legumes. A data é "o ano cristão de 1189".

O seu marido, diz ela, é "José da semente de Ezequiel", um próspero prestamista. Rebecca e José têm ambos quarenta anos e têm dois filhos: um filho de dezoito anos, José, que ajuda nos negócios do pai, e Rachel, que tem onze.

A família vive numa casa de pedra bastante grande — "três salas grandes no andar de baixo e cinco no de cima" — a norte da cidade, uma zona de Iorque onde Rebecca diz que vive a maioria dos judeus ricos.

Ora, a história desta época está longe de ser precisa. Pouco mais do que os nomes de um punhado de judeus desta comunidade nos são conhecidos, e não se pensava que esta comunidade judaica em particular vivesse a norte da cidade, embora não haja provas reais em contrário. Hoje em dia, em Iorque, existe um parque de estacionamento municipal que cobre uma área conhecida como *Jewbury*, que foi certamente o cemitério da comunidade judaica medieval a partir de 1230, apenas quarenta anos depois. *Jewbury* fica certamente a norte — para ser mais preciso, a nordeste — por isso é

perfeitamente viável que a comunidade precedente também vivesse nessa parte da cidade.

Quanto às origens de Rebecca, diz ela que o "pai do seu pai" veio de Chipre para Iorque, mas "embora tenhamos nascido aqui, não somos ingleses — somos párias" — um ponto que ela amplia ao descrever as roupas usadas pelo marido:

Rebecca: Ele usa túnicas. Túnicas caras, mas têm de parecer que não são túnicas caras. Somos desprezados pela nossa riqueza. Eles cobiçam as nossas casas e todos temos de usar distintivos amarelos, círculos sobre os nossos corações, para mostrar que somos judeus.

Bloxham: Importas-te de ter de usar esses círculos?

Rebecca: Sim.

Bloxham: Importas-te?

Rebecca: Sim. Eles gozam connosco por causa da nossa religião. Gozam connosco porque nos purificamos, porque ensinamos os nossos filhos, porque não comemos comida impura. Eles gozam connosco. Obrigam-nos a usar estes remendos na nossa roupa para mostrar que somos judeus.

Ora, é um facto que, a partir do ano 1215, todos os judeus da Cristandade foram compelidos, por autoridade papal, a usar um distintivo significando que eram judeus. Mas poderia o uso de tal distintivo ter sido imposto mais cedo? O Professor Barrie Dobson da Universidade de Iorque, uma autoridade na história judaica deste período, assegura-me que sim: "É perfeitamente concebível que em partes da Inglaterra, ou em toda a Inglaterra, algum tipo de distintivo do tipo que ela menciona possa ter sido imposto aos judeus de Iorque no final do século doze". Mas Rebecca e a sua família tinham mais com que se preocupar do que a indignidade de serem forçados a usar um distintivo:

Bloxham: Estás feliz?

Rebecca: Somos felizes como família, mas estamos preocupados. Estamos nervosos por causa das revoltas em Chester e em Londres e Lincoln contra os judeus.

Existem referências a revoltas antijudaicas em Londres, Lincoln e Colchester, entre outras; estaria então Rebecca a confundir Chester com Colchester ou teria havido um incidente separado nessa cidade?

Bloxham: Porque há uma revolta?

Rebecca: Eles odeiam-nos sempre — sempre nos odiaram. Entre o Pentecostes e a Páscoa, a peste visitou a cidade de Iorque — duzentos cristãos morreram — nenhum judeu morreu. E eles culpam-nos. Culpam-nos. (Pausa.) Eles pedem-nos dinheiro emprestado — onde estariam eles se não fosse pelos judeus? Pedem-nos dinheiro emprestado para construir as suas catedrais e financiar as guerras na Irlanda. Onde estariam eles sem os seus judeus?

Bloxham: Há guerras na Irlanda?

Rebecca: Isto foi há dois, três anos — pediram dinheiro emprestado aos judeus para financiar as guerras. O que mais podemos fazer senão emprestar dinheiro?

É quase certo que o Rei Henrique II pediu dinheiro emprestado à comunidade judaica de prestamistas para financiar as suas expedições na Irlanda. Ele tinha anexado aquele país em 1171, mas era atormentado por insurreições e, certamente em meados da década de 1180, enviara outra expedição dispendiosa sob o comando do seu filho, o Príncipe João.

Bloxham: Quem é o rei que pediu este dinheiro emprestado?

Rebecca: Henrique Plantageneta (pausa); ele é um bom rei. É bom para os judeus. Ajuda-nos quando temos de levar os nossos casos aos tribunais pelo dinheiro que nos é devido. Em troca, damos-lhe dez (pausa) dez partes do dinheiro que voltamos a reunir.

Bloxham: Alguma vez viste o rei?

Rebecca: Não.

Isto também parece apresentar um quadro bastante preciso do Rei Henrique da Casa de Plantageneta e das suas relações com os judeus. Eles recebiam certamente proteção nos seus tribunais e sabe-se que o rei exigia um pagamento por isso. Mas Rebecca fala no ano da morte de Henrique e já se estão a formar forças dentro desta sociedade medieval que em breve terão uma consequência trágica para os judeus de Iorque.

Bloxham: Tendes uma sinagoga?

Rebecca: Sim.

Bloxham: Talvez seja uma pequena?

Rebecca: Sim, eles não nos permitem muito. Não somos de todo reconhecidos por eles. (Pausa e depois com raiva.) Eles aceitam o nosso dinheiro, mas não nos reconhecem de todo. Um judeu não tem permissão para entrar no exército ou possuir terras sob regime feudal, por isso, o que mais podemos fazer senão emprestar dinheiro. Não nos deixam entrar no exército ou ir para o comércio, o que mais podemos fazer?

Bloxham: Então nenhum dos judeus está no comércio aí?

Rebecca: Vendilhões, não comerciantes.

Bloxham: Tem havido alguns acontecimentos ultimamente?

Rebecca: Sim. Um padre do Papa cristão veio, pedindo — veio à praça do mercado — pedindo aos homens que cosessem cruzes nas suas túnicas e fossem lutar contra os infiéis que tomaram Jerusalém. E disse-lhes para levantarem os braços contra os infiéis e se juntarem aos exércitos — para se juntarem aos exércitos na Terra Santa.

Bloxham: Viste esse representante do Papa?

Rebecca: Sim.

Bloxham: Como era ele?

Rebecca: Apenas um padre.

Bloxham: Sabes o nome dele?

Rebecca: Massotti (pausa) Massotti — E quando ele disse "tomai as vossas armas contra os infiéis", as pessoas na multidão disseram "e quanto aos infiéis em Iorque, todos os judeus são infiéis". E estamos assustados, estamos assustados. (Pausa.) O meu marido enviou dinheiro para fora de Iorque para o nosso tio em Lincoln, para o caso de algo terrível acontecer. O Rei Henrique é bom para nós, mas o Rei Henrique está a ficar velho — onde estaríamos se fosse outra pessoa que não o Henrique?

Bloxham: Sabes que homens vão para a Terra Santa lutar contra os infiéis?

Rebecca: Não, apenas os homens da cidade. Acho que vão apenas pelo dinheiro e provavelmente para fugirem das suas mulheres.

Bloxham: Achas que querem fugir das suas mulheres?

Rebecca: Sim, eles não são tão próximos nas suas famílias como nós somos. Não têm vida familiar como a nossa.

De facto, Rebecca parece estar a descrever os acontecimentos que levaram à Terceira Cruzada, que estaria em curso dentro de um ano, após dois anos de preparação, e com o próximo Rei de Inglaterra, Ricardo Coração de Leão, à sua frente. Historicamente, sabe-se que o sentimento antijudaico, bem como o antimuçulmano, estava a ser fustigado. Uma histeria de massa sobre "os infiéis" estava a varrer a França e a Inglaterra e houve numerosos motins e assassinatos. Os judeus eram vistos como "inimigos de Cristo", e o próprio Papa, por escrito, alertou os ingleses sobre a sua "influência corruptora nas almas cristãs". Os padres participaram certamente na retórica inflamada que levou à Terceira Cruzada, mas não consegui descobrir se um padre chamado Massotti foi um dos agitadores da plebe que veio a Iorque.

Outro ponto intrigante é a referência de Rebecca ao envio de dinheiro para "o nosso tio em Lincoln". Havia certamente laços estreitos entre as comunidades de prestamistas judeus de Iorque e Lincoln, tanto que o Professor Dobson, no seu *The Jews of Medieval York and the Massacre of March, 1190,* sugere que a comunidade de negócios de Iorque pode ter tido origem como uma ramificação das atividades de empréstimo de um tal "Aarão de Lincoln".

No seu artigo — publicado em 1974, alguns anos após a regressão de Rebecca — o Professor Dobson permite-nos conjeturar ainda mais. Refere-se especificamente aos conhecidos laços estreitos entre os judeus de Lincoln e um líder da comunidade de Iorque, José ou "Josce" de Iorque, um prestamista rico:

O nome de Josce é mencionado pela primeira vez num título de dívida judaico não datado, ou *Starr*, de Aarão de Lincoln... Pelas razões já discutidas, parece inteiramente apropriado que esta primeira referência indiscutível ao empréstimo de dinheiro por um judeu de Iorque ocorra num documento que torna clara a subordinação financeira desse judeu a Aarão de Lincoln. No entanto, no ano seguinte (1176-7), Josce de Iorque revela-se um importante financista por direito próprio...

Poderia então este José de Iorque ser o marido de Rebecca? Com quarenta anos em 1189, ele poderia perfeitamente ter estado a emprestar dinheiro no final dos seus vinte anos, na data indicada pelo Professor Dobson.

Ao início, uma referência na *Jewish Encyclopaedia* pareceu excluir esta possibilidade. Há uma menção à esposa de José como sendo "Hannah", e uma referência ao facto de ele ter deixado um "filho Aarão que mais tarde se tornou o Grão-Rabino no reino durante o reinado de Henrique III".

Mas estes detalhes familiares são mais do que suspeitos. José não teve um filho chamado Aarão. O Professor Dobson escreve: "Longe de ser, como habitualmente se pensa, o filho do Josce de Iorque que fora martirizado em março de 1190, o próprio grande Aarão de Eboraco mudara-se de Lincoln para a cidade vários anos após o massacre".

Na verdade, outros historiadores confirmaram que Aarão era "filho de Josce", mas não de "Josce de Iorque". Portanto, talvez "Josce de Iorque" fosse, afinal, o marido de Rebecca.

Contudo, José não era um nome invulgar para um judeu, e o marido de Rebecca poderia igualmente ser suposto como algum outro membro da bastante numerosa comunidade de Iorque.

Bloxham: Quem são as pessoas importantes em redor de Iorque?

Rebecca: Não sei.

Bloxham: Quem dizem ser importante? Deves ter ouvido o teu marido falar sobre eles?

Rebecca: Apenas pessoas judias. (Pausa.) Havia um homem chamado Mabelise.

Bloxham: Qual era o nome dele?

Rebecca: Mabelise — ele devia dinheiro ao meu marido e tivemos de levá-lo às *Assizes* [tribunais de comarca] para reaver o dinheiro. E ganhámos o caso.

Bloxham: O que é que Mabelise fazia?

Rebecca: (veementemente) Mabelise. Ele odeia-nos ainda mais. Eles todos nos odeiam. (Pausa.) Fortificámos — fortificámos as nossas janelas e as nossas portas e as portas do nosso pátio. E estamos sempre vigilantes. (Pausa.) Alguns de nós até tiraram os remendos amarelos e andam pela cidade à noite para cobrar as nossas dívidas, porque estamos assustados.

Bloxham: O que é que esse homem fazia da vida, esse que vos pediu dinheiro emprestado?

Rebecca: Mabelise?

Bloxham: Era um comerciante?

Rebecca: Não. É um homem jovem. Ele apenas queria dinheiro e o meu marido deixou-o ficar com o dinheiro, mas ele não nos pagava de volta.

Aqui Rebecca parece estar a falar de um homem rotulado pelos cronistas da época do Massacre de Iorque como o "arquiconspirador contra os judeus" — um tal Richard Malebisse, um nome quase idêntico ao "Mabelise" de Rebecca.

Este homem foi posteriormente multado e banido pelo seu papel no massacre dos judeus. Afirma-se que este nobre menor de Iorque lhes devia dinheiro e estava tão relutante em fazer os pagamentos que tentou apagar as suas dívidas assassinando os seus credores.

O marido de Rebecca, José, pode não ser conclusivamente uma referência a "Josce de Iorque", mas há poucas dúvidas de que o seu "Mabelise" era um nobre odiado, referido pelo cronista medieval Guilherme de Newburgh como "Ricardo, justamente chamado *Mala Bestia*" ou "besta maligna".

Hoje, o nome de Malebisse sobrevive na aldeia vizinha de Yorkshire chamada Acaster Malbis e, no século doze, os judeus de Iorque tinham muito a temer dele e de outros com a mesma mentalidade:

Bloxham: Agora isto é um pouco mais tarde. O que estás a fazer agora?

Rebecca: Estamos ocupados a empacotar — a empacotar todas as nossas coisas para o caso de termos de ir — para o caso de termos de ir.

Bloxham: Achas que terás de ir?

Rebecca: Sim, todos nós estamos a fortificar as nossas casas, mas não duraremos muito. Teremos de ir, teremos de fugir de Iorque.

Bloxham: E ir para Lincoln?

Rebecca: Vamos tentar Londres, vamos tentar. Mas o Benjamim disse-nos que o pai dele foi morto em Londres — foi assassinado em Londres, por isso não sabemos o que fazer. Vamos tentar Londres.

Bloxham: Quem é o Benjamim?

Rebecca: O Benjamim está na casa ao nosso lado.

Bloxham: Mas as pessoas não vão para a Terra Santa lutar em vez de vos atacarem em Iorque?

Esta pergunta parece confirmar a admissão de Bloxham de que, nesta fase, ele nunca tinha ouvido falar do Massacre de Iorque.

Rebecca: Sim, mas tudo isso agita as coisas. Agita os problemas e agora que o Henrique morreu...

Bloxham: (interrompendo) O Henrique morreu?

Rebecca: Agora que o bom Rei Henrique morreu, o Rei Ricardo está fora. O Rei Ricardo está nas Cruzadas com eles — quem nos vai ajudar agora? Não estamos sob a proteção de ninguém. Durante trinta anos fomos protegidos pelo Henrique e agora não temos ninguém para nos proteger.

Bloxham: Em que ano estamos, então?

Rebecca: 1189.

Bloxham: Queres deixar Iorque?

Rebecca: Não, não quero deixar a minha casa, mas aconteceram tantas coisas horríveis. O meu marido não me conta muitas delas, mas ouço sussurros sobre o que aconteceu a alguns judeus. Um velho judeu chamado Isaac em Coney Street, foi assassinado — foi assassinado. Antes de o matarem, obrigaram-no a comer porco e deitaram água benta na cabeça dele e depois mataram-no. E estamos assustados com o que farão a nós e aos nossos filhos. Teremos de partir.

É claro que Rebecca, conforme instruído por Bloxham, avançou a sua história para o final do ano de 1189, provavelmente outubro ou novembro. Por um lado, o Rei Henrique está morto (6 de julho) e Ricardo já está coroado (3 de setembro) e parte imediatamente para as Cruzadas. E o reinado de Henrique durou aproximadamente trinta anos, de 1154 a 1189, como Rebecca disse.

Sabe-se também que houve o assassinato de um judeu que vivia em Coney Street, mas não há detalhes. No entanto, a referência interessante é a Benjamim, que vive na porta ao lado e cujo pai foi "assassinado em Londres".

A história silencia-se sobre Benjamim, mas regista que um judeu rico de Iorque, Benedict, um associado próximo de Josce de Iorque, foi atacado durante um motim antijudaico em Londres, enquanto assistia à coroação de Ricardo em Westminster, em setembro. Trinta judeus foram mortos e Benedict ficou tão gravemente ferido que morreu em Northampton na sua viagem de regresso a Iorque.

Benedict tinha certamente "filhos", conforme registado pelos cronistas. Seria Benjamim, que vivia na porta ao lado, um destes?

E a casa de Benedict em Iorque, na qual é concebível que Benjamim vivesse, é mencionada pelos cronistas quando descrevem o início real do massacre de Iorque na primavera do ano seguinte, 1190. Foi assim que o Professor Dobson a descreveu, alguns anos após a regressão ter sido gravada:

Numa noite de tempestade, provavelmente no início de março, um bando de conspiradores armados aproveitou a confusão causada por um incêndio que eles próprios poderão ter provocado, para invadir a casa de Iorque do recentemente falecido Benedict. Depois de matarem todos os habitantes, incluindo a viúva e os filhos de Benedict, incendiaram o telhado e levaram o tesouro que ali encontraram.

Compara esse relato com o início do clímax altamente dramático da própria história de Rebecca; que também sugere com precisão que os judeus procuraram santuário no Castelo de Iorque:

Bloxham: Agora isto é mais tarde. Tiveste de partir?

Rebecca: Sim. Sim, todos tivemos de ir. Eles vieram à casa do Benjamim ao nosso lado e conseguíamos ouvir os gritos e cheirar o fumo. E tivemos de ir. O meu marido e o nosso filho a carregar dinheiro às costas em sacos — tivemos de ir — fugimos. (Pausa.) Queríamos ir para o castelo — fomos pelo caminho de trás para chegar ao castelo, mas eles estavam a perseguir-nos, por isso o meu marido rasgou um saco de prata e deixou-o cair na estrada para que as pessoas que nos perseguiam parassem de nos perseguir e apanhassem a prata, para podermos avançar um pouco à frente deles. Mas conseguíamos ouvir gritos e cheirar o queimado vindo das pessoas. Foi terrível. (Muito agitada.) E quando chegámos ao castelo, não nos deixavam entrar — e não nos deixavam entrar a não ser mesmo dentro da muralha — mas não nos davam abrigo e todas as pessoas se amontoavam lá fora a gritar para sairmos — a gritar para sairmos — e oh — terrível. A gritar e a berrar connosco.

Bloxham: O que é que eles gritavam?

Rebecca: A perguntar — a dizer-nos para sairmos e sermos mortos. Éramos infiéis, e a perguntar se tínhamos crucificado algum rapazinho e coisas horríveis — coisas terríveis que gritavam connosco.

Alegações de que os judeus se entregavam ao assassínio ritual de rapazes pequenos eram uma característica comum do antissemitismo nesta altura, e três "rapazes mártires" foram efetivamente declarados Santos em Inglaterra com base em tais acusações, geralmente infundadas.

E não nos deixavam entrar mais no castelo — estávamos apenas ali e eles ameaçavam matar-nos e gritavam — "duas peças de prata para quem matar um judeu, duas peças de prata para quem matar um judeu". E nós — eles começaram a arrombar os portões e estávamos todos ali dentro e eles não nos deixavam avançar mais e então as pessoas começaram a matar os seus próprios filhos em vez de deixarem que eles ficassem com os filhos.

Bloxham: Fizeram isso?

Este tipo de assassínio "misericordioso" foi uma das características mais pungentes do Massacre de Iorque.

Rebecca: (muito angustiada) Terrível — terrível — eles não nos deixavam entrar — prometeram que nos deixariam entrar e não nos deixavam entrar mais do que apenas dentro dos portões.

As cenas finais do massacre tiveram certamente lugar dentro da torre de menagem principal do castelo, embora seja possível que, uma vez que o cerco durou vários dias, as fases iniciais pudessem ter sido "mesmo dentro dos portões", como descrito. Isto também explicaria por que os judeus desconfiaram tanto do Condestável do Castelo que, assim que ele saiu "em negócios", se recusaram a readmiti-lo no seu próprio castelo.

Os historiadores não conseguiram explicar este estranho bloqueio e falta de confiança.

Bloxham: A Rachel está contigo?

Rebecca: Sim, e o meu filho. E conseguimos sair — alguém nos ajudou — alguém que o meu marido pagou para nos ajudar. Saímos do castelo e abrigámo-nos numa igreja cristã e nós — havia um padre e um sacristão nesta igreja e nós agarrámo-los e atámo-los e dissemos-lhes que não lhes faríamos mal desde que não contassem às pessoas que estávamos lá — e estávamos nas caves — lá em baixo, debaixo da igreja — e tínhamos tanta fome e tínhamos de comer — tudo o que conseguimos encontrar foi vinho e chamaram-nos infiéis e porcos judeus por bebermos o vinho — era vinho de sacrifício — e tivemos de beber — tínhamos sede — tínhamos sede e fome. E estamos todos aqui, conseguimos ouvir os gritos — coisas terríveis. E o padre disse-nos que tinha havido motins em Londres e Chester e que os judeus estavam a ser mortos. E o João tinha ordenado que todos os judeus fossem mortos — todos os judeus fossem mortos.

Bloxham: Oh, que horror! Mas vocês ficarão bem, não ficarão?

Rebecca: Estamos escondidos. Temos frio. Temos fome. Está húmido e conseguimos ouvir e ver do topo da igreja — conseguimos ver chamas vindas dos — mesmo à saída dos portões, os portões, os grandes portões fora de Iorque.

Bloxham: Não estás na igreja agora?

Rebecca: A igreja fica mesmo fora dos grandes portões e temos esperança de que não pensem que estamos lá — que não pensem que estamos lá. (Pausa.) Perdemos todo o nosso dinheiro.

Bloxham: Como é que o perderam todo?

Rebecca: Tivemos de dar a maior parte para sair do castelo.

Bloxham: Eles não estarão preocupados convosco agora, pois não, se não pensarem que sois ricos?

Rebecca: Eles continuam a odiar-nos.

Bloxham: Continuam?

Rebecca: Continuam a odiar-nos porque não acreditamos nas crenças deles. (Voz cheia de tensão e, numa situação desesperada, ela procura um pouco de conforto e debate em voz alta as possibilidades.) ... Mas estamos na igreja deles e a casa de Deus continua a ser a casa de Deus — mas se nos encontrarem aqui, certamente nos matarão. Mas temos de nos abrigar — o meu marido está cansado, a perna dele está ferida e lesionada — temos de descansar — temos fome.

Bloxham: Mas terás santuário na igreja, não terás?

Rebecca: Não na igreja dos cristãos — eles não nos querem aqui — disseram-nos que temos de ir, mas temo-los atados para que não consigam fugir — dissemos-lhes que não lhes faremos mal.

Bloxham: Quantos estão aí além de ti e da tua família?

Rebecca: Apenas nós.

Bloxham: E como é que conseguiram atar os outros dois?

Rebecca: O meu marido e o meu filho — nós atámo-los.

Bloxham: O que está a acontecer agora?

Rebecca: (voz de pânico) Ainda conseguimos ouvi-los a vir — conseguimos ver as chamas — do topo da igreja conseguimos ver as chamas.

Bloxham: Oh, estás no topo da igreja agora?

Rebecca: Conseguimos ver do topo da igreja, mas estamos lá dentro — e conseguimos ouvi-los a vir.

Bloxham: Que igreja em particular era esta?

Rebecca: Estava escuro... apenas nos refugiámos.

Bloxham: Não era a Catedral de Iorque, pois não?

Rebecca: Não, não — apenas uma pequena igreja fora dos portões de Iorque (voz distante como se respondesse a perguntas com dificuldade), fora do grande portão de cobre, o grande portão de cobre de Iorque, portão de cobre de Iorque (a voz desaparece e retoma com agitação e histeria crescentes). Conseguimos ouvi-los — ainda os ouvimos a gritar e estamos assustados — a Rachel está a chorar — o meu marido foi ver se conseguia encontrar comida para nós — foi ver se conseguia arranjar comida e o meu filho foi com ele — e estamos escondidos na igreja, mas ainda os conseguimos ouvir — estamos à espera que o meu filho regresse — ele ainda não veio — ainda não veio — conseguimos ouvir os ruídos a chegar, ouvimos cavalos. Cavalos a chegar cada vez mais perto — mais perto.

Bloxham: Espero que o teu filho e o teu marido voltem em breve?

Rebecca: Sim, têm de voltar, têm de voltar, estamos preocupados, estamos assustados — ouvimo-los a chegar, ouvimos os cavalos a chegar, ouvimos a gritaria e os brados e o choro — "queimem os judeus, queimem os judeus, queimem os judeus". (Pausa.) Onde está o José? Porque é que ele não volta, porque é que ele não volta? (Pausa e depois quase grita.) Oh Deus — eles vêm aí — eles — eles vêm aí — a Rachel está a chorar — não chores — não chores — não chores. (Pausa.) Ah, eles entraram na igreja — conseguimos ouvi-los — entraram na igreja — o padre está solto — o padre soltou-se — ele disse-lhes que estamos aqui — eles vêm aí — estão a descer — o padre está livre e eles estão a descer. (Pausa e voz quase incoerente de terror.) Oh, não — não, não, não a Rachel! Não, não a levem — não — parem — eles vão matá-la — eles — não — a Rachel não, não, não, não, não — a Rachel não — oh, não levem a Rachel — não, não levem a Rachel — não, no, no, no, no, não levem a Rachel — não.

Bloxham: (chocado) Eles não a vão levar, pois não?

Rebecca: (voz transbordante de dor) Levaram a Rachel — levaram a Rachel...

Bloxham: Eles não te vão fazer mal, pois vão? (Silêncio.)

Bloxham: Estás bem? Deixaram-te em paz, não deixaram?

Rebecca: Escuro... escuro.

Bloxham acorda então o seu sujeito.

5

Uma igreja com uma cripta

Decidi levar as gravações de áudio de Rebecca até Iorque para as passar ao Professor Dobson. Além disso, compararia o relato dela sobre as ruas e edifícios da Iorque do século doze com o que resta hoje da cidade medieval.

Mas houve uma tarefa que realizei primeiro — filmar a Rebecca a ser submetida a regressão sob hipnose. Disto dependeria se tentaríamos ou não fazer um filme de televisão sobre o trabalho de Bloxham.

Na manhã em que nos instalámos no seu consultório, duvidei muito das nossas hipóteses de sucesso. Éramos seis na equipa de televisão e eu tinha a certeza de que a nossa presença, mais aquelas luzes intimidantes e a câmara, tornariam impossível à mulher ser sequer hipnotizada.

Qual quê — ela parecia um pouco nervosa, mas sorriu, apertou a mão a todos e instalou-se no divã de Bloxham. Um minuto após Bloxham começar a falar, ela estava em transe.

Desta vez, para nos dar especificamente a regressão como Rebecca, Bloxham variou a sua técnica normal. Em vez de lhe dizer, de forma genérica, que ela estava a ir "atrás, atrás no tempo", instruiu-a a voltar à sua vida em Iorque.

Em breve, a respiração profunda e regular foi quebrada, a princípio hesitante, pela voz de Rebecca, a judia. Sob instrução, ela regressou à praça do mercado e deu uma descrição um pouco mais completa do que anteriormente do exterior da Catedral de Iorque — novamente com bastante precisão.

A história parece basicamente a mesma de antes — se algo, foi menos detalhada. Isto foi quase tranquilizador, porque qualquer injeção de factos obviamente novos teria talvez indicado que ela andara a ler sobre o massacre

de Iorque. Ela assegurou-me que não tinha lido nada sobre o assunto nem antes nem depois da regressão original.

Noutra ocasião, ao filmar uma segunda das suas "vidas" gravadas, escrevi algumas perguntas minhas e entreguei-as a Bloxham durante a regressão. Mas desta vez eu estava ansioso por simplesmente registar os dois, sem qualquer interferência óbvia da minha parte.

Claro que houve pequenas adições, bem como omissões, em relação à primeira hipnose como judia. Bloxham perguntou sobre a ascensão ao trono do Rei Ricardo, depois de Rebecca ter referido a morte de Henrique Plantageneta —

Bloxham: Isso (a ascensão de Ricardo) afetou-te de alguma forma?

Rebecca: (impacientemente) Claro que nos afeta — afeta-nos! O irmão dele é Arcebispo, é Arcebispo de Iorque. Ele! Estávamos seguros com o Henrique, mas agora temos de partir.

Esta era uma referência clara ao que os historiadores apelidaram de decisão "algo controversa" de Ricardo em agosto de 1189 de "eleger" o seu meio-irmão ilegítimo, Geoffrey, para a sé vacante de Iorque após um intervalo de dez anos em que não houve arcebispo.

Mas mais impressionante do que as variações entre o primeiro e o segundo relato de Rebecca sobre a Iorque medieval, era a disparidade de temperamento e de maneirismos entre Rebecca, a judia, e a simpática mulher do sul de Gales que estivera a conversar connosco anteriormente. Os outros confirmaram mais tarde a minha impressão de que Rebecca, a judia, parecia ser uma pessoa totalmente mais distante, uma senhora de não pouca dignidade, que por vezes se irritava com as sondagens de Bloxham.

"Perguntas, perguntas! Tantas perguntas, homem! Estou a tentar, estou a tentar", disse-lhe ela. Mais tarde, pareceu sentir-se positivamente insultada:

Bloxham: Como lavas a tua roupa?

Rebecca: (voz chocada) Eu não lavo roupa!

Bloxham: Não lavas a roupa?

Rebecca: Não! (Pausa.) Lavar a roupa!

Bloxham: São os teus criados que fazem isso?

Rebecca: Sim. (Com grande finalidade.)

Pareceu-nos a todos que a judia era um tipo de pessoa diferente da mulher de Cardiff. Todos ficaram presos pelo poder da sua história e as imagens filmadas captavam uma intensidade de emoção que eu anteriormente só vira atores profissionais serem capazes de reproduzir perante uma câmara. E então aconteceu — um anticlímax incrível.

Rebecca descrevia como ela e o seu filho estavam na cripta da igreja. Os soldados tinham entrado e estavam prestes a descer — ela sussurrava, quase rezando: "passem por nós, passem por nós, passem por nós — passem ao largo. Não. Pararam. Consigo ouvi-los — eles sabem que estamos aqui."

A sua voz estava cheia de terror — podia ter-se ouvido o cair de um alfinete no consultório de Bloxham. Então Bloxham, presumivelmente ansioso por fazer Rebecca repetir que o seu marido e filho estavam fora à procura de comida, perguntou: "tens fome?". E seguiu esta pergunta perguntando quando tinha ela comido pela última vez.

A única resposta de Rebecca foi um distraído "não me consigo lembrar, não me consigo lembrar". O seu rosto estava tão agitado que ela estava claramente a reviver na sua mente os seus últimos momentos na cripta e, quando Bloxham voltou à narrativa, tudo estava "escuro".

Rebecca de Iorque morrera silenciosamente na sua mente sem dizer uma palavra sobre isso à câmara, simplesmente porque lhe foi feita a pergunta errada no momento crucial. Foi extremamente dececionante, mas pelo menos Rebecca não estava a "dar espetáculo" para a câmara.

Algumas semanas depois, numa noite de domingo num quarto de hotel em Iorque, passei as cassetes ao Professor Barrie Dobson, Professor de História na Universidade de Iorque, e dei-lhe transcrições para levar e estudar.

Enquanto esperava pelo seu veredito, li a sua obra recentemente publicada sobre o massacre dos judeus em 1190. Parecia que Rebecca não tinha centrado a sua história nos factos históricos mais conhecidos — o desenrolar do drama no castelo, onde os judeus se abrigaram da multidão ululante que percorria as ruas, matando e saqueando.

Os judeus, talvez erradamente, recusaram-se a permitir que o Condestável Real reentrasse no seu próprio castelo. Ele apelou por ajuda ao Xerife de Yorkshire, John Marshall, que tomou a "decisão impetuosa de expulsar os judeus do castelo à força", usando soldados sob o seu comando.

Os soldados juntaram-se à multidão, que claramente sentiu que a presença de tropas era a sanção do rei para as suas atividades assassinas. Guilherme de Newburgh, escrevendo na época, disse que "muitos *milites*" [soldados], bem como os homens da cidade, sentiam agora que tinham um mandado real para matar judeus.

Na sua regressão filmada, Rebecca especificou que foram "soldados" que entraram na igreja onde ela estava escondida. A noção generalizada de que os assassínios tinham sanção real é refletida quando ela diz: "o padre disse-nos 'os judeus estão a ser mortos, o João ordenou que todos os judeus fossem mortos'".

De acordo com os cronistas, a multidão foi também instigada a um "frenesim religioso" por um monge vestido de branco, desfilando de um lado para o outro sobre as muralhas. Talvez com alguma justiça, ele tornou-se a única baixa cristã — morto por uma pedra rolada de dentro do castelo.

Na sexta-feira, 16 de março, os judeus, percebendo que a situação era desesperada, fizeram um pacto entre si. Os homens cortaram as gargantas das suas mulheres e filhos e, por sua vez, mataram-se uns aos outros. Finalmente, daqueles que tinham concordado com esta solução, diz-se que restavam apenas dois: Josce de Iorque e o grão-rabino, Yomtob. O rabino matou então Josce e apunhalou-se a si próprio, tendo concordado que ele sozinho assumiria sobre si o pecado do suicídio.

Rebecca mencionara que os judeus no castelo tinham começado a matar os seus próprios filhos, mas se o seu marido, José, for o mesmo homem que Josce de Iorque, então, claramente, ou os relatos sobreviventes do massacre estão errados ou, mais provavelmente, Josce simplesmente regressou ao castelo depois de descobrir que a sua mulher e filha tinham sido mortas na igreja.

Historicamente, o horror não terminou ali. Os judeus tinham feito uma enorme fogueira com os seus bens e esta espalhou-se pelas muralhas de madeira do castelo. De manhã, os judeus que sobreviveram foram convencidos a sair, sob a promessa de que as suas vidas seriam poupadas se aceitassem o batismo cristão.

Mas a oferta era falsa, e os sobreviventes da noite foram também massacrados. Os cronistas estimaram que, ao todo, cerca de cento e cinquenta judeus foram chacinados nos motins em Iorque.

Houve alguma retribuição. Uma força real foi reunida em Londres e marchou para o norte. A maioria dos cabecilhas fugiu — Malebisse apressou-se a ir para a Escócia. Tanto o Xerife de Yorkshire como o Condestável do Castelo foram demitidos e substituídos. Foram impostas pesadas multas aos cidadãos de Iorque e cem reféns foram levados para Londres como garantia para o futuro bom comportamento da cidade.

Bem, essa era a versão histórica, mas o que tinha o Professor Dobson a dizer sobre a história de Rebecca? O seu primeiro comentário foi que, embora a linguagem de Rebecca fosse mais do século vinte do que da Inglaterra medieval, a história era "fiel ao que sabemos dos acontecimentos e dos próprios tempos".

Muito do detalhe ele achou "impressionantemente preciso" e alguns pontos disputados "poderiam perfeitamente ter sido verdade". Alguns aspetos, pensou ele, seriam conhecidos apenas por historiadores profissionais.

Mas o professor levantou algumas questões topográficas. O assassínio de um velho judeu em Coney Street, como descrito por Rebecca, era factualmente aceitável. Mas em registos antigos da cidade, a Coney Street de hoje ainda era escrita como "Cuninga Street", ou Rua do Rei, até ao fim da Idade Média.

Então por que não lhe chamou Rebecca "Cuninga Street"? Significa esta discrepância inevitavelmente que ela usou um nome que não existia no final do século doze? Não necessariamente, pois a mudança escrita foi talvez apenas o reconhecimento final de que todos tinham há muito deixado de usar o nome antigo. Talvez a algo pomposa "Cuninga Street" se tivesse tornado para os locais "Coney Street" — um lugar onde se vendiam coelhos (*coneys*) ou pele de coelho — pelo menos um século antes de os redatores de documentos oficiais se sentirem capazes de aceitar a mudança. Ninguém sabe hoje ao certo quando é que as pessoas começaram a falar de "Coney Street".

Há outra referência interessante de Rebecca a "Copper gate" e aqui ela parece vislumbrar um portão grande real, presumivelmente perto da atual "Coppergate", uma rua próxima do castelo. Mas como o meu colega, Magnus Magnusson, salientou, "Copper-gate" não significa "portão de cobre", provém do escandinavo "*Koppari*" e significa a rua dos marceneiros.

O Professor Dobson ofereceu uma saída para esta aparente contradição. Assegurou-me que, junto a uma extremidade da "Coppergate", estaria um dos grandes portões que conduziam aos recintos do castelo. E o próprio nome

"Coppergate" era usado em 1190 para esta rua, uma vez que é mencionado em documentos sobreviventes datados de sessenta anos antes do massacre.

Foi o conhecimento do Professor Dobson sobre a Iorque medieval que levou, eventualmente, à descoberta mais emocionante que fizemos naquela cidade.

O professor pegou na descrição de Rebecca de como fugiu do castelo para uma igreja, e procurou uma igreja medieval sobrevivente que pudesse ter sido a mesma. Havia mais de quarenta igrejas em Iorque na altura do massacre e cerca de metade sobrevive hoje, de uma forma ou de outra. Mas o professor sentiu que apenas uma — St Mary's, Castlegate — poderia possivelmente ser a igreja onde Rebecca se escondeu.

Visitámos a igreja na primavera de 1975, quando os operários começavam a converter o edifício num museu. Era como Rebecca descrevera, muito perto da "Coppergate" e à vista e ao alcance do som do próprio castelo. O obstáculo era simplesmente que nenhuma das igrejas medievais sobreviventes em Iorque tem uma cripta ou cave, com a única exceção da Catedral, e Rebecca foi específica ao dizer que não estava escondida lá.

Dessa visita passaram seis meses e então o Professor Dobson escreveu-me sobre um novo desenvolvimento nesta igreja, St Mary's, Castlegate:

Em setembro, durante a renovação da igreja, um operário encontrou certamente algo que parece ter sido uma cripta — muito rara em Iorque exceto na Sé — por baixo da capela-mor dessa igreja. Foi imediatamente emparedada e antes que os arqueólogos de Iorque pudessem investigá-la adequadamente. Mas o operário que olhou lá para dentro disse ter visto arcos de pedra redondos e abóbadas. Não é muito por onde avançar, mas se ele estivesse certo, isso apontaria para um período de construção normando ou românico, ou seja, antes de 1190 em vez de depois.

Portanto, se quisermos levar este argumento até à conclusão, esta cripta poderia ser o lugar onde, se acreditarmos na sua história, Rebecca encontrou o seu destino. Mais certamente ainda, a descoberta de colunas e alvenaria romanas e anglo-saxónicas reutilizadas este verão abaixo do atual nível do solo em St Mary's, torna absolutamente claro que havia uma igreja no local no tempo de Rebecca.

Uma descoberta casual feita por um operário da igreja subitamente tornou a história de Rebecca sobre um assassínio numa cripta muito mais

provável. Toda a regressão era agora um relato credível do que poderia ter acontecido em Iorque em 1190.

Significativamente, também, a sua história não é uma reformulação direta das versões dos livros de história sobre o massacre. Rebecca nada sabia das ações tomadas pelo Xerife e pelo Condestável do Castelo, nem das promessas de salvo-conduto e das cenas finais de assassínio.

Esta ignorância é talvez bastante natural se Rebecca for vista como uma testemunha ocular genuína com um conhecimento inevitavelmente limitado dos acontecimentos globais durante os motins. Se virmos a sua regressão como uma fantasia baseada na leitura de livros de história, é talvez estranho que ela tenha omitido fantasiar sobre as características mais conhecidas da maioria das versões escolares do massacre.

Se Rebecca tivesse afirmado ter sido assassinada com os outros no castelo, a sua história teria sido historicamente quase irrefutável. No entanto, a sua versão acabou por ser tanto mais impressionante por se ter tornado plausível apenas através da descoberta acidental de um operário curioso numa igreja antiga.

6

A esposa romana

Iorque foi o cenário de outra das sete vidas de Jane Evans. Sob hipnose, a Rebecca do século doze tornou-se Livonia e deu um relato em primeira mão de intriga e rebelião na Britânia Romana por volta do ano d.C. 286.

Esta vida do século terceiro foi a mais antiga das seis "existências anteriores" de Jane Evans e foi também a última que ela gravou para Bloxham. Foi depois de "Livonia" que ela se sentiu tão mal que se recusou a fazer mais. Investiguei Rebecca e Livonia em conjunto simplesmente porque podia trabalhar em ambas na cidade de Iorque.

A história de Livonia é a de que ela é a esposa de Titus, um homem muito mais velho do que ela. Ele é tutor de latim, grego e poesia do filho de um proeminente romano chamado Constantius, cuja família vive numa vivenda nos arredores da Iorque romana, à qual Livonia chama corretamente durante todo o tempo de "*Eboracum*".

A sua narrativa, durante um período tumultuoso da história britânica, tem muitos mais nomes e factos do que a regressão de Rebecca — como seria de esperar de uma mulher educada, intimamente envolvida com a política na Britânia Romana, comparada com a judia do século doze, que vivia dentro de um grupo fechado e reprimido na sociedade.

Mas à medida que os nomes iam saindo, e a maioria era historicamente precisa, pareceu haver uma falha enorme na narrativa. Todos os livros de história mencionam Constantius, o homem que Livonia nomeia inequivocamente como o chefe da casa, mas nenhum o coloca na Britânia Romana no ano d.C. 286. Se Livonia tivesse este facto central errado, então, tanto quanto eu conseguia ver, toda a regressão era uma ficção.

Afinal, Livonia sabia muito mais do que eu sobre o que é historicamente viável. Estranhamente, a verdade é que os livros de história não nos dão a versão dos factos de Livonia, mas não podem contradizê-la, porque ela está a falar de anos "em falta" nas vidas de algumas das personalidades mais conhecidas do mundo romano, pessoas cujas carreiras estão, de outra forma, bem documentadas.

Todo este episódio, onde Livonia parece estar a preencher páginas em branco nos livros de história, é tão surpreendente que vale a pena ser considerado em detalhe. Eis como somos apresentados à família num jardim murado de uma vivenda perto de *Eboracum*:

Bloxham: Este é o teu jardim?

Livonia: Não, é o jardim da casa do Legado Constantius. A sua esposa...

Bloxham: (interrompendo) Qual é o nome dela?

Livonia: A Senhora Helena.

Bloxham: A Senhora Helena está contigo agora?

Livonia: Estamos todos no jardim. Estamos a observar o filho do legado com o seu tutor militar. Eles estão a lutar no jardim. Ele está a ensinar-lhe tática e como usar a sua espada, a sua armadura e o seu escudo.

Livonia diz-nos que o nome do rapaz é Constantine, e outro dos seus tutores é o seu marido, Titus. Mas o ponto-chave de interesse é o pai, Constantius — o que é que se supõe que ele está a fazer na Britânia em d.C. 286?

Livonia: Quando vim para aqui pela primeira vez com o meu marido, Patronius Aquila governava a Britânia nessa altura. Ele estava encarregado e costumava tomar as águas em *Aquae Sulis* (o nome romano para a cidade de Bath, famosa pelas suas águas) para as suas dores e sofrimentos. Ele tinha sempre dores e sofrimentos.

Bloxham: Tinha?

Livonia: Sim. Ele não era de todo um bom governante. E depois Constantius foi colocado no comando.

Bloxham: Constantius é um homem agradável e justo?

Livonia: Sim, muito justo, muito bom. Ele tem dois homens abaixo dele, os principais homens abaixo dele. Um é Caius Flaverius e o outro é Curio, que estão encarregados de outras partes do país.

Não há dúvida nenhuma de que Livonia está a falar de Aurelius Valerius Constantius, apelidado de "*Chlorus*" ou "O Pálido", que subiu nas fileiras do exército romano para se tornar, oito anos depois deste ponto na história de Livonia, Constantius César, co-governante do império romano.

Ora, a esposa de Constantius chamava-se certamente Helena e o filho deles era de facto Constantine, que muitos anos mais tarde estava destinado a ser conhecido como Constantino o Grande, fundador de Constantinopla e o Imperador que fez do Cristianismo a religião oficial do mundo romano.

O problema com esta família notável era que os livros de história não nomeiam Constantius como Governador da Britânia em 286 e não sugerem que ele ou a sua família estivessem a viver em *Eboracum* nessa altura.

O Professor Brian Hartley da Universidade de Leeds, uma autoridade na Britânia Romana, deu-me a resposta. Ele ouviu a cassete e concordou que era perfeitamente possível que Constantius tivesse sido governador da Britânia, como descrito por Livonia, porque existe uma lacuna no nosso conhecimento da sua carreira desde cerca de d.C. 283, quando se sabe que era governador da Dalmácia, até ele reaparecer cerca de 290.

Pelas minhas próprias leituras, descobri também que o governo da Britânia teria sido um próximo passo bastante lógico para Constantius, governador da Dalmácia, no seu progresso na escada da política romana.

Mas seria ele realmente governador da Britânia? Fui aos livros de história para ver se algum outro romano é nomeado como governador neste período. Por coincidência, existem lacunas no nosso conhecimento dos governadores romanos, e esta é uma delas. Ninguém sabe hoje quem foi governador nos anos em falta na vida de Constantius. Poderia perfeitamente ter sido esse cavalheiro como qualquer outro.

E há um terceiro mistério sobre a família que também se articula com a história de Livonia. O filho, Constantine, teve tanto escrito sobre ele que eu me perguntei se o seu paradeiro em 286 tinha sido registado. Talvez a sua idade desacreditasse a regressão ao torná-lo demasiado jovem para estar a ter instrução de armamento em 286 — talvez ele nem tivesse nascido nessa altura?

Nada disso! Sabe-se muito sobre a vida de Constantino o Grande, mas o seu paradeiro em 286 e a sua data de nascimento não estão incluídos. Mesmo o biógrafo oficial de Constantino, Eusébio, não sabia quando o imperador nasceu.

As suposições sobre a sua data de nascimento variaram entre d.C. 272 e 280 e o Professor Hartley disse-me que os historiadores hoje favorecem a data mais recuada que, como ele diz, "ajusta-se bastante bem à história de Livonia". Isso faria com que o rapaz Constantine tivesse catorze anos quando recebeu a sua instrução no uso de armas naquele jardim em *Eboracum*.

Interessantemente, existe alguma evidência de apoio ligeira de que a família de Constantius era mais britânica do que se supõe hoje — os escritos do monge do século doze, Geoffrey de Monmouth, cuja *História da Britânia* é

uma tradução latina de documentos antigos na velha língua celta, que ele alegava terem sido encontrados na Bretanha. A sua "história" foi aceite durante séculos, mas em tempos mais recentes foi de tal forma desacreditada que lhe foi dado o título de "Geoffrey o Mentiroso".

A sua obra é hoje geralmente considerada uma mistura de meias-verdades, lendas e mentiras, e felizmente as suas referências à família de Constantius não se assemelham remotamente à história de Livonia — exceto no facto de ele dizer que a esposa, Helena, era uma Princesa da tribo britânica dos Trinovantes, que Constantius casou com ela neste país e que Constantine foi concebido na Britânia. Outros documentos do século treze na cidade de Colchester repetem a história de que Helena era uma mulher local, embora os livros de história moderna afirmem, sem muita convicção, que Helena era provavelmente filha de um estalajadeiro da Europa central.

Mas as investigações modernas encontraram alguma base de verdade nas histórias truncadas de Geoffrey e, talvez, a ideia, partilhada com Livonia, de que Constantius possa ter passado alguns dos anos perdidos na Britânia, seja uma delas.

Nem pode a regressão ser descartada como uma ficção construída em torno de uma área em branco da história. Livonia conhece um número considerável de factos históricos verificáveis que se ajustam perfeitamente à sua visão dos anos em falta. Nenhum estudante moderno de história poderia contradizer os nomes e eventos que ela descreve, enquanto narra os preparativos para um banquete na vivenda de Constantius, listando "carne e aves, fruta e vinhos de Chipre em cálices de prata". É uma ocasião de despedida, mas a traição e a rebelião estão iminentes.

Livonia: Chegou um mensageiro de Roma para Constantius. Ele chamou o Titus e a mim, e a *domina* (latim: "senhora da casa") já sabe a notícia de que um homem chamado Allectus veio com uma mensagem para Constantius. Ele foi convocado de volta a Roma. Roma tem agora dois imperadores — dois imperadores.

Bloxham: Quem são eles?

Livonia: O Imperador Diocleciano e o Imperador Maximiano. Existem agora dois imperadores de Roma.

Bloxham: Como é que isso vos afetará?

Livonia: De forma alguma, exceto que o legado tem de ir a Roma ter com Maximiano, que está agora encarregado da Britânia, que agora governa a Britânia. O império foi dividido em dois — Diocleciano tem uma metade e Maximiano a metade que inclui a Britânia.

De facto, assim era! Diocleciano tornara-se imperador em 284, mas sentiu que queria partilhar o poder com alguém em quem confiasse; por isso, em 286, nomeou Maximiano, filho de um camponês da Ilíria, como seu co-governante e deu-lhe a metade ocidental do império.

Foi interessante, também, observar como os sujeitos de Bloxham nunca se antecipam ao falar das suas "vidas" anteriores. Em qualquer dado momento, podem falar sobre os seus passados, mas o passo seguinte na sua história é tão desconhecido como o próximo ano o é para nós. Uma pessoa que reconte uma história da História tem conhecimento do desfecho em cada fase; o mesmo não acontece com Livonia, que está claramente a reviver as suas experiências e parece não ter consciência de eventos que ela própria descreverá minutos mais tarde.

Por exemplo, questionada sobre como a convocação de Constantius e a divisão do império afetarão a família, Livonia diz "de forma alguma". À medida que a sua própria narrativa se desenrola, ver-se-á que o efeito é devastador na vida de todas as pessoas que estavam no jardim — a família nunca mais voltará a unir-se.

Contudo, se Livonia sentia um falso sentido de segurança nesta fase, tinha, no entanto, uma intuição feminina inteiramente correta sobre Allectus, o homem que trouxe a notícia do regresso de Constantius a Roma.

Livonia: Não gosto deste homem, Allectus. O meu marido diz que é um capricho de mulher, mas eu não gosto dele.

Bloxham: Gostas de viver aqui?

Livonia: Sim, somos muito felizes. Mas estamos preocupados com o regresso de Constantius. Não gosto deste homem Allectus, ele tem olhos frios — olhos frios.

Bloxham: E ele vai ser o novo governante?

Livonia: Não. Constantius, segundo o que o meu marido me diz, tem de colocar homens encarregados no seu lugar quando for para Roma. O meu marido pensa que ele vai tornar Valerius ou Curio responsáveis pelo sul e o

outro pelo norte. Mas ele vai deixar estes dois homens encarregados quando partir.

Bloxham: O que achas que acontecerá a Constantius quando ele chegar a Roma?

Livonia: Não sabemos por que razão foi convocado. Pensamos que pode ser porque agora que Maximiano é imperador com Diocleciano, ele quer ver todos os homens que estão encarregados das várias partes do império. Mas não gosto deste homem Allectus. Não gosto nada da sua maneira de ser.

Bloxham: Quando o conheceste pela primeira vez?

Livonia: Ele veio à casa hoje, mas não gosto dele.

Bloxham: É a primeira vez que o vês?

Livonia: Sim — ele tem olhos muito frios — olhos frios. **Bloxham:** Ele trazia a esposa com ele?

Livonia: Não. Ele veio de Roma, mas é estranho — o Titus estava a dizer-me que ele tinha vindo de Roma com uma mensagem urgente para Constantius e, no entanto, parou em *Gessoriacum* (nome romano para o porto francês de Bolonha) — para ver Carausius, que está encarregado da frota. E por que haveria ele de parar se era tão importante chegar depressa a Constantius — não gosto de Allectus — não gosto de Allectus.

A história pode ser vaga sobre o paradeiro de Constantius e da sua família neste fatídico ano de 286, mas não há dúvida de que Allectus estava na Britânia e a conspirar para assegurar o poder. Allectus, juntamente com o almirante romano Carausius, que estava encarregado de uma frota em *Gessoriacum* (Bolonha), conspirou para derrubar o domínio romano na Britânia. Porque tiveram sucesso durante alguns anos, os rostos dos conspiradores podem ser vistos hoje em moedas emitidas para a Britânia independente.

Livonia traça um quadro basicamente preciso deste evento histórico bastante obscuro, a revolta contra o domínio romano de d.C. 286.

Bloxham: Agora isto é um pouco mais tarde. O que está a acontecer agora?

Livonia: Estamos a caminho de *Verulam* (*Verulamium* era o nome romano para a cidade de St Albans). A *domina*, Constantine, Favonius, Hilary, eu e o Titus. Estamos a caminho — está escuro. (Pausa.) Eu sabia que não

devíamos confiar no Allectus — quando Constantius partiu para Roma, Carausius trouxe a frota. Ele desembarcou e conquistou a Britânia — Carausius veio e assumiu o comando e tivemos de fugir — Allectus veio à nossa casa — matou alguns dos nossos criados — mas Favonius conseguiu matar alguns dos homens de Allectus e tivemos de partir a coberto da escuridão. Estamos a ir para *Verulam* e para a pequena vivenda que vimos. Foi terrível — mataram alguns dos criados e a *domina* Helena disse que tínhamos de escapar e tivemos de empacotar depressa; estamos a viajar de noite e a descansar de dia — mas vamos de noite para *Verulam* porque ninguém nos conhece lá — porque se soubessem que a esposa e o filho de Constantius, Constantine, estão em *Verulam*, virão atrás de nós — vamos para a pequena vivenda em *Verulam* — Allectus, eu não gostava do Allectus.

Bloxham: Julgaste-o bem, não foi?

Livonia: E agora Carausius governa a Britânia — Carausius governa a Britânia.

Bloxham: Ele é um homem mau?

Livonia: Sim — Carausius governa a Britânia — ele estava encarregado da frota, a frota romana em *Gessoriacum*, e trouxe a frota para aqui agora e apoderou-se da Britânia — já não pertence a Roma — pertence a Carausius.

Bloxham: Ah, estou a ver. Pertence a Carausius, não a Roma?

Livonia: Ele conquistou a Britânia. Conquistou *Londinium* e está a subir para *Eboracum*, e tivemos de fugir pelas estradas secundárias e caminhos de campo para *Verulam*. (Pausa.) Valerius morreu.

Bloxham: Ele morreu?

Livonia: Valerius morreu — Curio ainda está vivo, mas Valerius morreu — estamos a ir para *Verulam*.

Valerius e Curio, os dois homens que Livonia afirma terem sido deixados encarregados da Britânia, são irretreváveis. Pouco se sabe hoje da insurreição, mas Marcus Aurelius Carausius foi proclamado imperador de uma Britânia independente em d.C. 287 e Allectus estava ao seu lado como chanceler.

Antes de liderar a sua rebelião, este almirante romano também fora convocado a Roma pelos novos imperadores conjuntos e, possivelmente, Allectus trouxera-lhe essa notícia. No entanto, os livros de história dizem que

Carausius temia ser levado a julgamento se fosse a Roma. Dizia-se que ele e a sua frota costumavam esperar que os piratas tivessem saqueado uma cidade ou navio antes de os intercetarem — um método de trabalho que significava que a justiça romana por vezes apanhava os seus piratas e Carausius ficava habitualmente com o saque. O suborno era outra das suas fraquezas, mas ele era um combatente nato e, em vez de arriscar o julgamento, viu na confusão de um império recém-dividido uma oportunidade de conquista.

Entre eles, Carausius e Allectus mantiveram a Britânia independente de Roma durante nove anos, antes de esta ser reconquistada por ninguém menos que o próprio Constantius!

Livonia e Helena passaram os anos tranquilamente escondidas, mas a narrativa regressa a factos históricos conhecidos com o derrube final de Carausius e Allectus.

Bloxham: Ouviste algo mais sobre Allectus?

Livonia: Allectus assassinou Carausius.

Bloxham: (claramente sobressaltado) O quê?

Livonia: Allectus assassinou Carausius e, quando o assassinou, chegou a notícia de que Roma tinha declarado guerra à Britânia. E Allectus acabara de assassinar Carausius e Allectus está agora em guerra com Roma.

Bloxham: Estão a enviar homens?

Livonia: Sim. Sim. Pensamos que Constantius estará a voltar.

E assim foi, pois em 293 Constantius e as legiões romanas capturaram *Gessoriacum*, a base naval de Carausius em França. Allectus, o chanceler, assassinou então Carausius, declarou-se Imperador da Britânia e esperou para repelir as legiões invasoras de Roma. A invasão ocorreu em 296 e, como Livonia dirá mais tarde, Allectus foi morto e o domínio romano restabelecido por Constantius.

De acordo com Livonia, Helena e a sua casa regressaram a *Eboracum* para esperar por Constantius, mas havia uma surpresa desagradável reservada para eles.

Livonia: Quando chegámos a *Eboracum*, descobrimos que todo o tipo de coisas de Constantius tinham chegado antes de nós. Portanto, a *domina* tem razão. Ele está a voltar. Ele enviou tapetes belíssimos, tecidos belíssimos, e ela está muito entusiasmada, mas muito angustiada de certa forma porque

Allectus viveu na vivenda durante algum tempo e o jardim está terrível. Mas isso pode esperar. Ela está agora ocupada a fazer-nos correr de um lado para o outro para arrumar as coisas. Estamos apenas à espera que Constantius regresse. Passou muito tempo.

Bloxham: O que aconteceu ao Allectus?

Livonia: Allectus está morto.

Bloxham: Alguém o matou?

Livonia: Creio que sim. Não ouvimos muito porque temos estado apressados aqui a preparar o regresso de Constantius. E estamos à espera que ele chegue. E o Curio chegou. O Curio chegou e tem um aspeto terrível. Ele chamou o meu marido à parte e está a dizer-lhe qualquer coisa. O Favonius está com eles — e o Curio vai-se embora. (Pausa.) O Titus vem dizer-me. Oh, pobre *domina,* oh! Ela está à espera de Constantius, mas não sabe que o Curio lhe vai dizer que Constantius a rejeitou e se casou com a filha de Maximiano — Theodora — e que a vai trazer para aqui. Ele vai trazer a Princesa Theodora para aqui e, no entanto, a *domina* está à espera dele aqui — o que podemos fazer?

Bloxham: Eu pensava que eles eram felizes juntos? **Livonia:** Sim. Deve haver uma razão. Curio disse a Titus que eles tornaram Constantius... César Constantius. E tornaram um homem chamado Galerius... César Galerius. E Constantius casou com Theodora, a filha de Maximiano, e Galerius casou com a filha de Diocleciano. (Pausa.) E Titus diz-me que ele (Constantius) teve de renunciar à sua primeira mulher no Templo de Júpiter e tomar a Princesa Theodora como esposa. Ele já tem um filho — dois filhos — dela.

Uma peça de casamenteira complicada, mas perfeitamente verdadeira. Os imperadores conjuntos, por razões de Estado, casaram as suas filhas com romanos fortes e poderosos, que foram criados Césares menores. Assim, Constantius foi convencido a renunciar a Helena e casar com a Princesa Theodora, e o outro noivo escolhido foi Galerius, que casou com Valéria, a filha de Diocleciano.

Livonia menciona também que Constantius e Theodora tiveram em breve dois filhos. Na altura em que Constantius morreu em *Eboracum* em 306, dez anos depois de derrotar Allectus, o casal tinha seis filhos — três rapazes e três raparigas. Mas com a morte de Constantius César, foi Constantine, o seu filho pela rejeitada Helena, quem foi aclamado César pelas legiões na Britânia e que veio a tornar-se governante único do império.

A pobre Livonia nada sabia do grande futuro que aguardava o pupilo do seu marido, pois diz que ela e Titus foram ambos mortos durante o reinado do Imperador Diocleciano, que terminou em 305, antes da morte de Constantius.

A forma da sua morte é novamente violenta, e as circunstâncias tão fascinantes como tudo o que viera antes. Ela diz que Helena, ao saber que fora repudiada pelo marido, refez os seus passos até *Verulamium*. Aqui interessou-se pelo Cristianismo, sendo apresentada por Titus a um cristão proeminente da zona, um entalhador chamado Albanus.

Ora Livonia mencionara anteriormente, durante a primeira longa estadia da família em *Verulamium*, como Titus e ela foram convertidos ao Cristianismo por este entalhador. No regresso da família, Albanus foi apresentado tanto a Helena como ao filho, Constantine.

Titus era o convertido mais fervoroso e Livonia ficou ansiosa, porque "Galerius emitiu um édito sobre os cristãos para que fossem todos mortos".

É um facto que Diocleciano, o mentor de Galerius, sancionou tal proclamação e iniciou a última grande purga romana de cristãos, e Livonia tinha razões para estar temerosa, especialmente porque o seu marido estava a contemplar um passo extremo.

Livonia: ... e estou preocupada agora porque o Titus vai ser padre. Estão apenas à espera que venha um homem para o ordenar padre. Estão todos a aguardar ansiosamente por este homem e, quando ele vier, Titus será ordenado padre.

Bloxham: Sabes o nome do homem que está a ser enviado para o ordenar padre?

Livonia: Creio que é Ossius.

Bloxham: De onde vem Ossius?

Livonia: Não sei. Estão à espera que ele venha. Ele tem andado por todos os lugares cristãos a ver as pessoas que são cristãs. Ele é de... creio que ele é de... oh, não me consigo lembrar do lugar. Ele não é da Britânia.

Bloxham: Não é da Britânia?

Livonia: Vamos à casa de um homem em *Verulam*. Eu disse que iria porque o Titus vai ser ordenado padre. Mas estamos à espera que Ossius venha.

Bloxham: Agora é um pouco mais tarde. Ossius já chegou?

Livonia: Sim, vamos a *Verulam*, à casa. Estamos a caminho, mas estou nervosa por causa de todas as coisas horríveis que têm estado a acontecer. Estão a queimar as casas dos cristãos noutras cidades. Vamos à casa porque o Titus vai ser ordenado padre.

Bloxham: Agora estás na casa — é a casa de Albanus?

Livonia: Não, é a casa de outra pessoa. Não sei o nome. Não sabemos muito os nomes destas pessoas, mas o quarto está escuro e há velas e eu estou nervosa. O Titus não está comigo, ele foi com o Albanus e eu estou assustada. Estou assustada. Está demasiado silêncio, mas eles dizem que não há nada de que ter medo porque o Deus deles cuidará de mim.

Bloxham: Vais ficar bem? Tu não estavas lá quando ele ia ser ordenado padre, pois não?

Livonia: Não, eu estava assustada. Vim para casa. Saí. Saí e vim para casa. Estou à espera que o Titus venha para casa, mas ele não vem. O Titus não vem. Favonius...

Bloxham: E quanto a Favonius?

Livonia: Ele veio dizer-me que Titus está morto.

Bloxham: Titus está morto?

Livonia: Eles queimaram a casa. Porquê? Porquê? Eles não estão a fazer mal nenhum. Titus está morto, Albanus escapou. Titus está morto.

Bloxham: Quem achas que os denunciou?

Livonia: Não sei. (Pausa.) Titus está morto. Vou sair para ver se consigo ver onde eles estão. Vou ver se consigo encontrar o Titus. Favonius vem comigo. (Pausa.) Estamos a tentar encontrar a casa. (Terror na voz.) Está tudo em chamas. São só chamas à nossa volta. Os soldados estão a vir, os soldados estão a descer as ruas. Pararam, estão a parar-nos? (Pausa.) Não, Favonius diz que não somos cristãos. Favonius e eu seguimos a pé — eles conhecem o Favonius — estamos a tentar encontrar — não me lembro onde fica a casa onde deixei o Titus — e eu saí porque estava assustada. Há casas em chamas por todo o lado. Eu devia ter ficado com ele — eu devia ter ficado com ele. Vou pelo caminho e há muita gente a correr de um lado para o outro — e (pânico) onde está o Favonius? Ele desapareceu — Favonius desapareceu — estou sozinha e as pessoas estão a correr — as pessoas estão a correr — os

soldados estão a vir — toda a gente está a correr e não consigo encontrar o Favonius — ele é grande — tenho de encontrar o Favonius — e não consigo encontrar a casa onde deixei o Titus e as pessoas estão a correr à minha volta e estão todas a gritar e a berrar — as chamas e os soldados estão a descer — Oh não, não, não façam isso.

Neste ponto, Livonia, em grande terror, aparentemente morreu. O fim, em chamas e violência, é semelhante à sua morte como a judia Rebecca, embora tais cenas não se repitam em nenhuma das suas outras quatro regressões.

Livonia morreu durante uma fase da perseguição dos cristãos pelo Imperador Diocleciano, quando igrejas e locais de reunião foram queimados e os cristãos chacinados, apesar dos esforços de Constantius César para minimizar o derramamento de sangue na Britânia.

O que não é claro é se o entalhador cristão de Livonia, Albanus, pretende ser o homem que conhecemos hoje como Santo Albano, do qual a atual *Verulamium* retira o seu nome de St Albans. Pouco se sabe de Santo Albano, exceto que foi um mártir cristão em *Verulamium*, e a sua morte foi frequentemente atribuída às perseguições de Diocleciano.

Seja este homem Santo Albano ou não, a ideia de que a família e os criados de Helena possam ter sido fortemente influenciados nesta altura por uma seita cristã tem credibilidade. Pois outro dos mistérios que rodeiam esta família é a fonte da fé que converteu Helena e o seu filho, Constantine, em dois dos cristãos mais conhecidos de todos os tempos.

Mais tarde na vida, Helena mostrou tal zelo cristão que acabou por ser canonizada como Santa Helena. E Constantino o Grande foi, claro, o imperador que depôs os deuses pagãos de Roma e estabeleceu o culto cristão no seu lugar.

Desde as suas primeiras batalhas, pouco depois da morte do seu pai em *Eboracum*, Constantino o Grande lutou com um monograma cristão pintado no escudo de cada soldado. Este dispositivo, uma cruz feita a partir de uma lança e carregando as duas primeiras letras de Cristo, Constantino incorporou mais tarde no estandarte imperial romano ou *labarum*.

De acordo com o antigo escritor Lactâncio, Constantino foi instruído num sonho a adotar este emblema cristão. Eusébio, por outro lado, afirmou que Constantino se converteu quando olhou para o céu e viu uma visão de uma cruz recortada contra o sol, com as palavras "com este sinal vencerás".

Mas escritores mais modernos apontaram que a fé de Constantino era profunda demais para ser causada simplesmente por um sinal místico que parecia trazer sucesso na batalha. Sugeriram que a fé de Constantino se baseava na influência de um Bispo espanhol, que era o principal conselheiro religioso do imperador.

Este homem era o Bispo Hosius ou Ossius de Córdoba, e ele parece ser uma ligação direta com a história de Livonia, pois foi Ossius "não da Britânia" quem veio a *Verulam* para ordenar o seu marido como padre na noite da morte de Livonia.

Poderia o Cristianismo ter concebivelmente começado a prender Constantino nessa mesma noite? Não teria Ossius procurado santuário dos soldados, de forma bastante natural, na casa de Helena, e ali possivelmente iniciado uma relação duradoura com a família?

Se alguns historiadores já acreditam que Hosius foi a pessoa que converteu Constantino à nova fé, não poderia isso ter acontecido na Britânia como uma sequência lógica dos eventos que Livonia descreveu? No ano d.C. 324, Constantino o Grande escreveu que viera "das margens mais distantes da Britânia como o instrumento escolhido de Deus", por isso talvez a Britânia seja a chave para muito mais da verdade sobre esta notável família romana do que é atualmente aceite.

Alguns dias após ouvir a cassete de Livonia e estudar uma transcrição, o Professor Brian Hartley deu o seu veredito sobre o contexto histórico geral da regressão de Livonia: "no geral é bastante convincente e confirma-se, na medida em que se pode confirmar, face a factos históricos conhecidos".

O professor não ficou satisfeito com alguns detalhes. Ao descrever a vivenda, Livonia não fez referência a nenhuma casa de banhos baseada no princípio do banho turco aquecido, mas falou de uma piscina central, o que soava mais a um design de vivenda de um período anterior do império. E a menção a senhoras romanas a andar a cavalo, e não em carruagens leves, o professor achou dissonante. Ele também esperaria mais referências a romanos pelos seus três nomes completos.

Tanto o Professor Hartley como Magnus Magnusson notaram, também, que um romano nomeado na totalidade por Livonia — o tutor militar, Marcus Favonius Facilis — tinha o mesmo nome de um centurião cuja lápide sobrevive hoje no Museu de Colchester e Essex. Mas as datas não pareciam coincidir! Portanto, será o "Favonius" de Livonia um centurião posterior com

o mesmo nome do romano enterrado em Colchester — será a datação dessa lápide exata além de qualquer dúvida? Poderiam ser o mesmo homem?

Pensa-se que o centurião de Colchester tenha vivido duzentos anos antes da insurreição de Allectus, mas não há data na lápide, que se crê ser do século primeiro devido ao estilo de alguma cerâmica branca encontrada na área da sepultura e às letras claras na inscrição.

7

Uma Criada na França Medieval

A antiga cidade de Bourges, no Vale do Loire, em França, foi o local de uma das regressões de Jane Evans. Aqui, visitei um palacete onde Jane parecia ter vivido no século XV. Nesta casa soberba, agora preservada como museu, fui um turista diferente — o meu guia era a voz gravada de uma mulher que nunca vira Bourges, mas que conseguia descrever com certa precisão o pátio, a casa, o seu estilo de arquitetura e até as pinturas e as pessoas que enchiam as longas galerias e salas ornamentadas no ano de 1450.

Foi uma experiência estranha, visto que Jane Evans nunca estivera no Vale do Loire, tal como afirma nunca ter ouvido falar da casa em Bourges, que pertenceu outrora a um príncipe mercador francês, Jacques Coeur. Jane Evans não é estudiosa da história francesa e, em todo o caso, alguns dos detalhes do seu relato sobre Coeur e as suas posses parecem nunca ter sido publicados em inglês.

Nesta regressão, Jane torna-se Alison, a criada adolescente de Jacques Coeur, um mercador excecionalmente rico, financeiro e conselheiro do Rei Carlos VII. No seu auge, Coeur era o segundo homem mais poderoso de França, e a sua queda foi devidamente dramática. Foi falsamente acusado de envenenar a amante do rei, e Alison reabre este mistério de um assassinato com quinhentos anos. O verdadeiro erro de Coeur foi ter emprestado enormes somas de dinheiro ao rei e a outros nobres. Foi julgado pela sua vida com base em acusações forjadas, mas a parte significativa da sua sentença declarava que

a sua riqueza era confiscada pela coroa e as dívidas devidas a Coeur eram canceladas.

A complexa história de Alison sobre a riqueza de Coeur, as suas intrigas com personalidades da corte e o seu amor pela amante do rei, Agnès Sorel, foi inicialmente difícil de verificar, mesmo em traços gerais. Livros sobre Coeur em inglês não são fáceis de obter e, em frustração, voei para Paris. Na biblioteca de Sainte-Geneviève, com um intérprete competente, passei horas a estudar histórias francesas antes de concluir que Jane Evans, uma dona de casa galesa, sabia uma quantidade notável sobre a história medieval francesa.

Na língua inglesa, não consegui identificar muitas fontes possíveis para o seu conhecimento sobre este homem. A *Encyclopaedia Britannica* lista apenas uma obra em inglês sobre ele — *Jacques Coeur, Merchant Prince of the Middle Ages*, de A. B. Kerr, publicada em 1927. E o próprio Kerr diz no seu prefácio que existira apenas uma biografia anterior, por Louisa Stuart Costello, lá atrás em 1847.

Os bibliotecários só conseguem oferecer estes dois livros antigos sobre Jacques Coeur e, tendo lido ambos, é claro para mim que a familiaridade de Alison com certos aspetos da vida de Coeur deve provir de outras fontes que não estas. Algumas das afirmações de Alison só consegui confirmá-las no local, em França, em conversa com historiadores franceses. O curioso é que, mesmo entre os franceses, Coeur não é uma personalidade histórica particularmente conhecida. Jean Favière, num folheto sobre ele, diz: "Quem era então este homem a quem os livros de história dedicam apenas uma ou duas linhas?".

Alison sabe imenso sobre este homem e, tal como as outras regressões, a sua história não é uma recitação seca de factos históricos. Até à detenção de Coeur, que desencadeia o seu próprio suicídio, temos a visão altamente personalizada de uma jovem bastante reservada e inocente que existe nas margens da vida da corte. Criada, e possivelmente vindo a ser amante, de um homem poderoso na política da corte, Alison transmite mexericos sobre a vida palaciana — informações que parece obter principalmente do próprio Coeur.

Os historiadores verificaram muito do que ela disse; quanto ao resto, disseram: "Possivelmente, mas não podemos afirmar com certeza". E antes de partirmos de França, fizemos uma descoberta sobre "uma maçã de ouro de Jacques Coeur", tão emocionante como o achado de uma cripta naquela igreja em Iorque que reforçou a regressão de Rebecca.

A de Alison é a história de uma rapariga que se percebe gradualmente, embora ela não o admita, estar a apaixonar-se por Coeur — uma afeição que termina com o seu suicídio. A sua história tem também uma falha séria, e possivelmente muito humana. Esta rapariga que conhece tantos detalhes finos sobre a vida e os negócios de Coeur, não sabe, ou não consegue admitir, que Jacques Coeur é casado!

Sob hipnose, Alison começa por ver cores que subitamente se tornam claras — são "rolos de tecido, vermelho, ouro, verde". Estes pertencem ao seu senhor, Jacques Coeur e, embora existam poucos retratos sobreviventes dele, a sua descrição é fiel à realidade.

Bloxham: Como é ele?

Alison: Estatura média — túnica preta debruada a *miniver* — calças justas vermelhas.

Bloxham: Como é o rosto do seu senhor?

Alison: Magro — rosto magro — rosto inteligente.

Bloxham: Ele tem um nariz grande? **Alison:** Não, não! (Pausa). Estatura média — todas aquelas roupas lindas, vestido muito belamente como alguém que é rico se pode vestir, de forma simples mas bela — ele veste uma túnica de veludo preto debruada a pele — calças vermelhas, calças de seda fina, sapatos belos de cor vermelha — ele disse que eram de couro de Córdova — e tem um cinto cravejado de joias na cintura e uma corrente ao pescoço.

Não é apenas a admiração evidente de Alison por Coeur que sobressai, pois na vida real o homem era famoso pela sua elegância. Vestia-se tão bem como o rei. Mais tarde, quando estava a ser julgado pela sua vida, levantou-se a questão sobre como Coeur costumava vestir-se. Um criado, André Vidal, prestou depoimento e descreveu um esquema de cores notavelmente semelhante à versão de Alison. Tinha visto frequentemente o seu senhor usar vestes de cor vermelha e preta e uma corrente de ouro ao pescoço.

A descrição de Alison "debruada a *miniver*" provém do original francês *menu vair* ou "pequena pele" e é pele de cordeiro salpicada de arminho. As suas descrições, muitas vezes muito detalhadas, de roupas são geralmente fiéis à moda do século XV.

Bloxham continuou a perguntar o que as pessoas vestiam e foi-lhe dito que um dos criados estava vestido "de forma diferente dos outros". Alison

disse que se tratava de "Abdul, que é o criado do senhor". Mais tarde, na regressão, referiu-se a Abdul como o "criado pessoal" de Coeur.

Nos registos do julgamento de Coeur consta o testemunho de que Coeur tinha "um escravo pessoal egípcio" — mas nos sumários do julgamento que li, não havia nome para este egípcio.

Bloxham passou depois o interrogatório para o passado da própria Alison.

Bloxham: E qual é o seu nome?

Alison: Chamam-me Alison.

Bloxham: E quem é a menina?

Alison: O senhor trouxe-me de Alexandria.

Bloxham: Está feliz?

Alison: Oh, sim. Ele é muito bom. Chamou-me — ele comprou-me quando eu era uma rapariga e trouxe-me de volta para a sua casa e ensinou-me a ler e a escrever — e chamou-me Alison.

Bloxham: Qual era o seu nome anteriormente?

Alison: Não sei. Eu não tinha nome.

Bloxham: É bonita? **Alison:** Não, não. Os meus vestidos são bonitos. O meu senhor traz tecidos de todo o lado, de todo o lado, e vende-os.

Bloxham: Onde é que o seu senhor a comprou? Foi no mercado?

Alison: Não, não. Ele estava — eu estava doente e ele viu-me — ele veio à casa do meu senhor em Alexandria — eu era apenas jovem e estava doente e ninguém me queria — e ele trouxe-me de volta e tem sido muito bondoso para comigo.

Jacques Coeur teve muito a ver com Alexandria. Estabeleceu um enorme comércio com os portos de Alexandria, Beirute e Cairo, e tanto Coeur como os seus navios eram bem conhecidos em todo o mundo árabe, onde lhe fora concedida permissão especial pelo Papa para "negociar com o infiel". Esta licença fez a fortuna de Coeur, pois ele negociava não só tecidos orientais, joias e especiarias, mas também trocava prata francesa por ouro árabe aos carregamentos. Está registado que cada carga de prata era correspondida por uma tonelagem de ouro que duplicava imediatamente o investimento de

capital de Coeur. Os franceses depressa criaram o ditado — "tão rico como Jacques Coeur".

Quanto a Alison, um nome inteiramente adequado para a França durante aquele século, não há registo dela nos livros de história. Isto dificilmente surpreende, uma vez que Coeur, no auge da sua riqueza, possuía mais de quarenta grandes palacetes e propriedades em França, todos sem dúvida cheios de criados.

Mas, fundamentalmente, Coeur vivia em Bourges, a sua cidade natal, onde possuía várias casas e construiu o seu belo palacete, "La Chaussée". Alison relata que Coeur possuía "muitas casas", mas diz que ele vivia em Bourges e "vai a todas as feiras de Lyon vender os seus tecidos".

Isto também é certamente verdade, pois Coeur é celebrado como o homem que reviveu as antigas feiras de Lyon.

Alison diz então a Bloxham que se espera uma visitante na casa de Coeur.

Alison: Ela — ainda estamos à espera dela, há uma grande excitação, uma grande excitação — diz-se que é muito bela.

Bloxham: Pode dizer-me o nome dela?

Alison: Os homens chamam-lhe a Donzela de Fromenteau.

Bloxham: É uma pessoa muito especial?

Bloxham: De que forma é que ela é especial?

Alison: Ela é a amante do rei.

Bloxham: Oh, de qual rei? **Alison:** Carlos. (Pausa — depois murmura um nome hesitantemente).

Bloxham: Francisco?

Alison: Não, não. (Pausa). Não me consigo lembrar. (Pausa). Carlos — Carlos de Valois!

Bloxham: O que é que o seu senhor pensa do rei como homem?

Alison: Não muito. (Pausa). Ele gosta muito de Agnès Sorel, a Donzela de Fromenteau.

Bloxham: Agnès quê?

Alison: Sorel — a Donzela de Fromenteau.

As referências são exatas. Carlos VII tinha o nome de família Valois. A amante de Carlos de Valois era Agnès Sorel, celebrada pela sua beleza e nascida em 1422 na pequena cidade de Fromenteau, na Touraine. Dominou a vida do rei durante cinco anos até à sua morte súbita em 1449. Aceitava-se geralmente que o rei pensava mais em Agnès do que na sua rainha. Uma vez que se pensa que Agnès se tornou amante do rei em 1444, este será presumivelmente o ano que Alison descreve.

Bloxham: Agora isto é um pouco mais tarde. Esta senhora chegou — sente-se atraída por ela?

Alison: Ela é bela, bela — roupas belas.

Bloxham: O que é que ela está a vestir?

Alison: Um vestido de brocado verde, com meias-luas e estrelas bordadas, e um manto de veludo debruado a pele — e um capuz. Mas ela é bela. (Pausa). Dizem que veio pedir dinheiro emprestado ao senhor para o rei.

Bloxham: E o seu senhor vai emprestar dinheiro para o rei?

Alison: Sim, sim. Ele já emprestou dinheiro ao rei antes.

Bloxham: O seu senhor tem título?

Alison: Apenas Jacques Coeur, príncipe mercador.

Bloxham: Quanto dinheiro emprestou ele ao rei?

Alison: Dois mil *écus d'or*, que foram desperdiçados.

Demorei algum tempo a perceber que Alison estava a dizer "écus d'or", significando "escudos de ouro". O *écu* era uma moeda, agora obsoleta, que fora introduzida em França em 1395. Era a principal unidade monetária nos tempos de Carlos VII.

Bloxham: Como é que ele o desperdiçou? **Alison:** Pediu-o para os seus exércitos, mas em vez disso construiu uma nova torre contra o castelo. (Pausa). A Donzela de Fromenteau veio em vez do rei pedir o dinheiro.

Historiadores franceses sorriram quando ouviram que Carlos VII supostamente gastara o soldo dos seus exércitos a construir uma extensão de um castelo — e depois enviara a amante para pedir mais dinheiro emprestado. Disseram que parecia um comportamento bastante coerente para Carlos de Valois!

Uma visita de Agnès Sorel a Coeur também parecia provável, dado que existia uma relação próxima entre eles. Corria o boato de que eram amantes mas, certamente, ela era uma amiga próxima e aliada de Coeur na corte e, aquando da sua morte, ele foi nomeado executor do seu testamento.

Bloxham: O que é que ela disse ao seu senhor? Consegue ouvir a conversa?

Alison: Ele mostrou-lhe todos os belos tecidos. Ele admira-a — ela é muito bela e quer o dinheiro para o rei. Ele disse que não o emprestaria para o rei, mas que o emprestaria para ela. E, em troca, ela usaria as suas sedas e joias para que as pessoas soubessem que Jacques Coeur conseguia obter esses materiais e viessem ter com ele para os comprar — e essa seria a sua garantia.

A corte de Carlos VII usava, de facto, as roupas e joias fornecidas por Jacques Coeur. Poderia esta transação ter sido a origem do costume?

Bloxham: Ela falou consigo?

Alison: Não. Ela é muito bela. Chama-se Agnès.

Bloxham: Ele apresentou-a?

Alison: Não. (Pausa). Mas ele deu-lhe um diamante. Ele disse que era o primeiro diamante lapidado em França. (Pausa). Ela queria rubis, mas ele disse que só os diamantes lhe ficariam bem — e deu-lhe um diamante com um fecho de safira atrás.

Alguns historiadores afirmaram que Coeur foi o primeiro homem a mandar lapidar e talhar diamantes, e também que Agnès Sorel foi a primeira pessoa em França a usá-los. Um historiador francês escreveu: "Agnès introduziu o uso de pérolas e diamantes facetados vindos do fabuloso armazém do seu amigo Jacques Coeur".

Bloxham: O diamante era tão grande como a unha do seu dedo mindinho?

Alison: Muito maior, e a corrente e o fecho de safira. Ela não queria aceitar, mas ele disse que ela devia aceitar. O meu senhor admira a beleza. Ele não tem interesse em mulheres exceto pela sua beleza.

Bloxham: Suponho que ele a admira a si, não?

Alison: Ele gosta de mim. Ensinou-me a ler e a escrever.

Bloxham: A menina gosta dele?

Alison: Sim, ele tem sido muito bondoso para comigo.

Bloxham: É casada com ele?

Alison: Não, não.

Bloxham: É amante dele?

Alison: Não.

Bloxham: O que está a acontecer agora?

Alison: O senhor foi para o castelo.

Bloxham: O castelo onde está o rei?

Alison: Sim, em Chinon.

Bloxham: Em Chinon?

Alison: Em Chinon, o castelo em Chinon — o castelo chama-se Mehun-sur-Yèvre.

Aqui Alison confunde os nomes de dois castelos no Vale do Loire, que ela fundiu num só. O castelo favorito do rei era o de Mehun-sur-Yèvre, bastante perto de Bourges, enquanto Chinon é outro castelo, a alguns quilómetros de distância, onde o rei também viveu por longos períodos. Uma vez que é improvável que Alison, uma criada, tenha visitado qualquer um dos castelos, talvez seja desculpável que ela imagine tratar-se do mesmo lugar.

Alison: ... ele vai ver a Duquesa Yolande.

Bloxham: A Duquesa Yolande?

Alison: A Duquesa Yolande, que é a mãe de Carlos de Valois. Ele disse-me que acha que eles vão tentar pedir-lhe mais dinheiro emprestado para os exércitos.

O rei pediu dinheiro emprestado a Coeur em inúmeras ocasiões, geralmente para nunca ser devolvido. Alguns dos recibos não pagos sobrevivem até hoje. Uma "imprecisão" menor interessante é a referência a Yolande como "mãe" de Carlos — uma suposição falsa que não se obteria de um livro de história, mas que poderia ser um erro natural para uma rapariga na posição de Alison. Yolande, Duquesa de Anjou, não era a mãe do rei, mas sim uma sogra bastante especial, pois Carlos fora prometido em casamento desde os treze anos e Yolande praticamente o criou. Ela era certamente uma figura materna para o rei.

Bloxham: Ele (Coeur) levou-a à Pérsia ou a algum desses lugares?

Alison: Não. Ele próprio já não viaja muito agora. Ele é conhecido; o seu nome é tão familiar na Pérsia e nos países longínquos como o é em França. Todos conhecem e respeitam o nome de Jacques Coeur. Alguns dizem que ele é judeu, mas é um francês nascido em Bourges — o seu pai era ourives.

Historiadores em França disseram-me que havia especulação no século XV sobre se talvez Coeur seria judeu. Há duas histórias sobre as suas origens — uma de que era filho de um negociante de peles e couros de Bourges, e outra de que o seu pai era ourives em Bourges. A versão do ourives parece plausível porque Coeur tinha, indubitavelmente, um grande conhecimento de metais e pedras preciosas e, sendo ainda bastante jovem, sabia o suficiente para se tornar mestre da casa da moeda em Bourges.

Bloxham: Está apaixonada por alguém?

Alison: Não.

Bloxham: (sentindo alguma incerteza) Não está?

Alison: Não.

Bloxham: Teve visitas de pessoas especiais ultimamente? Ou para ver o seu senhor?

Alison: A Duquesa, Yolande, veio várias vezes.

Bloxham: Veio? Ela é uma mulher agradável?

Alison: Diz-se que possui o cérebro de um homem. É a mulher mais astuta de toda a França.

Uma reputação merecida para Yolande de Aragão, Duquesa de Anjou, que era temida e respeitada. Administrara sozinha o Anjou, repelira com sucesso as tentativas inglesas de o anexar e não olhava a meios, nem mesmo ao homicídio, como arma política.

Bloxham: O que é que ela lhe disse?

Alison: Eu sou apenas a Alison que escreve para o meu senhor e cuida dele. Eu... eu não sou nada para gente como a Duquesa Yolande.

Bloxham: Mas suponho que ela tenha falado consigo, não?

Alison: Sim.

Bloxham: O que é que ela lhe disse?

Alison: Apenas cortesias.

Bloxham: A Duquesa Yolande pediu dinheiro emprestado?

Alison: Para o rei, sim. (Pausa). Chamam-lhe pernas de garça.

Bloxham: Pernas de garça?

Alison: Pernas de garça, ele tem pernas finas e esguias; com um nariz Valois — um longo nariz Valois — pernas esguias de garça.

De facto, tinha. O seu nariz sobressai imenso mesmo nos retratos reais que sobrevivem hoje. E historiadores franceses garantem-me que ele parecia uma figura tão ridícula em calças amarelas que era referido de forma trocista na França do século XV como "pernas de garça".

Bloxham: Esse é o Carlos?

Alison: Esse é o Carlos de Valois. Mas ele não está a fazer nada para salvar a França. (Pausa). As pessoas dizem que foi ele quem entregou a Donzela de Orleães aos ingleses.

Uma das grandes controvérsias históricas é se Carlos VII terá traído Joana d'Arc, entregando-a aos ingleses. Ela foi queimada na fogueira em 1431, quando Jacques Coeur era ainda um jovem mercador ambicioso. O rei não fez qualquer esforço para a salvar ou pagar o seu resgate, e a opinião popular culpou-o pela sua morte. Contudo, Bloxham regressa à intrigante questão da relação entre Alison e Coeur, um homem muito mais velho do que a rapariga que tomou como criada, embora ele tenha agora, claramente, uma estima especial por ela. Nesta passagem, Alison comete aquele que é, indiscutivelmente, o primeiro grande erro de qualquer uma das regressões até ao momento.

Alison: Ele é muito bondoso para comigo, tenho um quarto bonito só para mim. Sou como sua filha, roupas belas. Ele confia em mim, fala comigo. Tenho porcelanas lindas que ele me deu e tenho-as no meu quarto — e joias. E ele gosta que eu me vista bem. Está presente quando a costureira vem e diz-lhe o que gostaria que fizesse.

Bloxham: Qual é o seu vestido favorito?

Alison: Um de brocado verde-pálido com um corpete baixo e mangas abertas, mangas cortadas desde o topo do braço até ao punho, para que os braços possam ser vistos.

Bloxham: Usa alguma joia?

Alison: (Tristemente) Não vou a lado nenhum para usar joias.

Bloxham: Não gosta de as usar em casa?

Alison: Sim, mas não há ninguém lá para as ver.

Bloxham: O seu senhor alguma vez foi casado?

Alison: Não, não que eu saiba. Ele ama apenas coisas belas. Não tem amor por homens ou mulheres, apenas por pessoas belas, coisas belas. Admira-me pela minha — bem, pela minha boa aparência, mas não me deseja.

A questão significativa é se Jacques Coeur alguma vez foi casado, e a resposta foi: "Não, não que eu saiba". O facto é que Jacques Coeur era um homem casado e, nesta fase da sua vida, tinha cinco filhos praticamente adultos — um dos quais estava prestes a tornar-se bispo, graças à influência de Coeur! Muitos anos antes, como um jovem ambicioso, Jacques casara-se com Macée de Léodepart, filha de uma família abastada de Bourges.

Como é possível que esta rapariga saiba que Coeur tinha um escravo pessoal egípcio e não tenha consciência de que ele era casado e com cinco filhos — um facto publicado em todos os relatos históricos da vida de Coeur? Naturalmente, nada há nos livros de história que nos diga se Coeur e a sua esposa eram felizes no casamento nesta altura. Sempre houve rumores sobre a sua relação com Agnès Sorel, a amante do rei. Possivelmente, se ele já não vivia um casamento ativo ou feliz, em tempos anteriores ao divórcio, teria pouca dificuldade em levar uma vida dupla, dado que possuía mais de quarenta residências, incluindo várias em Bourges, e poderia convenientemente ver a sua esposa tanto ou tão pouco quanto desejasse.

Mas será que uma criada de confiança como Alison ignoraria a existência de uma esposa? Coeur era certamente um homem reservado e de poucas falas, como indicam alguns dos lemas misteriosos que mandou esculpir em pedra na sua nova casa em Bourges: "Dizer, fazer, calar a minha alegria (ou amor)" é apenas um deles. Mas Alison teria certamente ouvido de outros criados que o seu senhor era casado, mesmo que nesta fase da regressão nunca tivesse vivido sob o mesmo teto que Macée de Léodepart?

O leitor terá de formar o seu próprio julgamento. Alguns colegas da BBC, que ouviram a gravação, consideram-no um erro crasso; outros estão dispostos a vê-lo como uma simples falha de memória da Jane Evans hipnotizada, que, afinal, está a lançar a sua mente quinhentos anos para trás! Alguns viram-no como uma falha humana por parte de uma adolescente, apaixonada por Coeur, que ainda hoje não consegue enfrentar a realidade total de todas as suas circunstâncias — nomeadamente, que ele era um homem casado.

Curiosamente, se a explicação para toda a regressão for a leitura de livros de história no século XX, então não consigo explicar como é que a pessoa submetida a Bloxham não saberia do casamento. É uma das características mais proeminentes em todos os relatos que li. Alison faz em seguida uma referência passageira à nomeação de Jacques Coeur como *argentier* do rei, ou Tesoureiro Real, em 1439. Menciona também o rei a enviar dinheiro "para a libertação do seu irmão René d'Anjou que tem sido mantido prisioneiro". Mais uma vez, a história está do lado dela, pois René d'Anjou era irmão do rei por casamento, filho de Yolande, e foi prisioneiro do Duque da Borgonha durante cinco anos antes de ser pago o resgate.

Bloxham: Ele (Coeur) disse-lhe mais alguma coisa?

Alison: Disse-me que o rei tinha banido o delfim. Luís foi banido da Corte — foi rude com Agnès Sorel e foi banido da corte; e o meu senhor teme que ele se vingue de Agnès — o meu senhor sente que ele o fará.

Bloxham: De que forma foi ele rude com ela?

Alison: Insultou-a, tentou fazer-lhe avanços, e o rei ficou muito zangado, tal como a bela Agnès. E baniu-o da Corte.

O delfim ou herdeiro do trono, mais tarde Rei Luís XI, foi banido da corte e havia muita animosidade entre Luís e tanto o seu pai como a amante do seu pai. Luís chegou a dar uma bofetada a Agnès Sorel em público e perseguiu-a pela corte com uma espada. Mas Alison sugere segredos mais obscuros na vida de Luís, este futuro rei de França.

Alison: E murmura-se que Luís matou a sua mulher, Margarida da Escócia, que veio para aqui — a delfina era muito doce, o meu senhor diz-me que ela era muito doce — e ele — ela morreu e o meu senhor acha que foi Luís o responsável.

Uma versão sucinta dos mexericos da época. Margarida da Escócia, jovem esposa de Luís e filha do Rei Jaime I da Escócia, morreu misteriosamente em 1446. A sua "gentileza e amor pela poesia" tornaram-na uma favorita do Rei Carlos, que organizara o seu casamento para fortalecer a sua aliança com a Escócia. Mas Margarida era uma figura triste, abertamente desprezada pelo marido. Incrivelmente, ficaram noivos quando Margarida tinha três anos e Luís cinco.

Casaram-se quando ele tinha treze e ela onze! Aos vinte anos, Margarida da Escócia adoeceu subitamente num banquete e morreu. Correram rumores de que Luís a tinha envenenado. Mais tarde na sua vida, Luís foi referido como a *universelle araigne* ou aranha universal. Era odiado e temido e um historiador, o Professor François Marie-Joseph Crouzet da Universidade de Bordéus, disse que o seu caráter consistia em "piedade combinada com crueldade". Compare-se esse veredito com a avaliação de Alison:

Alison: ... Luís é muito perverso, muito cruel e, no entanto, é piedoso por vezes.

Bloxham: Isso é um tanto contraditório, não é?

Alison: Sim. Ele mata alguém num dia e implora o perdão da Virgem Santíssima no dia seguinte. A bela Agnès ri-se dele. Sim, o meu senhor diz que a bela Agnès se ri dele.

A frase constantemente usada "a bela Agnès" é claramente uma tradução de *la belle Agnès*, como era frequentemente referida no século XV.

Bloxham: Isto é um pouco mais tarde. O que está a fazer agora?

Alison: Continuo na casa em Bourges, mas o meu senhor partiu a cavalo para Chinon — para preparar as senhoras, pois Carlos de Valois vai novamente a Paris. Ele vai a Paris — estava zangado com o povo de Paris e não foi lá durante muitos anos. Mas ele vai a Paris e o meu senhor foi levar roupas para as senhoras vestirem na sua entrada em Paris.

Quando Carlos VII era jovem, o norte de França, incluindo Paris, foi-lhe retirado e controlado pelos ingleses. A partir de 1422, Carlos foi conhecido de forma trocista como "o reizinho de Bourges". Mas em 1436 Paris foi reconquistada, embora durante algum tempo Carlos se tenha recusado a ir para lá, permanecendo com a sua corte no Vale do Loire.

As descrições de Alison sobre os preparativos para uma visita a Paris pareceriam não se referir à entrada inicial do rei naquela cidade, mas a uma

jornada subsequente. As datas são claras a partir da referência de Alison ao banimento de Luís, que ocorreu em 1447. Alison diz que isto é seguido por uma visita real a Paris, na qual Agnès é maltratada pelo povo dessa cidade — e tal incidente aconteceu em 1448. Na secção seguinte, Alison acerta nas datas, revela a sua própria idade e o seu crescente envolvimento com Jacques Coeur.

Bloxham: Que idade tem agora?

Alison: Cerca de dezoito anos. (Pausa). Se algo acontecesse ao meu senhor, eu não saberia o que fazer. Ele cuidou tão bem de mim, mas tem medo deste Luís — tem medo deste Luís — medo do que Luís fará agora que foi banido da corte. Teme pela segurança da bela Agnès.

Bloxham: Agora isto é um pouco mais tarde. O que está a acontecer agora?

Alison: Tivemos notícias. O meu senhor foi a Paris, voltou e trouxe-nos notícias de Paris. Quando desfilaram em procissão em Paris, a rainha cavalgou com o rei e depois atrás cavalgou Agnès, e os seus dois cães estavam com casacos de pele branca com coleiras de joias. E o povo cuspia-lhe e dizia que ela está belamente vestida e até os seus cães de estimação usam joias e, no entanto, eles não têm comida. E a rainha levou-a para a varanda, levou Agnès para a varanda para mostrar ao povo de Paris que amava Agnès, e o povo não gritou mais com ela. Não, a rainha é muito astuta, mas ama Agnès.

Bloxham: O que mais lhe disse o seu senhor sobre Paris?

Alison: As pessoas são muito pobres e ele disse que era suja. Ele é muito picuinhas, muito asseado.

Agnès Sorel possuía certamente um par de cães de estimação mimados, os galgos Carpet e Robin, que são carinhosamente referidos nas suas cartas. Também a rainha era sempre amigável com Agnès em público, embora o caso amoroso do rei fosse um segredo aberto. A versão de Alison sobre a visita a Paris parece ser corroborada por um relato escrito na época pelo anónimo "Cidadão de Paris".

Na última semana de abril de 1448, veio a Paris uma donzela que se dizia ser amada publicamente pelo Rei de França, sem fé e sem lei e sem honra para com a boa rainha com quem ele casara, e era aparente que ela mantinha uma ostentação tão grande como uma condessa ou duquesa. Ela andava geralmente com a boa Rainha de França, sem considerar o escândalo

provocado pela sua vergonha, por conta do qual a Rainha tinha muita mágoa no seu coração, mas era-lhe adequado suportá-lo por enquanto... e ela nomeava-se e fazia com que outros a chamassem de "a bela Agnès" e, como o povo de Paris não lhe prestava a reverência exigida pelo seu grande orgulho, ela disse, ao partir, que eles não passavam de plebe...

Mais tarde, Alison menciona que o seu senhor "foi ver Agnès, ela teve um filho, uma filha...". Ao todo, nos cinco anos em que Agnès foi amante do rei, deu-lhe quatro filhas, três das quais sobreviveram.

Mas Agnès, a Donzela de Fromenteau, estava próxima da morte quando a quarta criança nasceu em fevereiro de 1449. É assim que Alison descreve esses últimos dias:

Alison: Há uma grande ansiedade — o meu senhor está muito preocupado.

Bloxham: Está?

Alison: Sim, muito preocupado. A Donzela de Fromenteau está a morrer. Não sabem o que ela tem. O meu senhor acha que ela foi envenenada.

Bloxham: Oh!

Alison: O meu senhor acha que ela foi envenenada.

Bloxham: Ele suspeita de alguém?

Alison: Suspeita de Luís, Luís de Valois. Ele suspeita de Luís, Luís não se encontra em lado nenhum.

Bloxham: Agora isto é um pouco mais tarde. O que está a acontecer agora?

Alison: A Donzela de Fromenteau morreu. (Pausa). O rei está inconsolável, inconsolável. Está inconsolável. Tenho medo pelo meu senhor. Ouvi os criados dizerem que Luís está a espalhar a história de que foi o meu senhor quem matou Agnès. Luís odiava Jacques Coeur. Ele odeia Jacques Coeur e... tenho medo que façam mal ao meu senhor. Se fizerem, o que me acontecerá? O que me acontecerá se matarem o meu senhor?

Bloxham: O seu senhor não teve nada a ver com isso, pois não?

Alison: Nada de todo. Ele amava Agnès. Era o seu verdadeiro amigo. Ele não teve nada a ver com isso de todo, mas culpam-no.

Mais uma vez, Alison está correta. Os historiadores de hoje debatem se Agnès Sorel foi de todo envenenada; alguns acreditam que morreu de uma doença na sequência do nascimento da filha. Mas os cronistas do século XV partilhavam da suspeita de Alison de que a amante do rei fora envenenada pelo filho do rei, o Delfim Luís. Jean du Clercq escreveu:

Mal ela estava morta, disseram que fora envenenada, e alguns ousaram também afirmar que o delfim causara a morte da donzela chamada "a Bela Agnès", que estava inteiramente nos afetos do seu pai, o rei.

Outro cronista, Monstrelet, escreveu sobre "a bela Agnès, contra quem o delfim tinha um grande despeito e, por causa desse ódio, fez com que a sua morte fosse apressada".

As suspeitas de Alison podem ter sido partilhadas por outros no século XV, mas os seus receios pela segurança de Jacques Coeur eram bem fundamentados. O boato de que Coeur envenenara Agnès espalhou-se na corte, testemunhos falsos sobre o seu envolvimento foram dados ao rei e, em 1451, Coeur foi preso. Esta é a versão de Alison sobre a queda de Coeur e a sua própria morte aparente.

Bloxham: Bem, isto é mais tarde. O que está a acontecer agora?

Alison: Eles vêm aí. O rei retirou toda a riqueza ao meu senhor. Que terrível gratidão, gratidão nenhuma. Tirou-lhe a riqueza — quebrou-o, e ele apoiou o rei durante todo aquele tempo. E ele diz que acredita em Luís, que o senhor tentou — bem, que envenenou a bela Agnès. (Pausa). Mas ele não o fez! E o senhor tem medo que, se os soldados vierem aqui, me façam mal, me possam fazer mal. Ele quer que eu me vá embora. Mas eu não vou. Não vou e deixá-lo — não poderia deixá-lo. Vou ficar aqui com ele e quando os soldados vierem, os soldados vierem, não sei o que acontecerá. Não quero que eles venham. Levámos tudo o que podíamos levar antes de os homens do rei virem e levarem a nossa riqueza — o meu senhor deu a um bom amigo para guardar por ele. Ele quebrou-nos, este rei. Que ingratidão! Depois de tudo o que fizemos por ele.

Bloxham: "Não ponha a sua confiança em príncipes".

Alison: Não, não, não. Mas o meu senhor foi tão bom para o rei, tão bom para o rei.

Bloxham: Suponho que ele sentiu que não podia retribuir-lhe e então roubou tudo?

Alison: Não — não sei. Mas será um dia triste para França quando Luís estiver no trono. E não tardará muito, creio, até Luís estar no trono.

Bloxham: Bem, isto é um pouco mais tarde. O que está a acontecer agora?

Alison: Está preto, preto.

Bloxham: Os soldados vieram?

Alison: Os soldados vieram, os soldados vieram.

Bloxham: E fizeram-lhe alguma coisa?

Alison: Não, não fizeram. O meu senhor deu-me uma poção e eu adormeci.

Bloxham: O seu senhor também tomou a poção?

Alison: Não.

Bloxham: Ele não tomou?

Alison: Não.

Jacques Coeur não "tomou uma poção". Apresentou-se ao rei em julho de 1451, no castelo de Taillebourg. Disse ao rei que sabia que tinham sido lançadas acusações contra ele e que vários dos seus "subordinados tinham sido detidos à força por comando real". Coeur foi lançado numa masmorra e os seus bens e posses apreendidos. Enfrentou várias acusações, incluindo: envenenar Agnès, vender armas aos infiéis árabes, exportar prata de França, realizar negócios ilegais na casa da moeda real e devolver um escravo cristão fugitivo ao seu senhor árabe. O julgamento começou um ano após a sua detenção e durou dez meses. A acusação de envenenamento foi retirada, mas as outras, quase igualmente sem fundamento, prosseguiram.

O julgamento foi uma farsa. O procurador era um dos juízes e todos os três juízes deviam dinheiro a Coeur que nunca teriam de pagar se ele fosse considerado culpado. Coeur não foi autorizado a ser representado nem a convocar testemunhas. Foi também submetido à "pergunta" e torturado. Considerado culpado de cinco acusações, foi forçado a fazer a *amende honorable* — de joelhos, de cabeça descoberta, segurando uma vela acesa que pesava dez libras, foi obrigado a confessar os seus "crimes" e a implorar por misericórdia. A sua vida foi poupada, mas foi banido de todos os cargos públicos, a sua riqueza confiscada e permaneceu na prisão.

Mas embora Alison nada pudesse saber sobre isso, aquele não foi bem o fim da história de Jacques Coeur. Três anos após a sua detenção, conseguiu escapar da prisão e fugiu através de França. Na fronteira, perto do rio Ródano, foi encurralado pelos homens do rei num convento. Eles não conseguiam chegar até ele e tentaram envenená-lo, mas Coeur conseguiu enviar uma mensagem a alguns dos seus seguidores, incluindo alguns dos seus antigos capitães de navio. Eventualmente, vinte homens armados realizaram um resgate à meia-noite e ele escapou através do rio.

Coeur foi para Roma, onde o Papa o encarregou de uma frota numa cruzada contra os turcos. Nesta expedição, ao largo da costa da Ásia Menor, Jacques Coeur, então com sessenta anos, morreu, possivelmente devido a ferimentos, no ano de 1456.

Aos muitos mistérios que rodeiam a vida de Coeur, podemos agora acrescentar outro. Será possível que este grande príncipe mercador francês estivesse secretamente apaixonado por uma jovem rapariga árabe a quem chamou Alison e que era mantida à parte da sua esposa e família? A versão de Alison sobre a sua própria morte parece indicar uma relação muito especial com o homem que servia e que não estava disposta a deixar ou a viver sem ele. Seria ela, de facto, amante de Coeur, particularmente no ano ou pouco mais que se seguiu à morte da amante do rei, Agnès Sorel?

Mas se eram amantes, por que razão daria Coeur veneno a Alison e não o tomaria ele próprio? Mesmo este ato duro pode ter uma explicação razoável à luz dos tempos em que Coeur viveu. A aversão ao infiel era tão forte na França cristã que qualquer rapariga árabe sem a proteção do *argentier* do rei teria enfrentado um futuro difícil nas mãos dos homens do rei. A sua morte pode bem ter sido um ato de compaixão.

Historicamente, é claro, o principal debate sobre envenenamento centra-se em saber se Luís ou Jacques Coeur poderiam ter envenenado a amante do rei, Agnès Sorel. Alison suspeitava de Luís, que anteriormente estivera sob suspeita de ter envenenado a sua própria esposa, Margarida da Escócia. Seria Luís um envenenador? A história acabou por acrescentar uma nota de rodapé macabra a este debate, pois em 1461 o ingrato Rei Carlos VII de França morreu de fome porque acreditava que o seu filho Luís estava prestes a mandá-lo envenenar!

8

A procura de uma maçã dourada

A história da Alison era, de certa forma, a regressão mais impressionante que eu já analisara. O seu conhecimento da França do século XV existia em tantos níveis diferentes.

Enquanto eu percorria os castelos e museus do Vale do Loire, conversando com historiadores e curadores que me assoberbavam com as suas ofertas de ajuda, comecei a perceber o quão vasto era o conhecimento de Alison sobre a França medieval. Além do esboço histórico da vida de Jacques Coeur, no qual nos concentrámos até agora, Alison conseguia falar copiosamente sobre o vestuário e os trajes da época; tinha um conhecimento real dos pintores do século XV; conseguia descrever a casa de Coeur em Bourges por dentro e por fora e estava familiarizada com os objetos que ele possuía e colecionava.

Tudo isto, para a paciente de Bloxham, Jane Evans, faz parte da história de Jacques Coeur, um estrangeiro morto há muito que viveu num lugar que ela nunca visitou. Ela afirma que nunca tinha ouvido o seu nome antes de ser submetida à regressão e, se o seu conhecimento sobre ele provém de um livro esquecido, então trata-se de uma obra extremamente erudita que, até agora, não consegui rastrear.

Levei comigo para o Vale do Loire a cassete completa de Bloxham sobre Alison, incluindo secções sobre a casa e os bens de Coeur que ainda não tínhamos considerado, e também uma segunda cassete. Esta era a banda sonora do filme de Jane Evans hipnotizada e em regressão como Alison.

Esta experiência filmada não foi um sucesso absoluto. A presença de uma câmara, luzes e de tantas pessoas na sala criou, novamente, uma atmosfera tensa, e parecia que ficávamos sem película nos momentos mais críticos.

A sessão televisiva foi mais curta do que a original e, embora a história de Alison fosse em grande parte a mesma, era inevitavelmente menos detalhada. A paciente de Bloxham garantiu-me que não tinha lido nada sobre Coeur desde a primeira regressão, cinco anos antes, mas quando Bloxham se desviava da sua linha de questionário original, por vezes sob minha sugestão, eram-nos dadas algumas informações extra. Alguns destes fragmentos valem a pena ser mencionados.

Após uma primeira breve referência à luta entre Carlos VII, nos primeiros anos do seu reinado, e o Duque da Borgonha, Alison deu também alguns novos antecedentes sobre uma visita do rei a Paris.

Alison: O rei tem de estar em Paris. (Pausa.) Ele não foi coroado em Paris — não em Paris — outra pessoa foi coroada em Paris, não Carlos. (Pausa) Os ingleses, um rei inglês, rei de Inglaterra e rei de França.

Bloxham: Que rei é esse?

Alison: Creio que Henrique — rei de Inglaterra, rei de França. Ele foi coroado em Paris.

Bloxham: Compreendo. Tu não viste isso, pois não?

Alison: Oh, não.

O rei de Inglaterra e da França era Henrique VI, que foi coroado monarca de ambos os países em Paris, em 1431. Carlos levou anos a reconquistar Paris para o trono francês. Consequentemente, como disse Alison, Carlos tinha sido coroado "não em Paris", mas em Reims.

Existem também novas informações sobre uma sucessora de Agnès Sorel como amante do rei.

Bloxham: Isto é um pouco mais tarde. O que está a acontecer agora?

Alison: Agnès morreu. O rei tem outra amante.

Bloxham: Oh, quem é a nova amante do rei?

Alison: O seu nome é Antoinette. Ela é prima ou meia-irmã — é aparentada com Agnès — não é tão gentil ou boa como Agnès. Má influência para o rei.

Aquando da morte de Agnès Sorel, o rei Carlos tomou Antoinette de Maignelais como sua amante. Dizia-se que ela era sobrinha de Agnès, mas nunca foi uma figura tão popular na corte francesa como a sua tia. De seguida, perguntaram a Alison sobre pintores. O seu conhecimento era impressionante e não há evidência de uma familiaridade igual com as artes em nenhuma das outras cinco regressões.

Alison: Estiveram artistas aqui.

Bloxham: Quem são os artistas que vêm?

Alison: Pintores.

Bloxham: Consegues lembrar-te de algum deles?

Alison: Creio que — Fouquet. Sim, ele é um dos que tem estado aqui.

Bloxham: Ele pintou alguma coisa enquanto esteve aqui?

Alison: Não me consigo lembrar.

Bloxham: Ele veio ver as tuas pinturas?

Alison: Não. Ele veio vender-nos pinturas. Comprámos-lhe pinturas. Ele (Jacques Coeur?) coleciona belas pinturas.

Bloxham: E que outros pintores estiveram aqui?

Alison: Van Eyck.

Bloxham: O que achaste de Van Eyck?

Alison: Não vi muito dele.

Bloxham: Não viste?

Alison: Ele não me veio ver.

"Fouquet" é, inquestionavelmente, Jean Fouquet, nascido em 1420 e falecido em 1480. Foi o pintor da corte de Carlos VII e retratou tanto o rei como a amante real, Agnès Sorel. Era também um conhecido pessoal de Jacques Coeur, pois os recibos mostram que Fouquet, como tantos outros, pediu dinheiro emprestado a Coeur.

Jan Van Eyck foi também seu contemporâneo. De 1425 até à sua morte em 1441, Van Eyck trabalhou em França como pintor da corte de Filipe, o Bom, Duque da Borgonha. Van Eyck viajou extensivamente para o duque e é muito possível que tenha visitado Bourges, particularmente depois de 1435, quando Filipe e Carlos VII resolveram as suas querelas e se tornaram aliados.

Contudo, Alison fala de uma pintura específica de Agnès Sorel com um bebé como sendo "mãe e filho".

Bloxham: Sabes que pintor a retratou?

Alison: Van Eyck.

Bloxham: Tu não tens a pintura dela, pois não, na casa?

Alison: Não.

Bloxham: Quem tinha a pintura?

Alison: *René*. (*René d'Anjou* era o cunhado do rei.)

Van Eyck poderia ter pintado Agnès como uma beleza da corte; ela tinha quase vinte anos quando o mestre flamengo morreu. Mas é mais provável que exista uma confusão interessante na mente de Alison entre Fouquet e Van Eyck, os dois artistas que ela diz terem visitado Coeur. Sobrevive uma pintura de Agnès com um bebé como "Madona e Menino", da autoria de Jean Fouquet. Foi pintada pouco depois da morte de Agnès. O facto de ela estar morta, e o estreito envolvimento de Coeur com a amante do rei, poderia explicar, por razões sentimentais, por que razão Alison diz que o seu amo estava "muito ansioso" por obter este retrato.

O conhecimento de Alison sobre arte é também evidente numa parte da cassete original de Bloxham.

Bloxham: Conta-me mais sobre a tua bela casa.

Alison: Muitos quartos, tapeçarias magníficas. E o meu amo tem um quarto onde me leva ocasionalmente, onde há uma galeria comprida com quadros. (Pausa) Quadros — quadros belíssimos e ele disse-me os nomes de alguns dos artistas, quadros belíssimos.

Bloxham: Consegues lembrar-te dos nomes dos artistas?

Alison: Sim. *John of Bruges*, Van Eyck. Creio (pausa) Giotto.

Já foi estabelecido que Coeur poderia possuir uma pintura de Van Eyck, que trabalhava para o vizinho Duque da Borgonha. Poderia também ter possuído uma obra do mestre italiano Giotto, que morrera um século antes, em 1337 — Coeur fez várias visitas a Itália e era um colecionador rico e famoso de arte e objetos de beleza.

Foi o terceiro nome, "*John of Bruges*", que me deixou intrigado durante algum tempo. Os meus livros de referência, de tipo não especializado, não faziam menção a tal artista. Eventualmente, um bibliotecário localizou-o através de uma entrada num livro de arte em alemão.

Resta pouco da sua obra, mas foi um pintor flamengo de iluminuras que se sabe ter trabalhado entre os anos de 1368 e 1381. Era alternativamente chamado de "*John of Bruges*" ou John Bondolf.

E existe uma ligação credível entre este pintor e Jacques Coeur. No século anterior, *John of Bruges* foi pintor da corte em França para o rei Carlos V. E este rei era o avô de Carlos VII, o "Rei de Bourges" e patrono de Jacques

Coeur. Parece inevitável que parte da obra deste pintor tenha sobrevivido em Bourges.

A capacidade de Alison para conversar sobre arte não se limitava à pintura. Ela diz a Bloxham que havia muitas estátuas na casa.

Bloxham: Quais são as que recordas mais?

Alison: Há muitas. Animais e uma de um cão, um galgo.

Bloxham: É um galgo especial?

Alison: É o galgo de Agnès.

Bloxham: Por acaso sabes quem o esculpiu?

Alison: Alguém de Itália — não sei o nome — o mesmo homem que fez o túmulo dela.

Bloxham: Oh, o túmulo dela. Como é o túmulo dela?

Alison: É ela.

Bloxham: Perdão?

Alison: É ela.

Bloxham: Oh, e onde está o túmulo?

Alison: Na igreja.

Bloxham: Na igreja catedral, queres dizer? (a igreja catedral de Bourges)

Alison: Não, aqui não — não me consigo lembrar.

Como Alison diz, o túmulo de Agnès Sorel "é ela". Visitei o túmulo no castelo de Loches. Possui uma estátua jacente de Agnès com as mãos juntas, como que em oração. O túmulo teve uma história acidentada. Tinha sido descartado pelos revolucionários franceses e passou cento e sessenta e cinco anos, até à sua redescoberta em 1970, fora de vista numa cave. Mas no tempo de Alison o túmulo, como ela diz, estava numa igreja, mas não em Bourges — na igreja de *St Ours* em Loches. Ali permanecera até 1777, quando foi iniciado nas suas andanças por padres que moveram o túmulo para uma nave lateral porque este restringia os seus movimentos durante os serviços.

Hoje, ninguém sabe quem esculpiu a estátua do túmulo. A sugestão de Alison de que foi um escultor italiano obteve algum apoio de um historiador

em Bourges, o Sr. Michel Bourgeois-Lechartier, que me mostrou uma máscara mortuária em pedra de Agnès Sorel, que se sabe ter sido feita por um artista italiano. Poderia este italiano ter sido convidado para esculpir o túmulo? Poderia a máscara mortuária ter sido um preliminar para essa obra principal?

Quanto à estátua do "galgo de Agnès", a maioria das estátuas, pinturas e guarnições há muito desapareceram da casa de Coeur. Muitas foram despedaçadas por revolucionários franceses que as viam como símbolos da decadência aristocrática. Mas Agnès tinha uma paixão conhecida pelos seus galgos "*Carpet*" e "*Robin*", e é viável que um dos seus animais de estimação tenha sido esculpido em pedra.

Sobrevive evidência suficiente em *La Chaussée* para justificar a afirmação de Alison de que Coeur tinha "muitas estátuas" na sua casa. Torres e paredes têm incrustadas figuras de pedra de homens e animais, árvores e navios, que sobreviveram presumivelmente por estarem fora do alcance fácil dos revolucionários.

Hoje, a casa é rotulada de "gótico francês", um termo inédito no tempo de Coeur. A caraterística mais óbvia do edifício são os seus dois estilos contrastantes de arquitetura. De um lado, é um castelo, elegante com torres altas e lisas e janelas elevadas. Do outro, uma obra-prima de ornamentação com portais em arco, janelas decoradas e paredes e torres cravejadas de estatuária e desenhos intrincados.

Este choque entre o fantasioso e o funcional parece ser apreciado por Alison, perto do fim da sua regressão.

Alison: Diz-se que esta é a única casa em França com janelas (janelas de vidro eram uma inovação). Fica ao lado da catedral, perto da catedral de Bourges. E o meu amo disse que, quando a mandou construir, é uma mistura de bizantino — creio que ele disse bizantino — e arquitetura veneziana.

Bloxham: Isso deve ser belíssimo.

Alison: Portais ogivais e esculturas sobre os portais e portas grandes para entrar, com grandes ganchos de ferro pendurados onde colocamos as lanternas à noite. E um pátio — paredes de pedra e tapeçarias — tapeçarias belíssimas. E o chão é de pedra coberto de tapetes que o meu amo trouxe do Oriente e da Pérsia.

As guarnições podem ter desaparecido, mas ainda existe um grande pátio calcetado dentro da muralha exterior e dos grandes portões. E a casa em si fica a apenas uma curta caminhada da catedral, se não exatamente ao lado.

Bloxham: Tens um jardim bonito?

Alison: Sim. Sim.

Bloxham: Há água no jardim, um riacho ou algo do género?

Alison: Há uma fonte no jardim — uma fonte.

Bloxham: Gostas de passar tempo no jardim?

Alison: Não, eu supervisiono a gestão da casa para o meu amo, para que tudo seja deixado como ele gosta.

Hoje não existe nenhum jardim em *La Chaussée* mas, como deixam claro os guias, havia um no século XV, encostado ao lado da casa com vista para o campo. Dentro da casa, Alison fala com precisão de tetos altos e grandes salas de pedra e galerias; entalhes, mobília grande, cadeiras ornamentadas e almofadas à moda oriental. Ela menciona uma sala especial onde Coeur guardava o seu dinheiro e objetos de valor. "Não era na casa — difícil de penetrar".

Em *La Chaussée*, isto é um eufemismo. A "câmara do tesouro" de Jacques Coeur fica perto do topo de uma torre alta, subindo uma interminável escadaria em caracol. A porta é de ferro maciço e tem sete fechaduras e um visor — definitivamente "difícil de penetrar".

Na versão da regressão de Alison que filmámos, houve outra referência à casa. Incentivei Bloxham a perguntar se Coeur tinha um brasão de armas.

Alison: Há algo sobre a lareira. Um escudo, e creio que animais e um escudo junto à lareira. Não consigo ver bem, mas há um escudo e animais no escudo.

Bloxham: Poderias descrever os animais no escudo?

Alison: Não.

Bloxham: Existe um lema?

Alison: Há escrita. Não consigo ler. Consigo vê-la, mas não consigo lê-la.

Jacques Coeur tinha o seu próprio brasão de armas, mas o desenho — corações e conchas de vieira — não incluía animais. No entanto, no salão de banquetes, há uma grande lareira em redor da qual existem muitos animais esculpidos em pedra. Ao lado está o brasão de armas do Rei de França, que inclui um escudo e animais. Numa parede lateral está o próprio lema de Coeur, "*A vaillans coeurs rien impossible*" ou "para corações valentes, nada é impossível".

Muitos dos detalhes de Alison ajustam-se muito bem a *La Chaussée*, mas as descrições mais próximas surgem mais tarde na regressão. O mais provável é que algumas das visitas e eventos anteriores na vida de Coeur, que Alison recorda, não tenham ocorrido em *La Chaussée*, mas noutra das belas casas que Coeur possuía na mesma área. Não suspeitando da existência de mais do que uma casa em Bourges, Bloxham nunca fez perguntas que pudessem ter esclarecido a questão.

Coeur viveu em Bourges por longos períodos ao longo da sua vida, mas não começou a construir a sua nova casa, *La Chaussée*, antes de 1443, e esta não esteve pronta, nem mesmo para ocupação parcial, durante alguns anos. O pintor Van Eyck visitou muito possivelmente Coeur em Bourges, mas isto não poderia ter sido em *La Chaussée*, uma vez que Van Eyck morreu em 1441, dois anos antes de a casa ser construída!

Aquele encontro deve ter ocorrido numa das outras casas de Coeur. Mas a regressão abrange um total de quase dez anos e, antes do fim, Alison parece estar claramente a referir-se à nova mansão de Coeur — ela menciona os estilos contrastantes de arquitetura e tem consciência de que se trata de uma casa recém-construída — "O meu amo diz que quando a mandou construir..."

Mas Coeur construiu outras casas novas no distrito de Bourges, pelo que o local exato onde Alison afirma que vivia é incerto. A resposta pareceria estar ligada ao seu desconhecimento do casamento de Coeur. Na versão filmada da regressão, perguntaram novamente a Alison se Coeur tinha família. A sua resposta foi: "Não. Ou, se tem, não ouvi falar deles. Ele está por sua conta."

E Coeur era um homem estranhamente reservado. Os historiadores questionaram-se se ele seria um envenenador. E qual é o significado da "alegria" ou "amor" referidos em inscrições na casa de Coeur, onde por todo o lado lemas esculpidos e pintados proclamam as regras de ouro de discrição, silêncio e de nunca deixar que a mão direita saiba o que a esquerda faz de Coeur?

Michelet escreveu: "A casa e a vida de Coeur estão cheias de mistérios". E parece que a história de Alison é um mistério a acrescentar aos outros. O que é inegável é que ela conhecia alguns factos raros sobre o francês do século XV, como demonstrou a nossa procura de "uma maçã dourada".

Alison: E ele tem, no fim do corredor com os retratos e quadros, um quarto onde guarda a sua porcelana e jade e tem uma bela maçã dourada com joias incrustadas. Ele disse que lhe foi dada pelo Sultão da Turquia.

Inicialmente, nenhum dos historiadores e curadores ao longo do Vale do Loire conseguiu identificar esta maçã dourada ou algo semelhante. O meu colega, Magnus Magnusson, produziu uma teoria engenhosa para mostrar que uma maçã dourada teria tido um grande apelo para Coeur, que se deliciava com trocadilhos e objetos simbólicos. Sobre a porta da frente de Coeur existe uma escultura em pedra de uma laranjeira, um símbolo do seu comércio com o Médio Oriente, e o termo francês do século XV para uma laranja era *pomme d'or* ou maçã de ouro.

Este jogo de palavras inteligente parecia ser o mais próximo que conseguiríamos chegar, até eu chegar de volta ao meu hotel na última noite em Bourges. À minha espera estava uma mensagem de um historiador, o Sr. Pierre Bailly: "Monsieur, creio que encontrei a sua maçã dourada".

Nos arquivos, ao analisar o que ele designou como "uma lista obscura de itens confiscados pelo Tesouro a Jacques Coeur", ele deparou-se com uma entrada — uma "*grenade*" de ouro. Uma *grenade* é uma romã, em forma e tamanho tão parecida com uma maçã que o termo inglês (*pomegranate*) contém até a palavra raiz *pomme* ou maçã.

O objeto foi provavelmente derretido há muito — não havia referência ao facto de conter joias quando foi confiscado, pois foi listado como "saleiro" — mas o facto permanece: Jacques Coeur tinha possuído uma maçã dourada!

9

A costureira e a cortesã

As três últimas regressões de Jane Evans mostram mudanças reais de atitude e personalidade, embora sem a mesma riqueza maravilhosa de detalhes históricos das "vidas" de Rebecca, Livonia e Alison.

A relativa falta de conteúdo histórico foi uma ligeira desilusão, mas ao mesmo tempo um alívio pois, pelas leis das probabilidades, nem todas as seis "vidas" de Jane Evans deveriam centrar-se em eventos das páginas de algum livro de história obscuro. Senti que algumas das vidas seriam certamente comuns, não muito dramáticas, e assim foi.

Duas das regressões são breves e foram gravadas por Bloxham no espaço de uma única noite. Uma Jane hipnotizada tornou-se primeiro numa costureira surpreendentemente difusa na Londres da Rainha Ana. A rapariga tinha uma personalidade distinta de qualquer outra regressão. Bloxham conseguiu extrair apenas um punhado de factos históricos antes de a costureira se encontrar num quarto desagradável com vítimas de febre. Ficou claro para Bloxham que esta rapariga muito comum não iria proporcionar uma das suas "regressões interessantes" e, por isso, acordou-a.

Imediatamente a seguir, voltou a hipnotizar Jane e fê-la recuar mais duzentos anos para se tornar uma dama de companhia da Infanta Catarina, preparando-se para partir de Espanha para casar com o príncipe inglês Artur, em 1501. Há uma boa quantidade de factos históricos verificáveis nesta regressão, mas esta também termina subitamente quando a rapariga adoece e, aparentemente, morre.

Bloxham, antecipando uma regressão mais longa e tentando encaixar duas "vidas" na mesma noite, parecia estar pressionado pelo tempo e não questionou a rapariga tão minuciosamente como era habitual. Consequentemente, nesta regressão, Jane Evans não é tão impressionante historicamente como antes, embora a cortesã espanhola mostre uma mudança interessante de atitude em relação ao sexo, em comparação com as outras "identidades" de Jane.

À parte da regressão final de Jane como freira, o mais perto que chegamos dos dias de hoje é na "vida" da costureira, por volta do ano 1702. Esta começa com a descrição de um vestido que Jane está a costurar. Mas o seu nome é Ann Tasker, ela não conhece o pai e vive com a mãe em Paddington. Com outras cinco raparigas, Ann Tasker trabalha para uma modista numa sala grande numa casa em Londres.

Esta rapariga é jovem, possivelmente sem instrução, trabalha longas horas e queixa-se de estar sempre cansada. As suas respostas monossilábicas, enquanto Bloxham lhe arranca alguns factos, contrastam dramaticamente com a fluência relativa das personagens mais maduras das suas regressões

anteriores. A mudança vale a pena ser estudada — trata-se realmente de uma adolescente aborrecida!

Bloxham: Sabes se há um rei ou uma rainha?

Ann: Uma rainha.

Bloxham: Que rainha é esta?

Ann: Rainha Ana.

Bloxham: Sim, estou a ver.

Ann: (com indiferença) Senhora gorda.

Bloxham: Já viste a Rainha Ana?

Ann: Não.

Bloxham: Estás casada?

Ann: Não.

Bloxham: Tens algum amigo ou amante?

Ann: Não.

Bloxham: Quantos anos tens?

Ann: Acho que uns dezassete.

Bloxham: Tens irmãos ou irmãs?

Ann: Sim.

Bloxham: Quantos?

Ann: Dois.

Bloxham: São mais velhos ou mais novos?

Ann: Mais velhos.

Bloxham: O que fazem eles?

Ann: Estão no exército.

Bloxham: Mas não estão a lutar, pois não?

Ann: Estão fora.

Bloxham: Estão a lutar contra algum país?

Ann: Acho que estão em França.

Bloxham: Em França? Estão a lutar?

Ann: Sim.

Bloxham: Contra quem estão a lutar?

Ann: Estão em França — estão com Marlborough.

Bloxham: Com Marlborough?

Ann: Sim. Chamam-lhe Marlborough.

A maneira e a atitude desta rapariga para com Bloxham são completamente diferentes de qualquer uma das outras regressões, e a sua personalidade não é reconhecível como sendo a de Jane Evans. Qualquer pessoa que já tenha tentado questionar um adolescente pouco recetivo apreciará a dificuldade que Bloxham tem em obter informações desta rapariga. Ela conhece certos factos, mas estes têm de lhe ser arrancados através de uma série de perguntas diretas.

Historicamente, o que ela diz é exato. A Rainha Ana foi coroada a 8 de março de 1702 e, em maio desse ano, começou a Guerra da Sucessão Espanhola e o Exército Britânico esteve logo na Europa para combater os franceses. Como disse a rapariga, o Duque de Marlborough era o Capitão-Geral das tropas britânicas e lideraria em breve o exército anglo-holandês a vitórias notáveis.

Dezoito meses antes do início desta guerra, Londres tinha assistido ao funeral de Estado do Duque de Gloucester, que morreu aos onze anos. Como disse a costureira, este príncipe tinha sido o único filho da Rainha Ana.

Bloxham introduziu então a única outra personalidade nomeada nesta regressão. Uma senhora rica tinha passado pela oficina para um vestido.

Bloxham: Qual era o nome da senhora que veio hoje?

Ann: Não sei — acho que era algo como Villiers.

Bloxham: Villiers? Lady Villiers?

Ann: Acho que sim — sim, Villiers — a senhora com cabelo ruivo e olhos engraçados.

Bloxham: Eram olhos engraçados, eram?

Ann: Sim. Ela era vesga.

Bloxham: Oh, a sério?

Ann: Sim — tenho a certeza que o nome dela era Villiers.

Historicamente, a senhora de cabelo ruivo poderia ter sido Barbara Villiers, Duquesa de Cleveland, ou uma parente. Barbara Villiers, que viveu de 1641 a 1709, foi uma antiga amante do Rei Carlos II — uma senhora célebre que outrora teve um caso com o Duque de Marlborough.

A regressão da costureira está quase a terminar. Bloxham, talvez exasperado pela atitude desleixada de Ann Tasker, faz a paciente avançar no tempo.

Bloxham: Agora isto é um pouco mais tarde. O que estás a fazer agora?

Ann: Estou num quarto sujo, imundo — as pessoas estão doentes.

Bloxham: Estão? Oh, valha-me Deus, é uma taberna?

Ann: Não — cheiro terrível, quarto imundo, as pessoas estão enjoadas, a rebolar, doentes.

Bloxham: Estiveram a beber?

Ann: Não. Doentes.

Bloxham: Estão apenas doentes? Oh, valha-me Deus, será algum tipo de peste ou algo assim?

Ann: Há sempre peste onde eu vivo — a sujidade, o cheiro e o fedor, é horrível — as pessoas não se lavam.

Bloxham: Estão realmente doentes, estas pessoas?

Ann: É febre — calor — cheiro — fedor, uma confusão imunda...

Bloxham: Vou acordar-te...

Jane Evans acordou dizendo: "Sinto formigueiro, há um cheiro terrível." Bloxham explicou: "Esta não é muito agradável, por isso acordei-te. De qualquer forma, farei outra contigo, se quiseres."

E assim ela foi hipnotizada novamente e descreveu uma cena num pátio onde homens e cavalos se preparam para uma viagem. Os homens estão vestidos com "calças ranhuradas e gibões com mangas bufantes". A data parece ser maio de 1501, e a Infanta espanhola Catarina está prestes a partir para casar com o Príncipe Artur de Inglaterra. Jane Evans é uma dama de companhia chamada Anna.

Bloxham: Podes dizer-me como é a Infanta?

Anna: Rechonchuda, comum, mas muito simpática.

Bloxham: Como é que ela te chama?

Anna: Anna.

Bloxham: És morena ou loira?

Anna: O mesmo que a Infanta *Catherina* — nem morena nem loira — sem cor definida.

As descrições de Catarina, que tinha cabelo castanho, ajustam-se aos factos. Anna disse "rechonchuda e comum"; mais tarde, em Inglaterra, seria chamada de: "Antes feia do que o contrário; de baixa estatura e algo corpulenta; e muito religiosa". A forma aportuguesada do nome da Infanta é Catarina, mas "*Catherina*" é mais próxima do original espanhol, especialmente porque Anna a pronuncia "Katarina".

Anna diz corretamente que os pais da Infanta são o Rei Fernando e a Rainha Isabel. Os seus próprios pais são de Madrid e Anna diz que o seu apelido é "de Castela". Isto tem um som lógico, uma vez que a Rainha Isabel era governante de Castela por direito próprio e poderia muito bem ter escolhido, como companheira para a Infanta, algum parente da sua própria casa real.

Bloxham: Está a acontecer algo de muito especial nesta altura?

Anna: O casamento da Infanta *Catherina* — ela vai para Inglaterra.

Bloxham: Com quem vai ela casar?

Anna: Príncipe Artur.

Bloxham: Tu irás com ela?

Anna: Sim.

Bloxham: E o que estão os cavaleiros a fazer no pátio?

Anna: Estão à espera para nos levar.

Bloxham: Então estás muito entusiasmada, suponho?

Anna: Não. A Infanta está a chorar — ela não quer deixar a rainha — oh não, ela não quer ir para Inglaterra.

Bloxham: E o que pensa a rainha sobre isso?

Anna: Muito triste — todos os filhos casaram.

Bloxham: Que idade tem a Infanta?

Anna: Dezassete ou dezoito.

Bloxham: Que idade tens tu?

Anna: A mesma idade.

Exceto pelo facto de a Infanta ter quase dezasseis anos e não dezassete, Anna acertou nos factos. O Rei Fernando de Aragão e o Rei Henrique VII de Inglaterra tinham arranjado o casamento — o jovem casal foi prometido um ao outro quando Catarina tinha três anos e o Príncipe Artur tinha dois!

A Infanta, como disse Anna, era a mais nova dos cinco filhos de Fernando e Isabel e era a única que restava na corte. As suas três irmãs tinham casado e o seu irmão Juan tinha morrido. A relutância da Rainha Isabel em separar-se da sua filha mais nova também era muito real.

Em 1501, a corte espanhola era um lugar sombrio. Desde a morte do herdeiro espanhol, o Príncipe Juan, a rainha voltara-se cada vez mais para a sua religião. Isabel fora sempre uma católica fanática e agora vestia-se apenas de preto e, por baixo, usava o hábito de freira. Catarina partilhava a sua fé e atitudes.

Em comparação, Anna era uma adolescente tonta e promíscua. Pela primeira vez nas regressões, Jane Evans é uma mulher com "muitos amantes", que se queixa de que as duenas, ou as mulheres mais velhas que atuam como acompanhantes, a vigiam demasiado de perto!

Bloxham: Como te vestes habitualmente?

Anna: Temos de nos vestir severamente na corte — cores escuras.

Bloxham: Caso contrário, parecerias mais bonita do que a princesa?

Anna: A princesa também — somos todas severas. Tivemos aqui alguém de França e alguém de Portugal nos outros casamentos e as modas delas eram diferentes das nossas — muito mais bonitas.

Bloxham: Usas joias?

Anna: Não.

Bloxham: Não te é permitido?

Anna: A Infanta é muito piedosa.

Bloxham: Tu és muito piedosa?

Anna: Quando tenho de ser.

Bloxham: Tens de ir à confissão?

Anna: Sim — quando a Infanta vai, nós temos de ir.

Bloxham: O que fizeste que não contaste ao padre?

Anna: Não é suposto termos homens, mas temos.

A travessia de Espanha para Inglaterra foi muito tempestuosa. Seis semanas depois de zarpar, a frota espanhola desembarcou finalmente em Plymouth Hoe a 2 de outubro de 1501. Anna, questionada por Bloxham se Dover fora o porto onde atracaram, respondeu: "Dover, Dover, ouvi Dover mas não acho que tenha sido Dover. É um sítio com um nome engraçado — não me consigo lembrar."

Bloxham: O que fizeste quando desembarcaste?

Anna: Estava a chover — terrível — a chover — húmido. Havia pessoas para nos receber, mas disseram-nos que o rei vinha ao encontro da Infanta — mas ele não estava lá. Ele deve encontrar-se connosco no caminho para Londres, com o Príncipe Artur.

A história regista que o rei finalmente encontrou os seus convidados espanhóis no Palácio do Bispo de Bath em Dogmersfield. O Príncipe Artur estava lá também, com quinze anos, "meia cabeça mais baixo do que a princesa, magro, pele clara, pálido como a neve". O Príncipe Henrique tinha então dez anos e já era maior do que o seu irmão Artur. Oito anos mais tarde, ele próprio casaria com a Infanta e tornar-se-ia Henrique VIII. Anna parece saber algo deste encontro inicial.

Bloxham: Quanto tempo ficaste na corte inglesa?

Anna: Não estamos na corte inglesa — ficámos numa casa, uma casa grande, fora de Londres.

Bloxham: E o que está a acontecer lá?

Anna: Vão mandar-me de volta — muitos de nós vamos voltar para Espanha.

Bloxham: Conheceste o rei?

Anna: Vimo-lo e vimos o Príncipe Artur — muito pálido — o seu irmão, Henrique, era atraente, cabelo muito encaracolado — Henrique de cabelo encaracolado e ruivo. Mas Artur parecia fraco e pálido...

Um mês depois, em dezembro de 1501, Catarina de Aragão e o Príncipe Artur casaram-se. Artur era Príncipe de Gales e, nesse inverno, o casal mudou-se para o principado. Em abril, Artur estava morto, presume-se que devido à peste ou à tísica. Anna, ao que parece, era uma das pessoas destinadas a regressar a Espanha.

Bloxham: Podes dizer-me o nome do teu navio?

Anna: Não.

Bloxham: Não estavas muito interessada?

Anna: Estava demasiado doente — enjoada.

Anna: Sinto-me doente — quente — a minha cabeça dói — quente. Mandaram vir um médico — a pôr coisas na minha cabeça — para parar a febre — ainda estou quente — estou quente, está tanto calor.

Neste ponto da regressão, Bloxham acordou Jane Evans. Nunca saberemos se Anna voltou a ver os seus pais ou Espanha.

10

A freira americana

A sexta e última regressão de Jane Evans é muito diferente de todas as outras. Ela vive em tempos modernos, possivelmente até 1920, e é uma freira na América.

Esta foi, de longe, a mais recente das "vidas passadas" e, à partida, deveria ter sido a mais fácil de corroborar. Não foi o que aconteceu, porque a Irmã Grace, vaga e desligada do mundo, passa toda a sua vida adulta nos confins de um convento. Esta freira americana, demasiado humana e algo triste, uma desajustada na vida religiosa, é material escasso para investigadores e historiadores. Em contraste gritante com a maioria das suas outras regressões, Jane Evans como freira é quase totalmente alheia aos acontecimentos comuns do mundo exterior.

Mas há pontos de real interesse. Para começar, Jane Evans nunca tinha estado na América quando gravou esta regressão. Ela também foi criada como não-conformista, frequentou uma escola dominical presbiteriana e afirma não saber nada sobre o catolicismo romano ou freiras.

Na regressão, a Irmã Grace diz que a sua infância foi passada em Des Moines, uma cidade no estado de Iowa. Menciona uma rua, a "Route Two", que parece ter existido lá no século passado. Indica o apelido como "Ellis", que não é o mais comum dos nomes — mas parece estar fortemente representado em Des Moines tanto no século passado como hoje.

Há algumas dezenas de pessoas com o apelido Ellis na lista telefónica mais recente e, mais importante, em meados do século passado, quando Des Moines não passava de uma aldeia em rápido crescimento com algumas centenas de famílias, localizámos até agora uma dúzia de pessoas chamadas Ellis. O clã Ellis parece ter-se estabelecido em Des Moines com alguma força, embora a família real da freira não tenha sido positivamente identificada.

Um problema é que "Grace" não é, quase de certeza, o nome pelo qual a Menina Ellis seria conhecida em Des Moines no século passado. Grace seria o nome adotado por ela ao entrar no convento, para simbolizar a sua nova "identidade espiritual".

Além disso, nunca fica claro na regressão quantos anos da sua infância foram passados em Des Moines ou se a sua mãe continuou a viver nessa cidade após a filha partir para o convento. Verificar certidões de nascimento seria de pouca utilidade, uma vez que o registo de nascimentos no Iowa não se tornou obrigatório até à década de 1920. Foram realizados vários censos no final do século passado, embora a senhora do departamento de censos me

tenha dito que "estes censos não são cem por cento fiáveis; as pessoas aparecem num, desaparecem no seguinte, mas continuavam a viver por aqui".

Através dos censos, foram descobertas inúmeras famílias Ellis e uma "Ellice". Além das lacunas comuns nos registos, há uma bastante mais espetacular: o censo federal ou nacional de 1890 no Iowa foi mandado destruir pelo governo em Washington porque tinha sido parcialmente danificado por um incêndio. O Censo Federal era realizado de dez em dez anos desde 1860, havendo um hiato de vinte anos entre 1880 e 1900.

Rastrear a esquiva Irmã Grace através dos registos da religião americana é outra tarefa hercúlea. Existem inúmeras ordens religiosas e muitos milhares de freiras na América. A informação verificável que a Irmã Grace fornece sobre a sua ordem é escassa, mas ela poderá pertencer às Irmãs da Misericórdia, que parece nomear. Existem mais de dez mil Irmãs da Misericórdia espalhadas pela América e, no século passado, existiam em dezenas de conventos independentes e dispersos.

A falta de consciência factual da Irmã Grace na regressão, irritante para o investigador, criava um contraste interessante com a própria Jane Evans. A freira, esforçando-se para pensar em algo que soubesse sobre a Primeira Guerra Mundial, não parecia capaz de recorrer aos factos históricos que Jane Evans aprendera na escola ou que lhe tinham sido contados pelo pai, que fora soldado. A consciência da freira e a memória de Jane Evans não pareciam estar estreitamente ligadas.

Considerada pelo seu valor literal, a história da Irmã Grace é de leitura suave. Uma jovem mulher, cheia de dúvidas e pecados imaginários, rebela-se suavemente contra a vida conventual — come demais, canta desafinadamente, corre e ri. Apenas na velhice, incapacitada pela artrite, atinge uma espécie de tranquilidade — "eles gostam de mim e isso é tudo o que me importa".

Há um amadurecimento claro da personalidade, desde a incerteza da jovem mulher até aos discursos mais longos e às heresias mais firmemente defendidas pela freira idosa. O guião lê-se como páginas de um diário algo triste. Curiosamente, Jane Evans, numa fase anterior da vida, também sofreu de artrite, embora nada de tão grave como a Irmã Grace.

A regressão começa com Jane Evans a sussurrar que consegue ver "pilares — muitos pilares com arcos — está escuro lá dentro".

Bloxham: São pilares muito altos?

Grace: Não. É (pausa), é um passeio.

Bloxham: É um passeio — oh sim.

Grace: (voz cheia de surpresa) É — é um passeio longo. Há pessoas a passar — há pessoas — muitas pessoas agora — em procissão.

Bloxham: Em procissão?

Grace: Em procissão, duas a duas.

Bloxham: Como estão vestidas?

Grace: São freiras (pausa) e consigo ouvir um sino.

Bloxham: Está a dobrar?

Grace: Sim. Sim. E consigo ver o deambulatório.

Um deambulatório era um claustro, uma área em arco para caminhar, geralmente encontrada em mosteiros e conventos.

Bloxham: Qual é a ocasião?

Grace: São orações. (Pausa.) E elas estão com pressa.

Bloxham: Estás nesta procissão?

Grace: Sim.

Bloxham: Qual é o teu nome? Como te chamam?

Grace: Grace.

Bloxham: Quantos anos tens?

Grace: Jovem.

Bloxham: És noviça?

Grace: Não.

Bloxham: Também estás de preto?

Grace: Sim — não. Não. Não é preto — é — é cinzento. (Pausa.) Tenho um anel na minha mão — um anel, um anel na minha mão.

Bloxham: Em que mão?

Grace: Na minha mão esquerda.

O anel na mão esquerda simbolizava o casamento espiritual de uma freira. A referência ao hábito da Irmã Grace ser "cinzento" — que ela disse de forma algo sobressaltada, como se tivesse acabado de olhar para baixo — interpretei inicialmente como significando automaticamente que ela pertencia a uma ordem de freiras que usava essa cor. Existem várias, incluindo as Irmãs do Sagrado Coração.

Mas mais tarde Grace torna claro que trabalha nas cozinhas e, na maioria das ordens, incluindo as Irmãs da Misericórdia, as freiras que trabalhavam nas cozinhas, nas padarias ou talvez no hospital, vestiam branco — uma cor que talvez possa, por vezes, ser confundida com cinzento.

No século passado, as Irmãs da Misericórdia vestiam normalmente preto. Em nenhuma fase da regressão Grace nos diz a cor dos hábitos das outras freiras.

Bloxham: Tens uma cruz?

Grace: Oh sim. Todas temos cruzes.

Bloxham: De que é feita a tua cruz?

Grace: Creio que é de marfim.

Bloxham: És feliz como freira?

Grace: Oh sim.

Bloxham: O que fazes particularmente como freira?

Grace: Estou na cozinha. Tenho uma caixa — uma caixa com ervas — eu cultivo ervas.

Bloxham: Que tipo de comida cozinhas na cozinha?

Grace: Todo o tipo de comida — não apenas comida simples — não comida simples — gostamos de comida com ervas e eu cultivo ervas.

Bloxham: Fazes pão?

Grace: Eu não. Eu não. Uma das outras freiras faz o pão.

Bloxham: Há quanto tempo és freira?

Grace: Há muito tempo — não, não há assim tanto tempo, na verdade. Parece muito tempo.

Bloxham: Qual é o nome da Madre Superiora?

Grace: Conheço-a como Madre Superiora. Não sei o nome dela — ela é apenas a "Madre Superiora".

Bloxham: Como é ela?

Grace: Sem idade. Sem idade.

Bloxham: São muito rigorosas?

Grace: Sim. Sim. Todas temos penitências. Todas temos penitências.

Bloxham: Importas-te de ter penitências?

Grace: Não se tiver feito algo errado e tiver de cumprir uma penitência. Mas elas dão penitências por coisas que antes não eram erradas.

Bloxham: Por que coisas dão uma penitência?

Grace: Bem, temos de lhes dizer se achamos que pecámos, enquanto antes — antes de ser freira — não seria um pecado. Mas quando se é freira é um pecado. Não parece correto de alguma forma.

Bloxham: Alguns Padres vêm visitar-vos?

Grace: Vêm padres — vêm padres — sim.

Bloxham: Tiveste de confessar alguma coisa?

Grace: Não — exceto que como mais do que deveria comer — mas será isso uma confissão?

Bloxham: Tens de confessar isso, tens?

Grace: Bem, suponho que seja uma "indulgência do corpo".

Bloxham: O que fazia o teu pai?

Grace: O meu pai era — não sei — não me consigo lembrar do meu pai. Não me consigo lembrar do meu pai.

Bloxham: Ele morreu quando eras jovem?

Grace: Sim — a minha mãe criou-nos.

Bloxham: Tinhas irmãos ou irmãs?

Grace: Não. Tive um irmão pequeno que morreu. Depois éramos apenas a minha mãe e eu.

Bloxham: Qual era o nome do lugar onde vivias?

Grace: Maryland — não — Maryland, Maryland está-me na mente. Não era Maryland — não era Maryland.

Bloxham: Qual era o apelido do teu pai?

Grace: Ellis.

Bloxham: Sabes de onde veio a tua família?

Grace: A minha mãe dizia que vieram de Inglaterra.

Bloxham: Quem era o rei de Inglaterra quando estavas lá fora no mundo?

Grace: Não era um rei — era uma rainha — Vitória.

Bloxham: E quem era o presidente da América?

Grace: (pausa) Não me consigo lembrar.

Esta incapacidade de recordar quem era o presidente, enquanto se lembra do nome da rainha de Inglaterra, é talvez perdoável porque Vitória reinou durante sessenta e quatro anos, de 1837 a 1901, período durante o qual uma dúzia de presidentes passaram pelo cargo.

Bloxham: Porque decidiste tornar-te freira?

Grace: A minha mãe queria — a minha família era de católicos fervorosos — católicos.

Bloxham: Não terias gostado de casar?

Grace: Nunca me foi dada a oportunidade — eu fui sempre — a minha mãe quis sempre que eu fosse freira — e eu era jovem.

Bloxham: És uma mulher bonita?

Grace: Não sei — é um pecado.

Bloxham: Que eventos têm ocorrido ultimamente?

Grace: Tivemos alguém aqui — uma senhora — que veio para um retiro. Isso foi interessante — embora não seja suposto olharmos para elas ou falarmos com elas — mas foi interessante — ela era muito encantadora.

Bloxham: Há ciúmes entre as freiras?

Grace: Oh sim. Há ciúmes entre mulheres — sempre entre mulheres — coisas mesquinhas, coisas mesquinhas.

Bloxham: Tens alguma amiga?

Grace: Marguerite, Marguerite — ela é cozinheira.

Bloxham: É?

Grace: Muito gorda — muito gorda! (Pausa.) Criamos os nossos interesses. Tratamos do jardim — temos jardins lindos — cultivamos os nossos legumes e eu tenho as minhas ervas.

Bloxham: De quais gostas especialmente?

Grace: Gosto de manjericão — e tomilho — de todas. Coloco-as na comida, mas o cheiro por si só é maravilhoso — faz variar do cheiro a pano bafiento e lugares húmidos.

Bloxham: O teu convento é húmido?

Grace: Bastante húmido — nas capelas — sim.

Bloxham: Onde se situa o teu convento?

Grace: Bem, Maryland está-me na mente, mas não creio que seja Maryland. Não creio que seja Maryland.

Bloxham: Podes dizer-me onde costumavas viver?

Grace: Des Moines.

Bloxham: Consegues lembrar-te do nome da rua?

Grace: Não era uma rua — não era uma rua — era fora — tínhamos — era uma rota — Route Two, Des Moines.

Bloxham: (interpretando mal) Rota para Des Moines.

Grace: Não — Route Two, Des Moines.

Bloxham: Qual era o nome próprio do teu pai?

Grace: Clarence.

Bloxham: E o da tua mãe?

Grace: Irma.

No século passado, Des Moines era uma cidade em rápido crescimento na junção dos rios Raccoon e Des Moines. Em 1851 tinha apenas quinhentos habitantes — seis anos depois crescera até se tornar a capital do estado. Houve

um grande afluxo de população e, pelos registos de censo de 1860 e 1870, uma boa proporção tinha o apelido Ellis.

É também interessante que Des Moines, no século XIX, fosse uma cidade onde a Madre M. Francis Xavier estabeleceu um dos trinta e nove conventos para as Irmãs da Misericórdia na América. Se a história da freira for verdadeira, o que seria mais natural do que a sua mãe colocá-la numa ordem religiosa que já possuía um convento na cidade?

Bloxham: Viste a tua mãe desde que te tornaste freira?

Grace: Ela veio uma vez quando eu estive doente — as minhas articulações — as minhas articulações — chamavam-lhe reumatismo — as minhas articulações nos braços e nas pernas. A minha mãe veio — eu estava inchada — as minhas mãos estão um pouco tortas.

Bloxham: Que idade tens agora?

Grace: Trinta — trinta e cinco — o tempo passa com o tempo — não te dás conta — eu não me dou conta de que o tempo passa.

Bloxham: Tens notícias do mundo exterior?

Grace: Sim — as irmãs saem — algumas irmãs saem — eu já fui, mas não ultimamente. Eu quero ir, mas não me deixam — creio — ah — creio que temem pelo meu bem-estar espiritual.

Bloxham: Temem?

Grace: (ri-se suavemente) Pessoas — eu interesso-me por pessoas. Por vezes sinto que quero correr para os portões e quero bater nas portas e quero sair porque quero ver pessoas — quero ver pessoas.

Bloxham: E falar?

Grace: Falar com pessoas — sim — falar com crianças — pessoas — qualquer coisa. Temem pelo meu bem-estar espiritual.

Bloxham: Pensam que não voltarias?

Grace: Oh, eu voltaria — mas temem por mim por vezes, creio. Sim, tenho pensamentos por vezes — tenho pensamentos sobre pessoas — eu amo as pessoas — pessoas que conseguem falar — pessoas que conseguem falar comigo — discutir, debater, argumentar — não apenas rezar e deambular — rezar e deambular.

Bloxham: É um pouco sem objetivo, não é?

Grace: (veementemente) Sim, mas é pecaminoso pensar o contrário — é pecaminoso da minha parte — eu não deveria pensar assim — eu não deveria pensar — a Madre Superiora sabe que eu penso assim.

Bloxham: Ela falou-te sobre isso?

Grace: Sim. Sim. Ela perguntou-me — ela perguntou-me — não a tenho visto muito, mas ela perguntou-me como eu me sentia.

Bloxham: A Madre Superiora é irlandesa, talvez?

Grace: Não. Não. É americana.

Bloxham: Têm aí freiras de cor?

Grace: Não. Não. Raparigas comuns — raparigas comuns — por vezes penso — embora não seja correto pensar — que elas estão aqui porque não há muito mais para elas fazerem em qualquer outro lugar. Algumas delas — algumas delas mal sabem ler e escrever — algumas delas são más — algumas delas eu não consigo compreender — não têm vocação. (Pausa.) Eu não tenho — não creio que tenha vocação — não creio que tenha vocação.

Bloxham: Há aqui freiras muito santas?

Grace: Sim — "antes que se quebre a taça de ouro e se rompa o cordão de prata" — sim.

Grace está a citar aqui a passagem de Eclesiastes (Capítulo 12, versículo 6) na Bíblia, que termina com as palavras: "Vaidade, vaidade, diz o pregador, tudo é vaidade". Mas parece ter também em mente a crença expressa em alguns escritos religiosos de que a auréola de um anjo era segurada por um cordão de prata.

Bloxham: O que significa isso?

Grace: Estava a pensar em freiras santas — freiras santas — sim — e nas suas auréolas.

Bloxham: Alguma vez tiveste uma experiência muito espiritual?

Grace: Não sei — estive uma vez na capela sozinha e ficou terrivelmente frio — um frio terrível e senti como se estivesse lá alguém — mas foi só isso — e não estava lá ninguém. Mas senti algo e sinto isto por todo o lado aqui e, por vezes, fico assustada porque sinto coisas. Eu pressinto — consigo olhar para algumas das outras freiras e consigo pressentir coisas. Consigo, por vezes, saber o que elas estão a pensar.

Bloxham: Deve ser muito embaraçoso para elas.

Grace: Bem, algumas delas são demasiado santas para viver — sim — têm horror de mim, creio. Sou um pouco diferente, um pouco diferente — de facto, muito diferente da maioria delas.

Bloxham: Porque ainda te interessas pelo mundo exterior?

Grace: Sim. Sim.

Bloxham: Ouviste alguma notícia do mundo exterior que te fizesse sentir vontade de sair para o mundo?

Grace: Não. Não. Houve — houve uma guerra — houve uma guerra — ouvi dizer que houve uma guerra, mas não ouvimos muito. Foi em — creio — creio que foi algo sobre um deserto — guerra num deserto — guerra num deserto, creio — sim.

Bloxham: Quem estava a lutar?

Grace: Não sei. Não sei.

Esta referência poderia aplicar-se a qualquer uma de várias guerras do século passado. Curiosamente, a Jane Evans dos dias de hoje conseguiria falar de forma mais convincente sobre a maioria delas do que quando em regressão como Irmã Grace. Na América, as guerras Apache no Arizona foram travadas "num deserto" e terminaram em 1886 com a rendição de Gerónimo. Aquele outro conflito americano, a breve guerra com a Espanha em 1898, que durou apenas cento e catorze dias com combates terrestres confinados a Cuba e às Filipinas, dificilmente poderia ser descrita como uma guerra "de deserto".

Mas outra possibilidade é a luta britânica contra os Dervixes no Sudão, na década de 1880, que incluiu a muito publicitada queda de Cartum e a morte do General Gordon em 1885. Mais tarde no século, os britânicos envolveram-se numa guerra de três anos com os Bôeres na África do Sul, a partir de 1899. Mas os locais mais prováveis para esta "guerra num deserto" pareceriam ser o Arizona ou o Sudão.

Bloxham: Suponho que gostarias de ter ouvido falar mais sobre isso?

Grace: Sim. Sim. Gostaria de ter jornais — jornais e livros. Temos livros aqui, mas apenas os livros do convento — apenas os livros eclesiásticos.

Bloxham: Têm algum livro maravilhosamente iluminado?

Grace: Sim. Sim. Temos uma pequena noviça que lhes tira o pó e os limpa — tira o pó e limpa-os — há um livro grande com uma fechadura — uma fechadura e figuras a ouro na capa — e um belo trabalho de filigrana na capa — um grande livro de couro — com um ouro lindo — coisas belas.

Bloxham: Sabes quem fez esse livro?

Grace: Não. Não. Não vejo muito os livros porque estou apenas nas cozinhas, mas gostaria de ver os livros — gostaria de ver os livros. Tenho de — tenho sido pecadora nestas coisas — desejar livros, jornais — terei de me confessar — acho que por vezes devo chocar o padre e a Madre Superiora — eles devem pensar — não admira que se preocupem com o meu bem-estar espiritual — eu choco-os ocasionalmente — corro e rio.

Bloxham: Gostas de os chocar?

Grace: Sim. Sim. (Pausa.) Eu corro, e rio quando não deveria rir, e canto desafinadamente — eu canto.

Bloxham: O que gostas de cantar?

Grace: Bem, eu apenas cantarolo coisas que invento — não é suposto, na verdade — apenas quando estamos a entoar cânticos — não fazemos muito. Mas gosto de cantar — gosto de cantarolar coisas antigas que conhecia em casa.

Bloxham: Que canções conhecias em casa?

Grace: Oh, velhos espirituais negros que todos conhecíamos — espirituais — "Oh golden slippers" eu lembro-me... (Grace canta baixinho.) "Oh dem golden slippers - Oh dem golden slippers." Sim, nós costumávamos — a minha mãe costumava cantar-ma — sim.

"Oh dem golden slippers" é a primeira linha de um espiritual negro tradicional bastante conhecido.

Bloxham: Tens uma voz bonita?

Grace: Oh, elas não acham — não, acham que canto fora de tom. Para mim soa bem — para mim a minha voz é bela, mas para elas — é desafinada, dizem elas. Sim, riem-se de mim, mas se eu conseguir fazer alguém rir, já é alguma coisa.

Bloxham: Quem é o padre que te vem ver aqui, para ouvir a confissão?

Grace: Ignatius — Padre Ignatius. Ele é alto — um tipo de homem alto, pálido, ascético — pálido.

Bloxham: Achas que ele é italiano ou espanhol?

Grace: Não sei — ele fala apenas como todos os outros — soa como todos os outros.

Bloxham: Ele é atraente?

Grace: Eu não o acho.

Bloxham: E as outras freiras?

Grace: Nunca as ouvi dizer — mas também é pecado achar os homens atraentes — mesmo o Padre Ignatius.

Bloxham: Quando confessas coisas ao Padre Ignatius, o que é que ele diz?

Grace: Não tenho tido nada de muito — sério — para confessar, na verdade. Exceto que como demais — muitas de nós comemos demais — alimentamo-nos muito bem. Mas eu não — exceto talvez me tenha atrasado — tenha chegado atrasada para as orações — mas ele é sempre muito gentil.

Bloxham: Alguma das freiras tem estado muito doente ultimamente?

Grace: Só eu. Eu não sabia o que era — estava inchada — terrivelmente inchada — as minhas pernas e braços. Mas pareci melhorar — todas rezaram por mim e supôs-se que isso tinha resolvido — não me sentia bem há muito tempo e, de repente, estava inchada e com dores — dores terríveis — oh, durante muito tempo não me conseguia mexer ou mal me mexia. Mas era tão solitário porque todas tinham os seus deveres para fazer — eu estava entregue a mim própria. E, de qualquer modo, estou melhor, por isso devo agradecer a Deus. Estou melhor e sou capaz de fazer coisas agora — mas a minha mão, uma das mãos, a minha mão esquerda, o meu dedo com o anel está grande, inchado — ambas as minhas mãos estão mal, não tão mal — graças a Deus — como estavam.

Bloxham: Agora isto é mais tarde — ouviste alguma notícia ultimamente do mundo exterior?

Grace: Sim. Há uma guerra — nós não estamos nela — não estamos nela — Alemanha e Grã-Bretanha em guerra — estão em guerra, ouvimos dizer — ouvimos dizer que estão em guerra.

Bloxham: Sabes em que ano estamos?

Grace: Deve ser — deve ser 1914-15 — creio que deve ser. Lembro-me que uma das irmãs disse que era algo como 1914-15 — estou aleijada agora.

A Grã-Bretanha e a Alemanha iniciaram a guerra em 1914 e a América não entrou até 1917.

Bloxham: Estás aleijada?

Grace: Sim, estou aleijada — as minhas mãos e as minhas pernas estão aleijadas — dores terríveis — dores pavorosas — as pessoas são gentis — muito gentis — mas estou aleijada.

Bloxham: Sabes em que lugar fica este convento?

Grace: Oh — Maryland está-me na mente — Maryland, Maryland — mas não acho que possa ser Maryland — está apenas na minha mente — Maryland — não sei.

Maryland é por vezes referida como "o coração católico da América". Existem inúmeros conventos no estado e muitas casas-mãe de ordens como as Irmãs da Misericórdia situam-se em Maryland.

Bloxham: Podes dizer-me os nomes de algumas das outras freiras?

Grace: Irmã Benedicta, Irmã Catherine, Irmã Marguerite que continua gorda — continua gorda — Irmã Marguerite que é tão gentil comigo.

Bloxham: Há muitas freiras aqui?

Grace: Cerca de quarenta — tudo parece ter mudado — tudo mudou — as pessoas vêm mais ao convento — as pessoas vêm — vemos sempre mais pessoas — as pessoas agora parecem mais necessitadas de retiro do que nunca. (Pausa.) Continuo a querer jornais — continuo a querer livros — mal consigo segurar um livro — não os livros grandes e pesados que têm aqui — as minhas mãos estão tão gravemente aleijadas — mas continuo a ansiar por livros e pessoas para conversar e ver — conversar.

Bloxham: Viste a tua mãe ultimamente?

Grace: Ela veio uma vez — sim — ela está muito velha — muito velha — não espero vê-la novamente.

Bloxham: O que é que ela te contou quando te veio ver?

Grace: Não muito. Não. Não é suposto contarem-nos muita coisa. Não estivemos muito tempo juntas e havia mais alguém connosco e a minha mãe não podia dizer muito — chega-se a uma fase em que se está tão isolada das pessoas que não se tem nada em comum com as pessoas — isso soa — hmm — isso soa peculiar. Eu não tinha nada para falar com ela — já não conhecia ninguém que ela conhece, apenas as pessoas na proximidade imediata no convento — não conhecia mais ninguém.

Bloxham: Tinhas muitos amigos antes de ires para o convento?

Grace: Alguns — sim — mas todos eles — a minha mãe disse que casaram — todos casaram. (Pausa.) Uma rapariga com um nome engraçado — uh, um nome engraçado — Luca — Lucilla?

Bloxham: Qual era o outro nome dela?

Grace: Lucilla — Carr — Carr, creio — não me consigo lembrar — não me consigo lembrar de como as pessoas são agora — já passou tanto tempo desde que tive contacto com pessoas.

Bloxham: Eram grandes amigas, tu e a Lucilla?

Grace: Tão amigas quanto raparigas de dezasseis anos podem ser — éramos amigas num minuto e não éramos no seguinte — e discutíamos e tínhamos — pequenas coisas mesquinhas — suponho que éramos amigas — ela é a única de que me consigo lembrar muito bem.

Bloxham: Tinhas algum namorado nessa idade?

Grace: Oh, não. Eu gostava de rapazes — gostava da companhia deles — eles gostavam de mim — eu era um pouco Maria-rapaz — mas nenhum namorado especial, em particular.

Bloxham: Sabes quem é o Papa?

Grace: Oh sim — mas não consigo — temos uma fotografia — uma imagem dele, mas não me consigo lembrar.

Bloxham: Algum cardeal especial veio ver-vos?

Grace: Não. Não. Nós rimo-nos — não devíamos rir-nos disso, mas rimo-nos e dizemos "somos as esquecidas aqui metidas" — sim — pobres Irmãs da Misericórdia.

Bloxham: Vós sois as Irmãs da Misericórdia, não sois?

Grace: É suposto sermos — tenho as minhas dúvidas por vezes — ah, ah — bem, misericórdia — as pessoas querem misericórdia hoje em dia? As pessoas querem caridade? Não creio.

Aquela secção fez-me questionar se Grace era, de facto, uma das Irmãs da Misericórdia, cujo convento-mãe é em Maryland. O editor de um jornal católico em Des Moines salientou-me, contudo, que o termo "irmã da misericórdia" poderia ser aplicado de forma genérica a qualquer freira.

Mas mesmo assumindo que uma freira usaria o termo de forma precisa, a tarefa de a localizar continuaria a não ser fácil. Pois, após a Ordem ter sido fundada na América em 1843 a partir da casa-mãe em Dublim, cresceu prodigiosamente, e houve em breve dezenas de conventos independentes por todo o país. Eventualmente, em 1929, foi feito um esforço de reorganização e cento e seis unidades separadas, cada uma com a sua própria madre superiora, formaram uma união — embora outras dezassete comunidades tenham decidido manter-se independentes.

Localizar a Irmã Grace bem poderia levar à Irmã Mary Felicitas outros vinte e oito anos!

Bloxham: Não tendes nenhuma escola de raparigas ligada ao vosso convento?

Grace: Não. Mas as irmãs por vezes saem e dão instrução religiosa em escolas — sim, era o que eu — não posso ir agora, claro — mas adoraria ter ido ver as crianças — estar com as crianças, particularmente. Acho que a instrução religiosa é tão maçadora — eu fá-las-ia rir — a religião não deve ser sisuda e abafada — deve ser divertida. Não é suposto sofreres a instrução religiosa — é suposto ser divertido — eu tê-los-ia feito gostar — sim — mas para mim acabou — não posso sair — não consigo andar agora — estou apenas — sentada aqui (repreendendo-se a si própria) — fonte de sabedoria infinita!

Bloxham: (intrigado) Fonte de sabedoria infinita?

Grace: (rindo) Ah — ho — sim.

Bloxham: Tratam-te com grande reverência?

Grace: Oh não! Oh não! Não. Não. Nenhuma reverência — mas elas gostam de mim e isso é tudo o que me importa.

Bloxham: Talvez tenhas um brilho no olhar?

Grace: Tenho um brilho em ambos os olhos — acho que tenho sentido de humor — talvez o que não devesse ter — mas as pessoas na Bíblia tinham sentido de humor.

Bloxham: Ainda tens a mesma Madre Superiora?

Grace: Sim. Ela está a ficar idosa, mas parece durar para sempre — enquanto — ela não está doente desde que me lembro — quem me dera poder ser como ela e andar por aí.

Bloxham: O que diz ela quando te vem ver?

Grace: Oh, cumprimenta-me e pergunta como me sinto — eu costumo dizer "com as mãos", o que provoca uma risadinha. Sim — as minhas mãos nudosas — mas ela é muito gentil mas distante — fria — mas acho que, no fundo, muito gentil.

Bloxham: Há algumas com quem te divirtas?

Grace: Estão a vir muitas mais novas agora — as mais velhas já se foram e não restamos muitas de nós que aqui estávamos quando cheguei.

Bloxham: Quando dizes "foram-se", queres dizer que morreram?

Grace: Sim. Algumas delas morreram — falou-se em fechar o convento — fechar o convento — meter-nos a todas num grande convento mais longe — não ouvi muito sobre isso. Acham que estou demasiado semi-senil agora para me ralar — não me contam muita coisa.

Bloxham: Gostarias de ir para um lugar maior?

Grace: Teria gostado de ir para um lugar maior, mas agora acho que estou a ficar gradualmente cada vez mais tesa e cada vez mais "perra" — que agora gostaria de ficar onde estou — agora gostaria de ficar onde estou.

Bloxham: Agora isto é um pouco mais tarde — o que ouviste sobre a guerra?

Grace: A guerra acabou — uma das irmãs disse que foi terrível — tinham gases pavorosos e bombas pavorosas — e — oh, terrível, disse ela — terrível, e tinham visto fotografias de coisas horríveis — de batalhas — e a Alemanha perdeu a guerra — a Alemanha não ganhou.

Bloxham: Ouviste mais alguma coisa?

Grace: Não.

Bloxham: Tens notícias de Itália?

Grace: Há notícias, mas eu — não me apetece dar-me ao trabalho de as ouvir.

Bloxham: Que idade tens agora?

Grace: Sessenta — sessenta e tal — muito aleijada — dores terríveis — uma dor terrível no meu estômago. Parece estar a corroer-me — tento sorrir e rir, mas é uma dor terrível — uma dor terrível.

A paciente de Bloxham estava com tanto desconforto que o hipnotizador a acordou e terminou a regressão.

O combate do HMS Aggie

Existem outras cassetes de Bloxham tão impressionantes como as regressões de Jane Evans. A regressão do "HMS Aggie" — um marinheiro "recrutado à força" a bordo de uma fragata britânica há dois séculos, relatando um combate com um navio francês ao largo de Calais — é tão poderosa e arrepiante como qualquer obra dramática que alguma vez tenha ouvido.

O ajudante de artilheiro, analfabeto e praguejador, com a sua tosse persistente e risada terrosa, está tão afastado quanto é possível imaginar do homem sob hipnose, Graham Huxtable, um homem de Swansea, encantador e de voz suave. As vozes dos dois não são reconhecíveis como sendo da mesma pessoa — a do ajudante tem um tom muito mais profundo e um forte sotaque rural do sul de Inglaterra.

O ajudante utiliza gíria naval arcaica e fala de práticas a bordo igualmente obsoletas. Partes da cassete eram-me ininteligíveis até serem explicadas por historiadores do Museu Marítimo Nacional em Greenwich. E o quadro aterrador da vida a bordo de um navio como o Aggie, verificado por especialistas, removeu para sempre qualquer nostalgia persistente que eu pudesse sentir pelas tradições de "corações de carvalho e marinheiros alegres" da Marinha Real. Como Silliman escreveu no seu diário de 1806: "Uma classe particular de homens parece estar abandonada pela sociedade e entregue a uma prisão perpétua e a uma escravatura que, embora honrosa, os priva da maioria das coisas que os homens prezam."

Um historiador moderno, o Sr. Oliver Warner, a quem o Conde Mountbatten (antigo Primeiro Lorde do Almirantado) pediu para investigar a

cassete, disse-me estar convencido da autenticidade da mesma "simplesmente pela realidade das condições descritas, pela atitude geral do homem e tanto pela sua ignorância global como por quaisquer factos da história com que pareça estar familiarizado."

Esta cassete tem de ser ouvida para ser plenamente apreciada, e foi essa experiência que levou o Conde Mountbatten e o seu sobrinho, o Príncipe Filipe, a convocar alguns historiadores do Almirantado. Vários capitães e navios foram sugeridos como possíveis correspondências para o capitão do Aggie e a sua embarcação, mas ninguém consegue identificar especificamente o combate ao largo da costa francesa. Isto não é surpreendente, pois num século repleto de bloqueios a portos franceses, encontrar este incidente menor é verdadeiramente como procurar uma agulha no palheiro naval. Talvez esta versão publicada leve algum investigador a ter melhor sorte do que a que tivemos até agora.

Quanto a Graham Huxtable, ele sente-se incapaz de explicar toda a experiência. Não acredita em reencarnação, mas questiona-se agora se alguma teoria de memória hereditária poderá ser uma explicação. Especula que, pelo facto de os seus antepassados virem de Devon, estariam talvez associados ao mar. O próprio Huxtable nunca foi para o mar, nunca serviu na marinha, nem teve qualquer interesse no tema. O seu serviço de guerra foi no exército, lidando com tanques e nunca com navios.

O Aggie foi a sua única regressão. Conheceu Bloxham em 1965, quando acompanhava alguém que ia ao hipnoterapeuta para tratamento, e concordou em ser uma das "cobaias" do hipnotizador. O clímax, quando a perna do ajudante é aparentemente decepada por fogo de canhão, foi tão agonizante que o hipnotizador teve alguma dificuldade em tirar Huxtable do transe. O hipnotizador nunca lhe pediu para gravar outra cassete.

No entanto, tudo começara de forma serena, com o diálogo a ganhar confiança gradualmente, pontuado por uma tosse estranha, profunda e quase tuberculosa, que claramente não pertence a Huxtable. O ajudante encontra-se a bordo de um "navio que balança".

Bloxham: Que tipo de navio é?

Huxtable: Aaaah. (Pausa.) Inferno!

Bloxham: Que tipo de navio?

Huxtable: Sempre a balançar.

Bloxham: Está num mar agitado?

Huxtable: Sim — o mar está pesado (crise de tosse).

Bloxham: Qual é o nome deste navio?

Huxtable: Chamem-lhe Aggie.

Bloxham: Qual é o nome completo?

Huxtable: Nome pomposo. Aggie, Aggus... (a voz desvanece-se em murmúrios).

Bloxham: Não importa, lembrar-te-ás em breve. Quem está no comando?

Huxtable: O capitão.

Bloxham: Capitão quem?

Huxtable: Pearce. Capitão Pearce.

Houve cerca de vinte capitães chamados Pearce, Pearse ou Pearson a servir na marinha no século XVIII, pelo que esta informação pouco ajudou a identificar o Aggie.

Bloxham: Que tipo de homem é ele?

Huxtable: Ele gosta do "gato".

Bloxham: Gosta do "gato", gosta?

Huxtable: Sim, demasiado!

O "gato de nove caudas", um chicote com nove tiras, era o método padrão de disciplina na marinha britânica. Uma ofensa punível em conselho de guerra poderia significar trezentas chicotadas, por vezes fatais, e uma infração menor mereceria seis ou uma dúzia nas costas nuas.

Bloxham: O que és tu neste navio?

Huxtable: Canhões.

Bloxham: Como estás vestido?

Huxtable: (pausa) Calções rotos.

Bloxham: Calções, sim?

Huxtable: Calções e camisa de lona (típico para os marinheiros deste período).

Bloxham: Camisa de lona?

Huxtable: Sim — sim — áspera.

Bloxham: Como és fisicamente? Moreno ou loiro?

Huxtable: Sujo!

Bloxham: Como te chamam?

Huxtable: Mate.

Bloxham: És o "imediato" (mate) ou queres dizer que te chamam "companheiro" (mate)?

Huxtable: Ajudante de artilheiro (gunner's mate)... ajudante de artilheiro, sou eu.

Bloxham: Quantos canhões?

Huxtable: (com orgulho) Ah, temos bons canhões.

Bloxham: Quantos?

Huxtable: Dezasseis por cada lado. Sim, bons canhões.

Um navio de guerra completo, como o Victory, tinha cem canhões, mas os navios de combate mais móveis, as fragatas, tinham mais de trinta, contando com os canhões de popa e outros. Huxtable é rigoroso, pois, como diz G. J. Marcus na sua história naval sobre o século XVIII, "havia uma classe numerosa de fragatas de trinta e dois canhões".

Bloxham: Estiveste em alguma batalha?

Huxtable: (beligerante) Onde achas que arranjei estas marcas?

Bloxham: O quê? (incapaz de compreender imediatamente que se espera que veja o paciente como estando cicatrizado).

Huxtable: Onde achas que arranjei estas marcas? (Pausa.) Estive num combate — em um ou dois.

Bloxham: Contra quem lutaste?

Huxtable: Malditos sapos (frogs)!

Bloxham: Sapos, lutaste?

Huxtable: Sim, franceses. (Pausa.) Bastardos!

Bloxham: Afundaste o navio?

Huxtable: Sim, apanhámo-los.

Bloxham: Qual era o nome do francês? Conhecias o navio deles?

Huxtable: Sim, eles têm nomes mais pomposos que os nossos. (Pausa.) Não sei — não vi o nome dele.

Bloxham: Mandaste-o para o fundo?

Huxtable: Sim, com toda a guarnição... ao largo da costa deles — estávamos do lado deles. Eles saíram e não foram longe!

Bloxham: Que porto era esse?

Huxtable: (fanfarrão) Qualquer porto — nós fizemo-lo — já o fizemos antes.

Bloxham: Estáveis à espera?

Huxtable: Sim — a patrulhar. Para cima e para baixo — é tudo o que temos feito há meses — patrulha, patrulha, patrulha — temos de os manter lá dentro, é o que diz o contramestre (bosun).

Os bloqueios à costa francesa eram numerosos, tal como os afundamentos. O "bosun" ou contramestre era um oficial responsável pela disciplina da tripulação, entre outras funções.

Bloxham: Participaste em alguma grande batalha?

Huxtable: Lutámos contra eles — lutámos contra eles. Sempre a lutar contra eles.

Bloxham: Qual é o teu nome?

Huxtable: Não temos nomes nos navios.

Bloxham: Qual era o teu nome antes de vires para bordo?

Huxtable: Quando era rapaz — Ben.

Bloxham: Consegues lembrar-te do teu nome e do nome do teu pai, não consegues?

Huxtable: O nome dele era Ben.

Bloxham: Como era o teu pai fisicamente?

Huxtable: Ele era um homem magro — homem magro; era alto, alto, homem magro — não como eu.

Bloxham: Tu és baixo, baixo e gordo?

Huxtable: Gordo não! Não se fica gordo neste navio!

Bloxham: Ele está mal aprovisionado?

Huxtable: Não se engorda com carunchos... vermes e carunchos e vermes. Vermes no tanque de água, também.

Bloxham: Comias bolacha de marinheiro (hard tack)?

Huxtable: Tack? Tack? Não é pão.

Bloxham: Que tipo de pão era?

Huxtable: Pão! Chamam-lhe pão. Não é pão — não — dá cabo dos dentes!

O aprovisionamento dos navios era geralmente aterrador durante o século XVIII. Os vermes eram comuns na comida e na água. Como exemplo do que os marinheiros eram esperados comer, um escritor contemporâneo citado por Sir William Laird Clowes disse: "Marinheiros nos navios do rei fizeram botões para os seus casacos e calças com o queijo que lhes era servido, tendo-o preferido, devido à sua qualidade dura e duradoura, a botões feitos de metal comum."

Bloxham: Houve muitas baixas quando enfrentaram o navio francês?

Huxtable: Afundou-se!

Bloxham: Sim, mas algum dos teus homens ficou ferido?

Huxtable: Ferido, sim, ferido... lascas.

As lascas eram o principal perigo nos combates entre navios de guerra de madeira da época.

Bloxham: Lascas! Levaram os mastros ou algo assim?

Huxtable: Não, não. Mantivemos os nossos paus (mastros)... é quando a bala entra — sim — as lascas voam.

Bloxham: Quanta lona levam?

Huxtable: Chega. Mais que o sapo (frog).

Bloxham: Quantos oficiais tendes a bordo?

Huxtable: (enojado) Oficiais, ah! Chamam-se a si mesmos marinheiros... Pearce é um marinheiro — um bastardo — mas conhece o mar. Ele é um marinheiro.

Bloxham: Já navegaste com ele antes?

Huxtable: Nunca naveguei com mais ninguém... estou aqui desde que eles... (a voz desvanece-se).

Bloxham: Como é o Capitão Pearce?

Huxtable: (explosivamente) Bastardo!

Bloxham: É um homem de aspeto rude?

Huxtable: Ah. Ele lava-se!

Bloxham: Que tipo de roupa veste?

Huxtable: Como os oficiais — calções, sapatos (shoon), fivelas.

Bloxham: Ele usa cabeleira?

Huxtable: Sim, ele não está coberto de alcatrão e gordura como nós.

Bloxham: Que tipo de chapéu usa?

Huxtable: (pausa) Pontas.

Bloxham: Um pontiagudo — de quantas pontas?

Huxtable: Duas pontas para o lado... para o lado — de través ('thwart-ships) — (começa a rir-se) — o chapéu está de través — não lho podia dizer — ele dava-me cabo das costas!

Tal como acontece com os marinheiros comuns, a descrição dos oficiais soa a verdade. O vestuário dos oficiais não foi regularizado até 1825, mas calções curtos, sapatos, fivelas e cabeleiras estavam todos na moda. "Shoon" é arcaico, e "'thwart-ships" era-me inicialmente indecifrável. É um termo naval que significa "atravessado", e o chapéu de duas pontas usado pelos capitães era por vezes usado de lado pelos comandantes mais excêntricos, o que provavelmente explicava o riso do ajudante.

Bloxham: De que porto saíram?

Huxtable: Há meses... (crise de tosse profunda). Este maldito mar!

Bloxham: Tens mulher?

Huxtable: Mulher? Mulher? Marinheiros? Não, marinheiros não têm mulheres — mulheres! Quando as conseguimos apanhar... quando as deixam entrar... grandes festas então, quando apanhamos uma. Ah, ah.

Bloxham: Apanham uma, apanham?

Huxtable: Algumas, algumas. Elas servem... para o que são, servem. Um homem passa demasiado tempo a flutuar e eles não nos deixam sair.

Bloxham: Não vos deixam sair?

Huxtable: Não os que foram recrutados à força.

Bloxham: Oh, foste recrutado à força, foste?

Huxtable: Sim, à força, mas agora sou um homem de serviço — ficarei. Sei apontar um canhão.

Os grupos de recrutamento forçado eram notórios no século XVIII e, por lei, podiam recrutar qualquer homem robusto com experiência de mar entre os dezoito e os cinquenta e cinco anos. Na prática, levavam qualquer pessoa. Em 1770, apenas um quinto dos marinheiros britânicos eram "voluntários". Uma vez a bordo, não havia saída quando o navio estava no porto. As mulheres eram levadas em barcos auxiliares para os navios de guerra no porto e permitiam-lhes entrar para benefício dos marinheiros comuns. Os oficiais não podiam trazer as suas "damas" a bordo, mas podiam ir a terra!

Bloxham: Qual é o teu porto favorito?

Huxtable: Os portos são todos iguais — tabernas e barcos auxiliares e cheiros.

Bloxham: O teu navio cheira mal?

Huxtable: Sim, cheira até à madeira.

Bloxham: O quê?

Huxtable: Se ficares a barlavento dele, estás bem. Mas cheira até à madeira... mas pronto, todos os navios cheiram mal.

Bloxham: Podes dizer-me os nomes dos outros oficiais?

Huxtable: Pearce, Capitão Pearce. Ele é um marinheiro.

Bloxham: É Pearce ou Piers?

Huxtable: Sim.

Bloxham: Podes dizer-me o nome do teu navio, o Aggie?

Huxtable: Sim, está escrito à frente.

Bloxham: Está? Consegues lê-lo?

Huxtable: Eu! (Ri-se.) Como haveria eu de ler? Não tenho instrução.

Bloxham: Não? Achas que este navio se chama Agamemnon?

Huxtable: Sim — podia ser — podia ser. Aggie chamamos-lhe nós... (agressivamente) Aggie, Aggie, sua cadela que balança!

Bloxham: Em que ano estamos? (Longo silêncio.) Houve algum acontecimento especial nos últimos um ou dois anos — batalhas de que tenhas ouvido falar, ou guerras?

Huxtable: Guerras? Há sempre guerras agora. Estamos em guerra agora. Estamos a lutar — franceses. Sim.

Bloxham: Quem é o monarca, quem é o rei?

Huxtable: Rei, rei! Aquele!

Bloxham: O Rei de Inglaterra, sabes?

Huxtable: (pronunciando as palavras com desprezo) Jorge Alemão.

Bloxham: Alguma vez o viste?

Huxtable: Não.

Durante mais de um século, de 1714 até 1820, todos os reis de Inglaterra chamaram-se Jorge e poderiam ter sido referidos trocisticamente, e por várias razões, como "Jorge Alemão".

Jorge I era um alemão, o Eleitor de Hanôver, convidado a assumir o trono em 1714; era detestado em parte porque se recusava a aprender a falar inglês. Aparentemente, teve uma iniciação desastrosa na língua quando foi treinado para dizer, à chegada: "*I have come for the good of you all*" (Vim para o bem de todos vós). Alega-se que ele disse, erradamente, mas com bastante precisão: "*I have come for all of your goods*" (Vim para todos os vossos bens).

Sob Jorge I, o Canal foi patrulhado em 1715 contra os franceses, por medo de que estes apoiassem a revolta jacobita para recolocar um rei Stuart no trono inglês.

Jorge II nasceu na Alemanha e nunca foi popular entre os ingleses — o seu passatempo favorito era contar a sua riqueza, moeda a moeda! A costa da França foi bloqueada novamente a partir de 1745, quando os Stuarts tentaram colocar o "Jovem Pretendente" no trono. Houve mais ação no Canal e as barcaças de invasão francesas voltaram a estar posicionadas a partir de 1756, durante a Guerra dos Sete Anos. E a partir de 1759, o Almirante Hawke iniciou o bloqueio "fechado" dos portos franceses, com as embarcações francesas a serem atacadas à saída dos seus portos.

Jorge III foi coroado em 1760 e era simultaneamente Rei de Inglaterra e Rei de Hanôver. Não foi popular na primeira parte do seu reinado, e os seus surtos de insanidade e a má gestão da Guerra da Independência Americana não o tornaram mais querido. Durante as guerras napoleónicas, de 1803 até 1814, houve um bloqueio fechado virtualmente ininterrupto aos portos franceses.

Bloxham: Já viste alguma vez pessoas importantes, que tenham visitado o teu navio?

Huxtable: Toda a gente é importante quando vem numa barcaça. (Em voz forte, imita ordens a bordo.) "Guarnecer os lados, guarnecer a mastreação — ah, barcaça ao lado — sopra, contramestre — apita, apita-os escada acima — postos de combate nos canhões — postos de combate nos canhões — guarnecer as vergas — alinhar a mastreação" (esta última palavra quase inaudível, e o ajudante retoma a sua voz normal). Nunca olha, nunca olha. Quem se importa? Ele não se importa quando vem.

Bloxham: Ele o quê?

Huxtable: Pearce — Pearce importa-se. Quando ele vem, Pearce importa-se! — o chicote (*starter*), o contramestre já tem o chicote de fora para os homens. Sim, ele é generoso com o chicote.

Bloxham: Ele é generoso com o quê?

Huxtable: (agastado) Ele é generoso com o chicote — generoso demais com o chicote — ah, eu gostaria de lho dobrar nas costas!

Um "*starter*" (chicote) era um pedaço de corda com um nó em "cabeça de turco", usado pelos contramestres e seus ajudantes para impor disciplina. O seu uso foi proibido em 1809.

Bloxham: Eles costumavam chicotear os homens?

Huxtable: (furioso) O que queres dizer com "costumavam chicoteá-los"? Chicotearam-nos agora!

Bloxham: Chicotearam-nos agora, é?

Huxtable: (as primeiras palavras são um comando sussurrado) "Olhos para baixo, rapaz! Olhos para baixo! Mantém-nos no barco!" — é o que eu lhes digo. Eu aprendi.

Bloxham: Aprendeste, aprendeste?

Huxtable: Sim. Olhos para baixo e línguas quietas, rapazes! Hmmm. Frio, frio. (Ele parece estar a tremer e Bloxham coloca um cobertor sobre o seu corpo.)

Bloxham: Que idade tinhas quando foste para o mar pela primeira vez?

Huxtable: Quando fui levado? Hmm.

Bloxham: Eras muito jovem?

Huxtable: Sim, era jovem — um miúdo.

Bloxham: O teu pai era marinheiro?

Huxtable: O *Big Ben*? Não.

Bloxham: O que fazia ele?

Huxtable: Ele carregava madeira para a torre... a torre na falésia.

Bloxham: Que falésia era essa?

Huxtable: Uma falésia, uma falésia... "*Sho'm*", *shore*...

Bloxham: Qual é o nome do lugar?

Huxtable: "*Sho'm*", *shore*...

Aqui e noutros pontos, o ajudante murmura uma palavra que soa como "*Sho'm*", mas que poderia perfeitamente ser uma pronúncia local de "*Shoreham*", uma aldeia na costa inglesa em Sussex. "Madeira para a torre" poderia referir-se a um farol aceso numa falésia em tempo tempestuoso para

ajudar os navios, um antecessor do farol moderno; ou poderia ser parte do sistema de faróis montado na costa sul no tempo de Napoleão para avisar de uma invasão francesa.

Bloxham: Como te apanharam?

Huxtable: Eles perseguiram-me.

Bloxham: O que estavas a fazer na altura?

Huxtable: Com a velha Moll.

Bloxham: (interpretando mal de forma cómica) Oh, estavas com uma gaja (*moll*)?

Huxtable: (impaciente) A velha Moll, a velha Moll.

Bloxham: Quem era ela?

Huxtable: Uma égua!... A velha Moll, sim, não a conseguias manter no sulco. (Ri-se.) A velha Moll, ela costumava desviar-se o tempo todo.

Bloxham: Estavas a arar?

Huxtable: A arar — vi-os a vir — eles estavam na outra ponta também — apanharam-me.

Bloxham: Apanharam-te; ficaste muito perturbado na altura?

Huxtable: (geme) Ainda dói.

Bloxham: A tua cabeça?

Huxtable: Foi assim que arranjei isto!... Frio ardente.

Bloxham: Houve muitos mais homens recrutados à força?

Huxtable: Sim, os grupos (*gangs*) estão sempre a recrutar... sim, estão nos portos e na costa, nas aldeias, vão milhas terra adentro, levam-nos. Onde os encontram, levam-nos. Huh!... Eu não estava bêbedo, estava a arar!

Bloxham: Suponho que a tua família se tenha perguntado para onde tinhas ido?

Huxtable: *(a rir de novo)* Sim, devem ter-se perguntado para onde eu tinha ido. Sim, pergunto-me o que terá acontecido à velha Moll? Ela está lá parada agora. Já passou um ano bom ou assim.

Bloxham: O teu pai tinha uma quinta?

Huxtable: Não! Ele cuidava da torre. Ele mantinha o fogo lá, mantinha a madeira no topo.

Bloxham: Qual era a cidade mais próxima da tua casa?

Huxtable: "*Sho'm*".

Bloxham: A tua cabeça sente-se melhor agora?

Huxtable: Sim, aquilo foi um belo amolgão, foi.

Bloxham: Qual foi a batalha mais emocionante em que estiveste?

Huxtable: Emocionante? (Pausa.) Hmm — os rapazes fazem perguntas dessas.

Bloxham: O que costumas dizer-lhes?

Huxtable: Não é emocionante, rapaz... vais ficar assustado.

Bloxham: Tu ficaste assustado?

Huxtable: (severamente) Eles vão ficar assustados — como eu fiquei. Eles aprenderão, eles aprenderão.

A cassete do *Aggie* aproxima-se agora do seu clímax. Como se estivesse excitado, talvez pela proximidade da batalha, a voz de Huxtable torna-se mais alta e confiante. Por vezes descreve o que está a acontecer, outras vezes grita as suas ordens às guarnições dos canhões e, por vezes, imita ordens que ouve. Os "morrões" referidos eram comprimentos de corda embebidos em alcatrão e acesos para fornecer a faísca com a qual os canhões eram disparados.

Pensou-se ser provável que os marinheiros soprassem na faísca para a manter acesa, mas o método aqui descrito de balançar o morrão parece mais sensato e provável. Um ajudante de artilheiro atento poderia ver rapidamente quem estava a negligenciar essa faísca vital, observando o balançar de um braço.

"*Jolly Guns*" pareceu-me ser uma referência a um oficial chamado Jolly, dos quais houve vários no serviço.

Bloxham: Agora isto é um pouco mais tarde. O que estás a fazer?

Huxtable: (tenso) À espera! Sempre à espera!

Bloxham: Fora de um porto francês?

Huxtable: Eles hão de sair.

Bloxham: Hão de sair, é?

Huxtable: (gritando ordens, subindo o tom até ao berro) Preparar! Mantém o morrão pronto, rapaz — mantém o morrão pronto — ah, cobre isso, seu idiota! Ah, estes rapazes, estes rapazes — balança-o, balança-o! Não deixes essa faísca apagar-se. Não a deixes ir. Balança isso... não terás outra — não até que as panelas de fogo saiam, e aí ficarás tu.

Bloxham: Tens os canhões apontados, tens?

Huxtable: Os canhões estão apontados! Estão posicionados, mas estão à espera. Eles virão, virão — vêm sempre à primeira luz.

Bloxham: Consegues dormir o suficiente?

Huxtable: Dorme-se quando se pode, onde e quando, quando estamos à espera.

Bloxham: (ele próprio um velho marinheiro) Estão a fazer quartos de vigia alternados?

Huxtable: Vigia e prontidão, vigia e prontidão — há nevoeiro, nevoeiro.

Bloxham: O nevoeiro é teu amigo ou inimigo?

Huxtable: É bom estar de prontidão no nevoeiro e as baterias de costa não nos conseguem ver — estamos perto — não nos conseguem ver. Podem ver a gávea, talvez vejam, talvez vejam, mas não antes que seja tarde demais — vou apanhá-los assim que passarem as cabeças do porto — estamos à espera, à espera — três dias, três dias agora, agora — este nevoeiro vai levantar.

Bloxham: Sabes fora de que porto estás à espera?

Huxtable: É (pausa) Calais, Calais, Calais.

Bloxham: Vieste de Dover?

Huxtable: Do *Sound* viemos desta vez, do *Sound*.

Bloxham: *Plymouth Sound*?

Huxtable: Sim, estamos fora há um mês, um mês ou mais. (Interrompe Bloxham para responder a algum comando que ouviu.) Sim, sim, senhor! Sim, sim, pronto, senhor! (Baixinho.) Seu bastardo!

Bloxham: Quem te deu a ordem? O capitão?

Huxtable: (seco) O artilheiro.

Bloxham: O artilheiro?

Huxtable: Tenente.

Bloxham: Sabes o nome dele?

Huxtable: Canhões — *Jolly Guns*. (Ri-se sombriamente.) Ele é um homem muito alegre, não me parece!

Bloxham: Não gostas dele. Ele é duro?

Huxtable: Um oficial não tem de ser duro.

Bloxham: Não tem de ser?

Huxtable: (ignorando Bloxham e gritando um comando) Balança esse morrão, rapaz, balança-o — mantém-no aceso!

Bloxham: O teu navio está a guinar um bocado?

Huxtable: Ah, ele está só a aguentar-se, só a aguentar-se, aguentando-se contra o vento — teremos de virar de bordo em breve — estamos perto — consigo ouvir a rebentação agora.

Bloxham: Consegues? Isso é perto demais.

Huxtable: Ah, estamos muito perto. Ah, o Pearce faz isto, ele faz isto. Ele deita-se perto e espera.

Bloxham: Pode ser boa navegação, mas é um bocado arriscado, não é?

Huxtable: (baixinho) Sim, dizem que ele consegue cheirar a areia.

Bloxham: Dizem?

Huxtable: Dizem que ele consegue cheirá-la. (Pausa.) Ah Deus, quem me dera que eles viessem.

Bloxham: Agora isto é um pouco mais tarde; o inimigo está a deixar a ancoragem?

Huxtable: Terceira volta — ele ainda não vem — já não há muito nevoeiro! Já não há muito nevoeiro. Ficaremos livres — em cinco minutos estaremos livres. (Interrompe-se de novo.) Prontidão! Prontidão para virar de bordo! Prontidão, vais virar. Sim, sim, senhor — agora cuidado com as vossas

— cuidado com as vossas cunhas. Cuidado com as cunhas! Bem feito, rapaz — bom — balança esse morrão — balança esse morrão. (Pausa.) Sim, sim, senhor — sim, sim, estamos prontos — mantenham os morrões levantados, rapazes — balancem agora — prontidão — aguenta rapaz, aguenta, aguenta. Sim, sim, senhor. (Pausa.) Calça um bocado mais nesta, calça, levanta o canhão! Cuidado com essa escorva — mais um bocado aqui — mais um bocado — está bem. Agora esta — traz ela para cima — traz ela para cima — traz ela para cima nas cunhas — mais — para cima, para cima — levanta essa boca de fogo — fixa-a — está bem — firme agora, rapaz — firme agora, firme, firme — tudo bem, rapaz? — vais ficar bem agora, aguenta só! (A voz torna-se um bramido.) Sai daí de trás, número três — seu idiota — sai daí de trás, número três — se isso recua sobre ti, ficas sem as pernas, sim!

Bloxham: Já disparaste o canhão?

Huxtable: À espera, à espera! À espera da ordem — firme, rapazes, firme — agora aguenta, aguenta, aguenta — espera pela ordem, espera por ela — balancem esses morrões, sim senhor — sai de trás — AGORA, seu idiota. Agora para cima, idiota, agora — agora! (grita em exultação enquanto o tiro é disparado) — Bem feito, rapazes — corre com eles, corre com eles, mete-os lá em cima, mete-os lá em cima — mete-os na frente — (berra) — puxa esse homem para fora, puxa-o — manda-o para o posto de socorro — agora volta para aqui — sobe ali — põe-te nas cunhas — corre com eles de novo! O tiro está dentro — os soquetes — limpa-o, limpa-o, seu idiota, limpa-o primeiro — o tiro dentro, tiro dentro — vamos, número quatro, já devias estar em cima — tiro dentro, calca ele bem — escorva — balancem esses morrões — sim, sim, senhor — pronto! E outra vez, rapazes — apanhaste-o agora — depressa, homens — por Deus, seu bastardo — apanhei-o com este tiro — é assim que se aponta um canhão — Meu Cristo, apanharam o velho Pearce, apanharam o Pearce — (grito terrível repentino) — A MINHA MALDITA PERNA — (gritando e gemendo incontrolavelmente) — a minha perna — a minha perna!

Com alguma dificuldade, Bloxham, que parece estar a dar palmadas na cara de Huxtable, consegue trazê-lo para fora do transe e tranquiliza-o dizendo que a sua perna ainda está inteira. Ambos os homens estão claramente abalados pela experiência.

A cassete do *Aggie* é certamente a mais dramática na coleção de Bloxham. O ajudante de artilheiro, em cada palavra que profere, na sua tosse e pragas, tresanda a mar e ao seu tempo. Tem uma personalidade credível, exibida no carinho risonho pela sua juventude perdida como rapaz do arado

com a "velha Moll", até à sua aceitação amarga da vida no mar. O seu orgulho em ser capaz de "apontar um canhão" é bem fundamentado, como peritos que ouviram a cassete verificaram.

Mas terá tal incidente acontecido alguma vez? Terá havido alguma vez uma ação ao largo de Calais no reinado de um "Jorge Alemão" envolvendo uma fragata britânica comandada por um "Capitão Pearce"?

O problema é que não sabemos o "nome pomposo" completo do *Aggie*. E existem listados inúmeros capitães de mar em guerra contra os franceses chamados Pearce, Pearse, Pierce, Pearson, Piercy, Peard, etc. Mesmo que pudéssemos identificar o capitão em questão, não seríamos necessariamente muito mais sábios, pois o historiador naval Sir William Laird Clowes diz-nos que: "Até 1814 não existia, usando os termos no seu sentido moderno, nenhuma lista oficial da marinha.

Durante muitos anos antes, tinham sido publicadas, a intervalos, listas de oficiais de patente... elas mostravam meramente a antiguidade e datas de comissões e não davam absolutamente mais nenhuma informação."

A menos que o incidente ao largo de Calais tenha sido uma escaramuça importante digna de ser registada e possivelmente publicada em Londres na altura, é improvável que o navio venha algum dia a ser rastreado, embora tenham existido sem dúvida inúmeras ações como a descrita pelo ajudante de artilheiro. Deve ter havido, em particular, muitas dessas fora de Calais espalhadas pelos dez anos a partir de 1803, quando Napoleão, no reinado de Jorge III, colocou vinte e sete mil soldados e quatrocentas barcaças de invasão em Calais, Dunquerque e Ostende. A linha costeira "eriçava-se de canhões", e estima-se que até cento e cinquenta navios britânicos tenham assistido no bloqueio.

Teria sido o *Aggie* um dos cruzadores britânicos nestes "combates acesos", ou será ela uma fragata de um dos vários bloqueios do século anterior? Teria existido de todo, fora da imaginação de Graham Huxtable? Lamentavelmente, poderemos nunca vir a sabê-lo.

12

O espião da falésia

Das restantes cassetes de Bloxham, a maioria continha pouco drama e menos história ainda. Não houve Césares ou Napoleões reencarnados no sofá

do consultório de Bloxham; e, se as pessoas hipnotizadas estavam a pedir emprestadas as suas histórias às páginas da história, abstinham-se modestamente de se atribuírem os papéis principais. Regrediam, na sua maioria, para se tornarem pessoas comuns, figurantes cujas carreiras nunca acrescentaram um cêntimo à fatura de papel ou de azeite de qualquer historiador.

Eram geralmente mais impressionantes no século XX — uma amostra razoável de professores, engenheiros, funcionários públicos, donas de casa e jornalistas. Mas, na maior parte, os eventos que descreviam eram hoje irrastreáveis. Por vezes pareciam tão vagos ou ignorantes sobre eventos de escala mais ampla no tempo que descreviam, que me via a murmurar em exasperação: "mas eles deviam saber isso!". Esquecia-me de que o nosso é o primeiro século a ser saturado por coberturas de jornais, rádio e televisão, e a dar como garantidas as viagens, a literacia do homem comum e um conhecimento superficial dos assuntos mundiais. As pessoas nas regressões tinham direito à sua ignorância, mas isso não ajudava as minhas investigações.

Ocasionalmente, a rotina de trabalho e preocupações familiares era quebrada por um único evento e, por um momento, a regressão podia ser aferida pela precisão face aos livros de história. O meu amigo, John Pike, que sob hipnose testemunhou a execução do Rei Carlos I, era típico daqueles que, numa vida monótona, descreveram um incidente extraordinário verificável hoje.

Mas o interrogatório estabeleceu apenas alguns factos — que o rei era um homem pequeno e vestia uma camisa branca (alguns livros de referência dizem que vestiu duas para se proteger do frio!); e que na plataforma, juntamente com os soldados e o carrasco, estava um bispo — na realidade, o Bispo de Londres.

Historicamente, isto é dececionante e não ajuda a estabelecer se a regressão é fantasia ou "memória". Ironicamente, o detalhe é tão escasso que é quase um relato tipicamente genuíno de uma testemunha ocular! John Pike recorda principalmente o seu sentimento de piedade pelo rei e o choque pelo que se desenrolava diante dos seus olhos. O homem comum, assistindo a um evento tão carregado emocionalmente como uma execução pública, provavelmente recordá-lo-ia como uma série semelhante de impressões, visuais e emocionais, e não da forma seca e detalhada de um historiador ou jornalista.

Noutro ponto da regressão, John Pike menciona casualmente um ou dois nomes conhecidos da história, mas como "homem comum" não sabe muito sobre eles! Ouvira falar de George Villiers, um homem tão impopular em Inglaterra, dizem os livros de história, que a sua amizade com o rei foi uma das causas subjacentes à guerra civil — o Rei Carlos tinha Villiers em tão alta conta que um humorista, ao vê-lo passar a cavalo, observou: "todo o conselho do rei senta-se num só cavalo".

Mas John Pike claramente não tinha lido esse livro de história, nem na sua personalidade de regressão estava familiarizado com esse tipo de fofocas. No entanto, suspeito que sabia tanto quanto se esperaria do filho de um agricultor de Worcestershire do século XVII.

Outras regressões têm ainda menos a oferecer ao investigador — memoráveis talvez apenas por um item de fofoca ou um rumor. Uma mulher que afirmava viver no reinado da Rainha Isabel I ouvira dizer que todas as Damas de Honor da rainha, na sua ânsia de arranjarem maridos, tinham ficado grávidas ao mesmo tempo, e que a língua afiada da Rainha Bess decidira então que seria mais apropriado, no futuro, chamar-lhes "Ladies in Waiting" (Damas de Espera)!

Mesmo uma anedota desse tipo pode ser testada historicamente. É um facto que, na corte isabelina, uma Dama de Honor que procurasse um casamento nobre engravidava alegremente de um conde e depois pedia à rainha para trocar uma palavra com o cavalheiro em questão. Muitos nobres, incluindo Sir Walter Raleigh, foram atraídos para o casamento desta forma. Um conde, que recusou o conselho da rainha para transformar uma Dama de Honor grávida numa condessa, foi banido da corte!

A dificuldade de avaliar justamente algumas das informações dadas numa regressão é, por vezes, mais extrema porque o registo histórico aceite da época é inexistente ou francamente pouco fiável. Como disse Bloxham, alguns historiadores "escreveram com uma pena política" e o seu trabalho não é de confiança. Mais frequentemente, a área é simplesmente uma lacuna nos livros de história. Uma regressão à Grécia Antiga, que descrevia uma batalha na Trácia entre gregos e turcos, não valia a pena investigar porque os livros didáticos têm tão pouco a oferecer.

Se a sociedade aceitasse a noção de que as pessoas sob hipnose poderiam regredir para ter conhecimentos fiáveis de outros tempos, o estudo da história seria revolucionado! Os historiadores sérios estão plenamente conscientes das limitações do seu ofício. Ao avaliarem muitas das Cassetes de Bloxham, notei

que estavam tão preocupados com o "sentir" da narrativa — uma acumulação de pequenos detalhes sociais sugerindo que a pessoa tinha um sentido real do que seria viver naqueles tempos — quanto estavam em verificar qualquer lista de nomes ou factos.

A minha opinião, também, é que para uma cassete ser credível num sentido proveitoso, deve ser historicamente verificável e transmitir uma sensação real do período. A maioria das cassetes não valia a pena investigar em detalhe porque, mesmo se corroboradas, seriam banais e poderiam ser explicadas adequadamente como "fantasia histórica".

Do punhado de cassetes que escolhi investigar a fundo, há apenas uma que não analisámos até agora — "o espião da falésia". De certa forma, esta regressão é a mais fascinante de todas as cassetes. É uma das minhas favoritas, mas considero-a também um fracasso comparativo. Mesmo após uma investigação cuidadosa, tem demasiados pontos de interrogação para que eu possa dizer: isto é tão notável que deve ser mais do que uma "fantasia histórica".

No entanto, esta regressão tem um grande ar de realidade; há um conhecimento real de vestuário, geografia local e do período, e a personagem central é caricata e divertida. Ele sabe algumas coisas fascinantes e o leitor poderá achá-lo mais convincente do que eu. O meu instinto é colocá-lo de lado, com a mulher que pensava ser a Rainha Isabel I, e dizer: "isto pode ser uma fantasia histórica, mas não significa que as outras sejam igualmente suspeitas".

Mas o "espião da falésia" é um malandro atraente e a sua história dá uma excelente leitura. Ele é um marginal por natureza, um homem seco, que há três séculos ganhava a vida como espião, denunciando contrabandistas e mandando-os enforcar.

Durante uma regressão de duas horas, este agente infiltrado do século XVII envelheceu de forma convincente, passando de um solitário algo inseguro, com uma leve consciência pesada sobre o seu trabalho e o início de um problema com a bebida, para se tornar um velho moroso e reumático, estabelecido na vida, assombrado pelo seu passado e ainda com um problema de bebida. Se o perito avaliador do norte da Inglaterra, que regrediu para se tornar este homem solitário, conseguisse escrever diálogos da forma como os fala sob hipnose, poderia ter futuro como escritor de ficção.

A abertura é hesitante e incerta, como se o homem hipnotizado mal pudesse acreditar na nova informação na sua mente. Sugere que o seu nome poderá ser Arthur Sankey, que o seu pai talvez tenha tido uma loja na aldeia de Mevagissey, na Cornualha, e que o rei de Inglaterra poderá ser "Carlos qualquer-coisa".

Não tem qualquer dúvida sobre o que consegue ver — é uma noite de luar no topo de uma falésia perto da aldeia de Clovelly, em Devonshire.

Sankey: Carrego uma cutela — estou vestido com calções azuis, casaco azul com um cue no meu cabelo (as pontas atadas na nuca) — estou a procurar um navio a partir das falésias.

Bloxham: És um homem das alfândegas?

Sankey: Acho que devo ser — embora não tenha chapéu — apenas o meu fato azul e uma cutela.

Sankey anda atrás de contrabandistas e diz a Bloxham acreditar que o seu quartel-general possa ser em Clovelly. Dá uma descrição exata da aldeia — "uma pequena baía azul com um cais virado para a vila, ruas muito íngremes, calcetadas e estreitas". Mas logo vê um navio do topo da falésia.

Bloxham: Estão a mostrar alguma luz?

Sankey: Não. Não. Estão a ser "caminhados" para dentro — consigo ver dois barcos.

Bloxham: O que é "caminhado para dentro"?

Sankey: Eles têm de entrar tão devagar — um barco sem a força da vela — entrar tão devagar para não se danificar ou despertar suspeitas com o barulho das roldanas e cabos e os gritos do contramestre — metem uma tripulação em dois barcos pequenos — atam trapos em volta dos remos para abafar o som — passam um cabo da proa do navio para cada barco e rebocam-no lentamente para dentro, muito suavemente (pausa) — há um homem de pé num dos barcos pequenos — acho que conheço o homem como Croker — ele está de pé na proa do barco pequeno mais próximo a fazer sinais com os braços, suavemente, como um pássaro a bater as asas.

Bloxham: O que significam os sinais?

Sankey: Mantenham-no firme, rapazes, para a frente e firme — muito firme.

Bloxham: Alguma vez prendeste o Croker?

Sankey: Não. Não.

Bloxham: Mas achas que o podes apanhar agora?

Sankey: Estou sozinho — não tenho camaradas — estou apenas a observar. Um barco está a perder balanço no navio grande — agora está direito outra vez — está a começar a oscilar.

Os contrabandistas desembarcam silenciosamente na praia e Sankey nota que Croker usa um tricórnio. Mas fica mais impressionado com o traje de outro homem do navio, que ele decide, sarcasticamente, ser "francês".

Sankey: Renda nos punhos — mas aquele casaco nunca foi feito para se fechar e abotoar na frente — as bordas são apenas presas com trança — o seu chapéu é de lado a lado, não de frente para trás — parece um boneco com uma pega de cada lado da cabeça!

Sankey não faz qualquer tentativa para apanhar os contrabandistas. Contenta-se em observar e presta especial atenção a uma gruta para onde o contrabando é levado inicialmente. Lentamente e de forma seca, fala do comércio de contrabando.

Sankey: Todos parecem ter a mesma ideia — uma praia deserta ou gruta — geralmente uma saída para uma estalagem ou casa grande — ou, pelo que ouvi, para uma igreja.

Bloxham: Já tiveste algum caso de contrabandistas a usar uma igreja?

Sankey: Pela minha experiência, não. Mas, como digo, já ouvi falar disso — (existem registos de bens de contrabando armazenados em torres de igrejas) — todos cometem o mesmo erro de pensar que, se a costa é inabitada, então está deserta — mas nunca está — mais cedo ou mais tarde alguém notará visitas peculiares de barcos ou homens — ou encontrará bugigangas deixadas cair na areia sem razão aparente.

Bloxham: Encontraste bugigangas?

Sankey: Encontrei moedas de ouro — moedas de prata — moedas francesas, principalmente. Há um comércio florescente entre a costa da Cornualha e a França.

Bloxham: O que é que eles contrabandeiam?

Sankey: Muitas coisas — contrabandeiam aguardente, renda e, creio eu, uma substância gordurosa de cheiro adocicado.

Bloxham: Para que usam isso?

Sankey: Lavagem — não sei como lhe chamam, mas é como o nosso sabão de sebo, ou supostamente é.

Nos séculos XVII e XVIII, bens de luxo altamente tributados como a aguardente e a renda, ambos produzidos em França, eram a mercadoria habitual dos contrabandistas ingleses. Assim como os sabonetes perfumados e pomadas da moda desenvolvidos em Paris no século XVII.

A sombria batalha de astúcia entre contrabandistas e homens das alfândegas já durava há séculos. Consequentemente, os contrabandistas, ou mercadores livres, mantinham o seu tráfego ousado ao longo de toda a costa sul, tornando-se ainda mais ativos e altamente organizados quando os impostos sobre as importações foram aumentados em 1688.

Havia uma perda maciça de receitas para o Estado e, além de penas severas — enforcamento e deportação — uma solução tentada foi a introdução dos "ryding officers". Arthur Sankey bem poderia ter sido um destes — pois um "ryding officer" é descrito como "um oficial nomeado para secções da costa, que observará a partir do topo das falésias e tentará organizar a captura de contrabandistas".

Era um trabalho perigoso. Oficiais das alfândegas eram por vezes assassinados ou brutalmente agredidos — um foi amarrado numa praia para morrer afogado com a maré cheia e a outro cortaram-lhe o nariz, presumivelmente como um aviso para se meter na sua vida. Mas os "ryding officers" eram uma caraterística mais conhecida do século XVIII do que do XVII, e o meu desconforto com a regressão de Sankey era o sentimento crescente de que ele nomeara "Carlos" como rei quando talvez devesse ter dito "Jorge". Os reis Stuart foram exclusivamente do século XVII, enquanto os Jorges foram do XVIII — o período em que o contrabando atingiu o seu pico sanguinário.

Por um lado, Sankey não fez menção ao contrabando de exportações para fora de Inglaterra, que no século XVII era tão lucrativo como qualquer outra coisa. A lã era a grande carga para os mercadores livres, que eram tão ativos que o enforcamento era a pena para a sua exportação ilegal.

Bloxham: Já tiveste alguma vez de travar batalha com contrabandistas?

Sankey: Oh, sim. São todos mais ou menos do mesmo tipo. São durões mas assustados. Parece que tenho uma memória de entrar num quarto sem luz com vários outros e houve uma luta. Acho que levei um golpe no braço esquerdo. Acho que não com nenhuma arma, mas com uma moca. Parece que me dói de vez em quando.

Bloxham: Já tiveste alguma vez de matar um deles?

Sankey: Quando tenho de lutar com um homem tento não o matar com a minha cutela — ele não tem utilidade para o magistrado nesse caso.

Bloxham: Ensinaram-te esgrima?

Sankey: Não me foi ensinada — mas sigo esta vocação em parte pela minha esgrima — o florete é demasiado minucioso — apenas uma ponta — com a cutela temos o corte e o golpe — tem uma lâmina pesada mas misericordiosa — usada corretamente podes deixar uma pessoa sem sentidos em vez de a matar ou mutilar.

Bloxham: Já foste gravemente ferido alguma vez?

Sankey: Não. Apenas duas vezes enfrentei um homem de aço realmente bom entre os contrabandistas. Ambos usavam floretes. Um florete contra outro e o melhor esgrimista geralmente ganha — mas eu tinha um gume para usar, bem como uma ponta — se desferires um golpe para baixo com a curva da cutela, podes arrancar o florete da mão dele. Em França creio que dizem que deves "segurar um florete levemente como um pássaro — demasiado frouxo e ele voa — demasiado apertado e ele sufoca". Foi bastante fácil arrancá-lo da mão dele com um movimento para a esquerda e para baixo com as costas da espada — apanhando-o logo abaixo da guarda com uma parada de retorno para a esquerda.

A esgrima é certamente um assunto sobre o qual Arthur Sankey parece saber algo. Um especialista no assunto disse-me ter ouvido o ditado "um florete é como um pássaro", etc. Foi-lhe dito pelo treinador de uma equipa olímpica francesa, e ele entendeu que era uma máxima francesa com séculos de idade!

Sankey dá de seguida um quadro bastante exato da vida de um "ryding officer".

Bloxham: O que aconteceu a este homem?

Sankey: Foi levado perante os magistrados — creio que foi enforcado — eu parti antes de acontecer.

Bloxham: Alguma vez tentam subornar-te?

Sankey: Eles nunca sabem que eu estou lá.

Bloxham: Como os levas para a custódia?

Sankey: Estudo-os e apanho-os quando menos esperam — os homens do rei prendem-nos.

Bloxham: Tu és um dos homens do rei?

Sankey: Não sou um oficial dos homens do rei.

Bloxham: És um oficial dos impostos?

Sankey: Sim e não. Não cavalgo de aldeia em aldeia a exigir taxas que acho que não foram pagas — não uso um uniforme azul ou chapéu. Eles põem-se à frente de alguém e dizem "prendo-o em nome do rei" — e são prontamente estripados.

Bloxham: Gostas do teu trabalho?

Sankey: Por vezes — até ao ponto em que os pobres bichos são levados — depois volto para a estalagem e faço as malas para partir. Depois, nalguma estalagem isolada entre ali e o meu próximo local de paragem, tento esquecer o que aqueles pobres bichos estão prestes a sofrer — bebo para esquecer.

Bloxham: Conheces bem essa estalagem?

Sankey: A estalagem Red Savage — chamada, creio eu, por causa de uns selvagens que supostamente vivem do outro lado do oceano — parece uma cor estranha para um homem. Isto é Clovelly — é muito bonito, mas pareço estar fado a não ter descanso — viajo — obtenho a prova para as prisões — estas são as responsabilidades dos meus deveres — eu apenas descubro "porquê, o quê e quem" e os homens do rei fazem o resto.

Bloxham: O que acontece se forem apanhados?

Sankey: Todos os condenados por contrabando são enforcados — todos os que eu apanhei foram enforcados — mas nunca sou chamado a testemunhar. É algo difícil de suportar — condenar um homem à morte — tento não pensar nisso — tento não me lembrar deles — a vida de um carrasco é difícil, ele tem dificuldade em viver consigo mesmo a menos que não seja muito bom da cabeça — sinto-me da mesma forma embora não os execute.

Bloxham: Conheces o carrasco?

Sankey: Não conheço o carrasco — há um diferente em cada cidade.

Bloxham: Há algum recurso?

Sankey: Não. A execução é sumária dentro da paróquia.

Bloxham: Já viste homens a ser enforcados?

Sankey: Não — apenas por acidente. Vi os resultados pendurados em correntes na forca — tendo sido enforcados horas antes — os grandes pássaros pretos, corvos e gralhas, pousados nos ombros à espera de ter a certeza de que os olhos estão prontos para serem comidos!

Bloxham: Quanto tempo os deixam em correntes?

Sankey: Até os ossos se desfazerem — cheira-se uma execução a uma milha de distância — é um exemplo — o fedor é terrível.

A prática de pendurar em correntes tornou-se comum no século XVIII e era conhecida como gibbeting (exposição no pelourinho ou forca). Salteadores, piratas e contrabandistas eram as vítimas habituais — os salteadores eram exibidos em correntes à beira das estradas onde tinham exercido o seu ofício. Havia geralmente um pirata à vista no cais de execução em Wapping como aviso aos marinheiros e, na aldeia natal do contrabandista, um malfeitor poderia estar em exibição como "um terrível memento para a juventude sobre como se desviam dos caminhos da retidão e transgridem as leis do seu país".

Era um negócio macabro mas, como disse Sankey, a vítima tinha sido "enforcada horas antes". Depois de morto, o corpo era retirado e colocado em correntes — a ideia era manter o cadáver unido o máximo de tempo possível como exemplo para a comunidade.

O processo é descrito por F. F. Nicholls no seu livro, Honest Thieves: the violent heyday of English smuggling:

> Após a remoção da forca, o corpo era mergulhado em alcatrão para o tornar mais resistente às intempéries, e uma rede elaborada de correntes ou tiras de metal era medida para se ajustar ao corpo como um fato feito à medida, sendo colocada para manter os membros unidos quando ocorresse a decomposição.

Depois, toda a engenhoca era suspensa por mais correntes de uma forte estrutura de madeira, o gibbet, que era geralmente erguido num lugar alto. Estes pelourinhos e as suas cargas medonhas tornaram-se parte do folclore do século e são frequentemente referidos casualmente na literatura do período. Havia uma forte tradição local de que o salteador John Whitfield fora exposto vivo junto à estrada perto de Weatherall, Carlisle, e que esteve pendurado durante dias em agonia até ser misericordiosamente baleado pelo guarda de uma carruagem de correio que passava. Dizia-se que um pisco fez ninho no crânio vazio de Tom Otter, de Lincoln.

Não admira que Arthur Sankey parecesse encarar o gibbeting com algum horror, e a maioria dos contrabandistas partilhava os seus sentimentos! Um conhecido degolador tinha tal pavor de ser exposto em correntes que morreu pouco depois de lhe serem tiradas as medidas para o seu "fato" metálico, muito antes da execução.

Outros eram feitos de fibra mais forte — alguns membros do notório bando de contrabandistas de Hawkhurst foram condenados a ser expostos em correntes, outros a ser enforcados. Antes das execuções, um dos membros do bando solidarizou-se com Fairall, um cabecilha que seria exposto. Fairall sorriu para ele e respondeu calmamente: "Nós estaremos pendurados no ar puro, enquanto tu estarás a apodrecer na tua cova!"

Bloxham: O que fazias antes?

Sankey: Há cinco ou seis anos, andava a vaguear pelo campo, metendo-me em sarilhos e saindo deles.

Bloxham: Que tipo de sarilhos?

Sankey: Oh, de todo o tipo — por causa de mulheres, dinheiro ou apenas por estar bêbedo.

Bloxham: Gostavas de cerveja?

Sankey: Gostava de conversar com as pessoas nas estalagens — creio que me foram ensinados os rudimentos da esgrima por um velho lobo do mar em Mevagissey.

Bloxham: Ele era uma personagem interessante?

Sankey: Era brusco, moreno e sujo, mas um dos melhores tipos que vão para o mar. Tinha perdido três dedos da mão esquerda — o mindinho e os dois seguintes. E a sua destreza com uma cutela era algo espantoso de se ver. Aos

quarenta e oito anos, já se estava a tornar um homem velho. Ele ensinou-me — é uma arma pesada, mas ele tinha pulsos grossos e fortes.

Eu praticava — ele costumava dar-me pancadas nas nádegas com o chato da lâmina se eu fizesse algo errado, o que era doloroso (pausa). Deixei Mevagissey. Voltei lá uma vez, mas ele tinha partido — os amigos disseram que tinha ido para o mar. Foi contramestre várias vezes até se meter em problemas e depois voltava para o convés.

Bloxham: Como é que ele se metia em problemas?

Sankey: Ele também gostava de cerveja — e de grog.

Bloxham: Ao que chamas grog?

Sankey: Rum — ele gostava de rum — costumava frequentar as várias casas de prazer nos portos e, se as mulheres não o satisfizessem, atirava-as pela janela — os amigos diziam que não sofriam danos por causa do lixo nas ruas.

O uso da palavra "grog" pareceria ser um erro, se a história de Sankey se passar no século XVII, altura em que o rum era chamado de "rum" ou "rum-bullion". "Grog" é uma palavra do século XVIII, supostamente derivada de uma alcunha para o Almirante britânico Vernon, que em 1740 deu a primeira ordem para uma ração diária de rum e água para os marinheiros. Vernon era conhecido como "Old Grog" porque usava uma capa de mar de um material grosseiro de seda e mohair chamado "grogram".

Foi-me sugerido que "grog" para designar rum é simplesmente uma palavra que se infiltrou na regressão porque o homem hipnotizado está a usar o seu vocabulário do século XX — que o termo não é um erro grave, embora Sankey deixe bem claro acreditar firmemente estar no século XVII e que o seu rei é Carlos II, que reinou durante vinte e cinco anos a partir de 1660. Com ou sem grog, a regressão avança no tempo e Sankey tem notícias surpreendentes para Bloxham!

Bloxham: Que idade tens?

Sankey: No meu quinquagésimo ano — a ficar um pouco velho — teso.

Bloxham: Ainda és um dos homens do rei?

Sankey: Estabeleci-me na costa agora — como magistrado — deve ter tido algo a ver com as agitações. Devem ter achado que eu valia muito mais do que eu próprio pensava — fui armado cavaleiro.

Bloxham: Oh, então és o Sir Arthur agora. É um grande tributo, não é?

Sankey: Muitas vezes me pergunto.

Bloxham: Que rei te armou cavaleiro?

Sankey: Carlos — Carlos II.

Bloxham: Conta-me sobre isso.

Sankey: Houve vários de nós que permitiram aos seus homens — de uma forma ou de outra — ganhar controlo sobre um povo muito insatisfeito. Fomos seis armados cavaleiros muito rapidamente — de forma muito brusca.

Bloxham: O que é que ele te disse?

Sankey: Oh, disse que tinha ouvido com grande apreço sobre os meus serviços à coroa. Que se houvesse mais homens como eu — Deus nos livre disso — se houvesse mais homens como eu, o seu reinado seria mais feliz (pausa). Não creio que ele pudesse ter percebido o que eu era até então — quanto menos pessoas do meu tipo, melhor!

O sentimento de Sankey sobre a sua indignidade pessoal parece tão real que ele talvez ficasse satisfeito ao saber que não sobrevive qualquer registo do seu título de cavaleiro no Royal College of Arms! Isto, por si só, não é especialmente surpreendente pois, como explica William Bull no seu livro sobre títulos de cavaleiro, no século XVII foi instituído um registo de cavaleiros pelo Rei Jaime I, mas este não é, nem afirma ser, um registo completo de todos os cavaleiros nomeados no período. A regra de ouro era que, se um cavaleiro pagasse para ter um brasão e para ter as suas armas registadas, então era registado — caso contrário, como tantos, não era. Sankey, o velho solteirão amargo, terá sido presumivelmente um destes.

O único Sankey registado como cavaleiro no século XVII foi Hierome Sankey, que recebeu o título em 1658 no Castelo de Dublim por Henry Cromwell, filho de Oliver Cromwell, e este não é claramente o nosso homem. A descrição sumária que Sankey deu para as razões do seu título poderia ajustar-se a quase qualquer momento no reinado bastante instável de Carlos II. Desde a restauração da monarquia em 1660 até ao complô de Rye House para assassinar o rei em 1683, o reinado de Carlos esteve cheio de agitação — os informadores falsos floresciam e eram bem recompensados.

Para Sankey, se foi realmente armado cavaleiro, a sua elevação poderá ter ajudado a superar um sentimento de inferioridade bastante enraizado, que revelou numa conversa com Bloxham no início da regressão.

Bloxham: O estalajadeiro sabe quem tu és?

Sankey: Acho que deve saber — ele é civilizado — talvez seja porque carrego uma cutela e por mais nenhuma razão. Obviamente não sou um cavalheiro de nascimento, portanto venço ou caio pelos meus próprios esforços — hoje em dia um homem tem de lutar pelos seus direitos num local público porque a fidalguia parece dar tanto como garantido. Eles têm dinheiro que nós não temos. Todos correm para cumprir as suas ordens, particularmente nas estalagens — o homem mais pobre é posto de lado por causa destes cavalheiros.

Mas o estatuto na sociedade não parece trazer felicidade a Arthur Sankey. Ao falar com Bloxham na última secção da regressão, ele parece ser uma figura solitária mas, muito mais notavelmente, parece estar bêbedo! A sua fala é arrastada e o hipnotizador consegue extrair-lhe tão pouco sentido que, sem nunca parecer perceber a causa possível, termina a regressão com Sankey ainda a divagar, soando exatamente como um velho alegre junto a uma lareira quente depois de um grande jantar e de vinho a mais.

Se Sankey pretende transmitir que esteve a beber, nunca é explícito. Foi na terceira audição desta cassete que reconheci que algo estava estranho e percebi o que estava a acontecer. Os hábitos de bebida do jovem Sankey tinham-no alcançado. Deitado no sofá de Bloxham, ele estava a ficar bêbedo numa "vida anterior"!

Sankey: Devo estar a ficar muito velho — maldito seja se me lembro onde vivo — é um local que escolhi nas minhas viagens em Devon e na Cornualha — na fronteira com vista para o canal onde apanhei tantas daquelas pobres pessoas tolas.

Bloxham: Casaste-te?

Sankey: Não.

Bloxham: Por que não? Não te sentias sozinho?

Sankey: Sim — também era moroso.

Bloxham: E preferias a tua caneca de cerveja, preferias?

Sankey: Sim — uma caneca de cerveja não ralha!

Bloxham: Viste algo de combates recentes entre Cabeças Redondas (Roundheads) e Cavaleiros (Cavaliers)?

Sankey: Cabeças Redondas! Ouvi esse termo aplicado a uma seita que está a surgir no momento — muito religiosos e irreligiosos — uma das pequenas piadas do homem, creio eu. A igreja expulsou-os e a maioria das pessoas exige que o padre fale por elas ao seu Deus. Essa gentinha engraçada salta para cima e para baixo e diz "não precisamos de um padre, podemos falar com Deus nós próprios" — e fazem-no da forma mais alarmante.

Bloxham: Tu próprio és um homem religioso?

Sankey: Não.

Bloxham: Qual é a tua religião?

Sankey: Não tenho religião — a religião é um conto de fadas — é um conto de fadas para acalmar os nervos de pobres criancinhas que precisam de ser conduzidas de um lado para o outro. Afasta a escuridão e o frio no inverno.

Bloxham: Qual é o nome do lugar onde vives?

Sankey: A casa é The Elms — fica entre duas aldeias — Dog — Dogger's Cross — nome engraçado para uma aldeia!

Bloxham: Usas uma cabeleira?

Sankey: Um incómodo terrível ter de a empoar — ponho sempre demais — o pó espalha-se todo pelo meu casaco — tenho de a tirar e escová-la.

Bloxham: Que roupas vestes?

Sankey: Casaco azul como o mar — polainas brancas — sapatos pretos com fivelas — sapatos macios — confortáveis.

Arthur Sankey, uma das personagens mais humanas e coloridas da coleção de Bloxham, continua alegremente a sua divagação — relata vagamente como os comerciantes locais lhe dão uma participação nos seus negócios em troca do uso do seu "nome" e, presumivelmente, dos seus serviços como magistrado corruptível. Finalmente, após duas horas, Bloxham dá-se por satisfeito e termina a regressão.

Embora atraente, Sankey levanta para mim demasiadas dúvidas factuais na sua história para ser classificado ao lado das melhores regressões de Jane Evans e da história dramática do ajudante de artilheiro no Aggie.

13

O mistério do hipnotismo

As minhas investigações históricas tinham chegado ao fim e, estranhamente, as cassetes pareciam ter sido corroboradas. Vi-me não perante um mistério resolvido, mas perante um mistério confirmado. Decidi então recorrer aos psicólogos para obter a sua visão sobre a natureza da hipnose e da regressão. Os bibliotecários enviaram-me livros sobre psicologia, hipnotismo e memória. Falei com psicólogos e, eventualmente, pedi a um amigo psiquiatra, o Dr. Dafydd Huws, para ler um rascunho deste capítulo, para ver se eu não estaria a dizer disparates.

O veredito dele surpreendeu-me: eu tinha expressado de forma demasiado hesitante a minha própria conclusão de que o hipnotismo fora sempre mal compreendido e que a psicologia moderna nada sabia que pudesse refutar positivamente as teorias de Bloxham.

"Poderia dizer-se", disse-me ele, "que a mente é uma terra desconhecida que estamos a explorar e que, até agora, mal pusemos um pé fora do barco. O nosso objeto de estudo é a mente e, no entanto, só a conseguimos definir descrevendo o que ela faz ou discutindo o mecanismo do cérebro — o que é como discutir uma cena de um filme em termos do projetor."

Um poeta, disse ele, poderia saber tanto quanto um psiquiatra sobre os segredos interiores da mente humana. Quanto a este fenómeno de Bloxham, de pessoas hipnotizadas que pareciam regredir a alguma vida passada, a maioria dos profissionais não teria absolutamente nenhuma experiência sobre o assunto. Na psicologia quotidiana, a regressão sob hipnose significa reviver alguma cena de uma fase anterior da vida presente. A regressão para trás no tempo, além do momento do nascimento, é geralmente território desconhecido e, embora psiquiatras individuais possam considerar as teorias de Bloxham inaceitáveis e postular as suas próprias alternativas, não têm acesso a nenhum fundo de conhecimento privado e profissional pelo qual Bloxham possa ser provado como estando errado.

A história do hipnotismo é, em si mesma, uma saga de duzentos anos de mal-entendidos, durante os quais a opinião médica e de outros "peritos" tirou quase invariavelmente conclusões erradas.

No final do século XVIII, o pioneiro do hipnotismo foi o austríaco Friedrich Anton Mesmer, cujas experiências coloridas com o "mesmerismo", parte da sua teoria do magnetismo animal, tinham capturado a imaginação do público. Mas em Paris, as demonstrações e teorias de Mesmer foram investigadas por um comité de "peritos" científicos, que denunciaram o mesmerismo como um embuste e Mesmer como um impostor. Mesmer retirou-se discretamente da vida pública.

Durante anos, as revistas médicas recusaram-se a publicar relatórios de experiências com hipnotismo. Em 1842, um cirurgião que realizara muitas operações usando a hipnose em vez de anestesia leu um artigo na *Royal Medical and Chirurgical Society* demonstrando a amputação de uma perna enquanto o paciente estava hipnotizado. A Sociedade concordou posteriormente que todos os registos da experiência deveriam ser eliminados das atas, e um membro proeminente disse que tinham sido claramente enganados — a pessoa cuja perna fora amputada tinha obviamente fingido não sentir dor!

Mas gradualmente, perante muita oposição, o mesmerismo passou a ser aceite como um fenómeno genuíno, embora o seu nome tenha sido mudado para hipnotismo, possivelmente para atenuar a memória de erros passados.

A palavra "hipnotismo" vem do grego "*hypnos*", que significa sono, e as definições aceites de hipnose, como a de Pavlov, diziam que era uma forma de sono. Mas este foi outro erro. A ideia de que a hipnose era uma espécie de sono ou estado de semiconsciência foi derrubada muito recentemente numa experiência clínica usando um eletroencefalógrafo (EEG), uma máquina que mede a atividade elétrica do cérebro através de elétrodos fixados ao crânio.

A primeira vez que uma pessoa hipnotizada foi ligada a um EEG, antecipou-se plenamente que as ondas cerebrais registadas reproduziriam o padrão do sono. Em vez disso, uma pessoa hipnotizada tem invariavelmente a leitura de EEG de alguém que está plenamente consciente ou bem acordado. Esta descoberta fez com que a velha definição de hipnose como uma forma de sono fosse abandonada, e a condição é agora referida, por vezes com cautela, como "um estado alterado de consciência".

Embora os sujeitos hipnotizados de Bloxham já não possam ser considerados como estando a dormir, alguns psiquiatras discutiram as regressões comigo como se estivessem a analisar sonhos — o que não é propriamente insensato, uma vez que as mesmas teorias que se aplicam às

fantasias chamadas sonhos poderiam aplicar-se igualmente bem às fantasias sob hipnose.

Diz-se que o sonho e a regressão se baseiam nalguma experiência anterior. No caso de um sonho, um freudiano diria que a sua forma é determinada por algum evento semiesquecido do dia anterior, possivelmente uma cena de um livro que lemos. Para uma regressão ao estilo de Bloxham, diz-se que a escala de tempo é mais longa e a fonte da fantasia talvez um romance histórico lido há alguns anos. A relevância de ambos é que, a partir do seu conteúdo, uma mente treinada seria capaz de deduzir muito sobre os nossos pensamentos e desejos secretos. Pelas nossas fantasias, afirmam eles conhecer-nos.

É claro que um sonho é um fenómeno muito mais familiar do que uma regressão ao estilo de Bloxham, mas é surpreendente como os grandes nomes da psicologia discordaram sobre a causa e o significado dos sonhos. Em 1900, Freud, na sua *Interpretação dos Sonhos*, disse que o significado de um sonho era expressar a realização de um desejo, de forma dramatizada e disfarçada. O simbolismo era a chave para a compreensão.

Erikson, em 1954, desvalorizou o simbolismo e disse que o conteúdo real do sonho deveria ser levado mais a sério. French e Fromm sugeriram então, em 1963, que um sonho era uma tentativa de resolver um problema. Enquanto em 1944, Carl Jung sugerira que certas figuras que tendem a recorrer nos sonhos personificavam noções universais como Deus, a mãe, o velho sábio, o bem e o mal, ou aspetos da sexualidade.

Os psicólogos têm também outras interpretações que alegadamente podem ser aplicadas às nossas fantasias. Mas parecia óbvio que um paralelo mais próximo do que um sonho para uma regressão de Bloxham era o fenómeno relativamente comum de uma regressão comum sob hipnose.

É difícil para um leigo compreender que, como caraterística comum da hipnose, um adulto pode reviver os dias da sua infância, recordando acontecimentos há muito esquecidos e tornando-se, para todos os efeitos, uma criança pequena mais uma vez. Sobre esta forma de regressão, nunca se sugere que a pessoa hipnotizada está a fantasiar ou a tecer uma teia de mentiras.

No entanto, tanto quanto consigo perceber, existe apenas uma diferença na prática entre uma regressão comum à infância e a versão de Bloxham: um hipnotizador pede ao seu sujeito para recuar até aos sete anos, e o outro pede-

lhe para recuar a um tempo antes de ter nascido. Não será possível que ambas as técnicas, essencialmente semelhantes, produzam resultados semelhantes — que a pessoa hipnotizada expresse uma experiência genuína e pessoal do passado para a qual foi direcionada?

Normalmente sustenta-se que as pessoas hipnotizadas são incapazes de mentir voluntariamente, portanto, por que não se deveria acreditar nelas quando, em transe, dizem que estão a viver há alguns séculos? Bem, uma definição de hipnotismo é que a pessoa em transe rendeu a sua vontade ou ego ao hipnotizador, e qualquer pessoa que tenha visto um hipnotizador de palco a trabalhar saberá que a pessoa em transe aceitará qualquer realidade que o hipnotizador queira implantar na sua mente.

O sujeito jaz inerte, uma personalidade neutra incapaz de "inventar uma mentira" ou criar uma fantasia sem algum comando do hipnotizador. Mas quando este chega, ele irá, se lhe for ordenado, ladrar como um cão ou aceitar que é uma ponte de ferro e suportar o peso de meia dúzia de homens.

O fulcro do argumento racional, para aqueles que dizem que as Cassetes de Bloxham têm de ser fantasias porque as implicações de serem reais são impensáveis, é que, embora Bloxham nunca diga aos seus sujeitos para regredirem a qualquer tempo ou personalidade específica, ele deve estar a controlá-los de alguma forma; e ele ordena-lhes que recuem ao passado, a um tempo antes de nascerem. Será isto suficiente para desencadear uma fantasia? Poderá essa instrução simples fazê-los fabricar uma vida inteira da mesma forma que o comando para ser um cão os faria ladrar e uivar?

A pessoa regredida não responde à instrução de Bloxham com uma simples mentira, mas apresenta instantaneamente um tecido de fantasia estreitamente entrelaçado que pode ser atestado historicamente. Bloxham certamente não os induz com factos nem os alimenta com ideias. Eu próprio testemunhei que o seu interrogatório é deliberadamente neutro. E os seus sujeitos não são comparsas, pois vi-o regredir perfeitos estranhos. As "vidas" históricas estão de alguma forma à espera na mente da pessoa em transe, prontas para que o hipnotizador as traga cá para fora, pois tais "vidas" detalhadas e profundamente sentidas não poderiam ser fantasias de momento.

O psiquiatra Dr. Anthony Storr deu-me uma explicação. Ouviu pacientemente duas das Cassetes de Bloxham e disse-me que não tinha dúvidas sobre a integridade de Bloxham ou das pessoas que ele hipnotizara.

Disse candidamente que a reencarnação não era uma explicação que pudesse considerar seriamente, e a sua firme conclusão foi que as regressões de Bloxham eram exemplos de criptomnésia, ou seja, fantasias baseadas nalgum romance histórico ou artigo de revista há muito esquecido. O Dr. Storr deu-me uma citação para refletir: "A maioria de nós tem um filme de série B a passar na cabeça a maior parte do tempo."

Uma observação válida, uma vez que todos fantasiamos e, por vezes, envolvemo-nos imaginativamente com histórias que lemos ou itens que vemos na televisão. Mas explicaria isso por que razão Jane Evans deveria ter seis filmes de série B a passar na cabeça ao mesmo tempo, e por que razão esta jovem inteligente, que tem boa memória, não consegue recordar o material de origem para qualquer uma das seis "fantasias" historicamente atestáveis? A obscuridade de alguns aspetos do seu conhecimento histórico é também intrigante.

Um dos exemplos registados mais conhecidos de criptomnésia permite uma comparação interessante com as Cassetes de Bloxham. Uma mulher sob hipnose descreveu vividamente cenas do reinado do Rei Ricardo II de Inglaterra. Mas não sentiu qualquer impulso involuntário para assumir a identidade de qualquer uma das personagens de que falava e, pelo seu relato distanciado, os observadores pensaram primeiro que algum fantasma ou guia espiritual a estava de alguma forma a permitir ver o passado. Eventualmente, ainda sob hipnose, revelou estar a descrever cenas do romance histórico *Countess Maud*, que lera aos doze anos.

Se os sujeitos de Bloxham se sentem compelidos a descrever alguma cena, cuja origem é talvez um romance histórico, por que não se limitam também a vê-la e a descrevê-la como fariam com uma peça encenada para seu benefício, sem se tornarem atores em cena? Alternativamente, uma vez que as pessoas hipnotizadas costumam responder com a verdade às perguntas, por que não respondem à primeira pergunta de Bloxham, "O que consegues ver?", dizendo "Não consigo ver nada — está tudo escuro", como frequentemente dizem noutras partes das regressões?

A extensão em que as pessoas sob hipnose se entregarão a fantasias pessoais, sem indução específica do hipnotizador, é passível de discussão. Não há dúvida, contudo, de que sob hipnose a memória é grandemente estimulada e seria perfeitamente possível ressuscitar o esboço de algum livro ou conto esquecido. Um construtor hipnotizado descreveu uma vez uma parede que construíra trinta anos antes.

Disse aos investigadores o seu tamanho, forma, localização e o número exato de tijolos que usara. A parede foi mais tarde inspecionada e estava tal como ele afirmara — até ao último tijolo. Neste caso, o construtor, regredido trinta anos no passado, não revelara nada que não fosse a verdade literal. Não houve exagero ou fantasiar, apenas que a regressão sob hipnose permitiu a um homem recordar precisamente eventos passados já não disponíveis para a mente consciente normal.

Outra caraterística dramática do transe é a crença total da pessoa hipnotizada na realidade dos eventos que se desenrolam na mente. Deitada num sofá no consultório de Bloxham, Jane Evans "vive" realmente as suas estranhas experiências. Seja fundada em fantasia ou facto, o seu sentido pessoal de realidade adquiriu uma dimensão extra — ela consegue cheirar flores invisíveis para o espectador, pode ver e tocar objetos visíveis apenas na sua mente e pode sentir dor, física e emocional, inspirada por esses eventos secretos.

No hipnotismo, este sentido alterado de realidade é bem conhecido. Um neurocirurgião citou uma experiência — disseram a um homem em transe que uma moeda comum colocada na zona lombar estava em brasa. Ele não só sentiu dor, como a sua pele reproduziu uma marca como uma queimadura. Presumivelmente, é por isso que Bloxham, com a sua longa experiência como hipnotizador, era sempre rápido a acordar as pessoas aos primeiros sinais de sofrimento real.

O hipnotismo é, assim, claramente uma porta para o mundo secreto de um estado de consciência estranho e poderosamente alterado, mas um aspeto que tomamos como garantido com demasiada frequência é a incrível capacidade do hipnotizador para fechar essa porta atrás de nós, de modo que até a realidade física dos nossos próprios corpos perde significado — nenhum fármaco foi dado para nos tornar inconscientes, estamos aparentemente bem acordados, mas sob hipnose os nossos dentes podem ser arrancados, os nossos membros serrados e as mulheres podem dar à luz sem dor.

A realidade, ao que parece, começa e termina na mente, cujos segredos e complexidades estamos longe de compreender. A prática da hipnoterapia, curando por sugestão sob hipnose, corrobora ainda mais este facto. Durante sessões repetidas, o paciente ouve do seu hipnoterapeuta que o preto é branco — que a sua asma desapareceu, que as suas verrugas se foram, que parou de gaguejar e não tem desejo de fumar. A mente acredita e o corpo ajusta-se em conformidade.

Mas demonstrar que eventos na mente da pessoa hipnotizada podem parecer totalmente reais não prova que sejam reais num sentido histórico. Os sujeitos de Bloxham experienciam as suas "vidas passadas" plenamente e acreditam que são reais, mas como disse Jung: "Uma crença prova-me apenas o fenómeno da crença, não o conteúdo da crença."

Claro que a corroboração da história é evidência real e admissível, tal como o são as indicações de mudanças de personalidade dentro das regressões, que sugerem que não é a Jane Evans do dia a dia que está logo abaixo da pele de cada personagem do passado que ela acredita ser. Jane Evans, a dona de casa do sul de Gales, é uma mulher casada e estável, mas as suas regressões exibem atitudes amplamente variadas em relação ao sexo e à moralidade.

Numa regressão é uma rapariga despreocupada de dezasseis anos com vários amantes; noutra é uma adolescente tímida e solene sem interesse em homens; em duas ocasiões é casada e feliz; e, no caso mais extremo, é uma freira num convento com ligeiros arrependimentos por nunca ter casado.

Da mesma forma, existem mudanças notáveis noutras regressões, como a de Graham Huxtable quando se torna o ajudante de artilheiro. Comparando o Huxtable de hoje com o marinheiro terroso, nem Graham nem eu conseguimos encontrar qualquer ponto de contacto ou semelhança. Na experiência e nas atitudes, o marinheiro é um tipo de homem completamente diferente — nem consigo conceber que uma regressão sombria desse tipo possa ser explicada como uma "realização de um desejo" ou uma "tentativa de resolver um problema". Tais explicações são ligeiramente ridículas.

Por outro lado, apesar de toda a realidade das regressões de Bloxham, existe uma estranheza aparente. Os sujeitos de Bloxham não falam nas línguas naturais das pessoas que imaginam ser. Jane Evans, como a esposa romana Livonia, não fala latim, por exemplo. Em alguns casos de regressão, diz-se que este fenómeno de falar em línguas (*xenoglossia*) ocorreu de facto. O Professor Stevenson, da Universidade da Virgínia, fala de um americano hipnotizado que falava um dialeto sueco do século XVIII, embora anteriormente não tivesse mostrado capacidade de falar sueco de qualquer forma.

O mais próximo que Bloxham chegou disto é que ele me diz que uma vez hipnotizou um homem que falava uma língua que o hipnotizador considerou ser alemão. Mas como Bloxham não conseguia entender uma palavra do que o seu sujeito dizia, abandonou a sessão e nunca a retomou.

Mas as pessoas variam nas suas respostas ao hipnotismo e talvez apenas algumas exceções consigam regredir com tal intensidade de recordação. É claro, também, que diferentes aspetos da memória são armazenados em diferentes partes do cérebro e ninguém tem a certeza absoluta de que áreas estão a ser ativadas sob hipnose.

As memórias, em todo o caso, estão frequentemente divorciadas da fala. Uma recordação de uma peça musical pode ser apenas auditiva; uma pintura pode ser uma memória puramente visual: recorde um incidente da sua infância e não o expressará com o vocabulário limitado e os padrões de fala de uma criança de cinco anos, traduzirá o incidente para a sua linguagem atual.

Um dos sujeitos de Bloxham disse-me que ser regredido era uma experiência principalmente visual suplementada por "palavras que simplesmente saltam para a cabeça". Outro disse: "Foi como ver imagens estranhas pela primeira vez, sentir pensamentos e sensações completamente novos e ter alguma dificuldade em encontrar palavras para descrever tudo ao responder às perguntas de Bloxham."

Talvez o mais próximo que alguém tenha chegado, nas regressões de Bloxham que ouvi, de usar uma língua estranha tenha sido Huxtable como ajudante de artilheiro. Alguma da sua gíria naval e frases arcaicas ele próprio não as conseguia entender quando saía do transe, e não faziam sentido para mim — de facto, algumas foram transcritas erradamente, até que os historiadores navais em Greenwich ouviram a cassete e explicaram o seu significado.

Mesmo as teorias mais recentes sobre a memória parecem fornecer mais perguntas do que respostas. As memórias de longo e curto prazo são consideradas processos diferentes, envolvem áreas de armazenamento separadas no cérebro e algumas memórias podem ser ativadas quimicamente e outras eletricamente. Mas aceita-se que a hipnose e a estimulação elétrica do cérebro podem desbloquear memórias armazenadas nos recessos profundos da mente, que são complexas e minuciosamente detalhadas numa extensão que o homem comum consideraria incrível.

Muito recentemente, um paciente sob anestesia teve parte do seu cérebro estimulada por um elétrodo, o que o levou subitamente a reviver, numa série de flashbacks, eventos do seu passado. As cenas surgiram-lhe de forma muito mais vívida do que as memórias normais, "como se o elétrodo tivesse iniciado uma fita de filme na qual estavam registados os detalhes de um passado que o paciente já há muito esquecera. Enquanto o elétrodo é mantido no lugar, a

experiência da vida anterior continua. Quando o elétrodo é removido, a experiência para abruptamente".

A hipótese de Bloxham é que algo semelhante a esse processo ocorre de forma igualmente espontânea quando a hipnose, esse outro estimulante reconhecido da memória, é aplicada. A diferença é que o novo flashback não é de memórias da nossa infância, mas, como os próprios sujeitos indicam, de cenas de além do nascimento — vestígios de uma existência anterior esquecida, armazenados numa área remota das nossas mentes, em grande parte inexploradas.

Para aqueles que acreditam que tal noção é demasiado fantasiosa e irracional, a esse grande pensador, o Dr. Carl Jung, deveria talvez ser concedida a última palavra, extraída de Memórias, Sonhos, Reflexões:

> ... hoje em dia, a maioria das pessoas identifica-se quase exclusivamente com a sua consciência e imagina que é apenas aquilo que sabe sobre si própria. No entanto, qualquer pessoa com um mínimo de conhecimento de psicologia consegue ver quão limitado é este conhecimento.

O racionalismo e o doutrinarismo são as doenças do nosso tempo; pretendem ter todas as respostas. Mas muito ainda será descoberto que a nossa atual visão limitada descartaria como impossível. Os nossos conceitos de espaço e tempo têm apenas uma validade aproximada, e existe, portanto, um vasto campo para desvios menores e maiores. Perante tudo isto, presto ouvidos atentos aos estranhos mitos da psique e observo cuidadosamente os variados eventos que se cruzam no meu caminho, independentemente de se ajustarem ou não aos meus postulados teóricos.

14

Entre o chapéu e as botas - a antiga crença na reencarnação

Que outra evidência existe então, tive de perguntar a mim mesmo, na experiência do homem para apoiar a ideia de uma existência anterior, de que todos temos, de facto, mais do que uma vida?

Uma crença na reencarnação pode ser rastreada até seis séculos antes do nascimento de Cristo. Este credo, que os gregos chamavam metempsicose, foi aceite nalgum momento pela maioria das raças e religiões do mundo — os antigos egípcios e gregos, hindus e budistas, muçulmanos e cristãos primitivos, os índios da América do Norte e os celtas do meu País de Gales natal. Indivíduos notáveis em todas as eras acreditaram ter vivido antes, de Platão a Napoleão e de Plutarco a Henry Ford.

Mas alguém bastante menos eminente, um dramaturgo de televisão, despertou a minha curiosidade sobre a extensão desta crença. Enquanto tomávamos uma bebida num bar, falou-me de um horóscopo que outrora lhe fora preparado. No rodapé estava escrito: "numa vida anterior, foste um músico aleijado".

A frase chocou-o, porque desde a infância era assombrado por um sonho secreto e persistente de que era aleijado. O pesadelo era tão poderoso que, na juventude, começara a caminhar a coxear. Pensou em consultar um psiquiatra, mas gradualmente o sonho desvaneceu-se.

Hoje, ele pergunta-se se o astrólogo teria razão e se ele teria sido realmente, nalguma vida anterior, um músico coxo. Fez-me pensar que evidência poderá haver no mundo para uma crença na reencarnação. Qual é o pano de fundo contra o qual podemos julgar as Cassetes de Bloxham?

O Dr. Stevenson, da Universidade da Virgínia, que já citei, afirmou que muitas crianças, tanto no Oriente como no Ocidente, têm memórias de uma vida anterior, mas à medida que envelhecem estas desaparecem. Os pais raramente encorajam os seus filhos a prosseguir com conversas estranhas sobre uma vida noutro tempo.

Recentemente, o Dr. Stevenson investigou o caso de um inglês, Edward Ryall, que afirma ter plena recordação de uma vida como John Fletcher, um agricultor do oeste de Inglaterra morto na batalha de Sedgemoor em 1685. Ryall diz que as suas memórias começaram em criança, mas foram suprimidas pelo seu pai, que temia que o rapaz fosse rotulado de idiota.

Stevenson estudou inúmeros casos orientais de tais memórias. Um dos mais famosos é o de Shanti Deva, nascida em Deli em 1926, que aos sete anos anunciou que numa vida anterior tinha sido uma mulher casada na cidade de Muttra e morrera ao dar à luz um terceiro filho. O seu nome na altura era Ludgi. Aos nove anos, Shanti Deva reconheceu um homem que disse ter sido o seu primo e, mais tarde, conheceu um segundo homem que afirmou ser o seu antigo marido. Este homem admitiu que a sua esposa, chamada Ludgi, morrera no parto dez anos antes.

Tanto Stevenson como Colin Wilson, em The Occult, registaram inúmeros casos como este. E o conhecimento da pré-existência não se limita às crianças ou ao Oriente. Pitágoras tinha plena recordação de uma vida como Euforbo, que foi morto no cerco de Troia. Napoleão insistiu várias vezes que era uma reencarnação de Carlos Magno, e Salvador Dalí afirmou ter sido outrora o místico espanhol São João da Cruz: "... consigo recordar-me vividamente da minha vida como São João, de experienciar a união divina, de compreender a noite escura da alma sobre a qual ele escreve com tanto sentimento. Consigo recordar-me do mosteiro e consigo recordar-me de muitos dos companheiros monges de São João."

Trazendo o argumento para o nível dos restantes de nós, existe uma experiência relativamente comum que os crentes no renascimento argumentariam ser evidência de reencarnação. O Yogi Ramacharaka, no seu livro A Series of Lessons in Jnani Yoga, pergunta:

> Quem não experimentou a consciência de já ter sentido aquilo antes — de o ter pensado nalgum momento no passado obscuro? Quem não testemunhou cenas novas que parecem velhas, muito velhas? Quem não conheceu pessoas pela primeira vez, cuja presença despertou memórias de um passado, situado lá atrás nas eras enevoadas de há muito tempo? Quem não foi tomado por vezes pela consciência de uma poderosa "velhice" da alma? Quem não ouviu música, muitas vezes composições inteiramente novas, que de alguma forma desperta memórias de acordes, cenas, lugares, rostos, vozes, terras, associações e eventos semelhantes, soando vagamente nas cordas da memória à medida que as brisas da harmonia flutuam sobre elas?

Charles Dickens teve uma experiência desse tipo. Ao caminhar certa noite na cidade italiana de Ferrara, olhou para uma ponte perto de uma depressão e sentiu subitamente: "Se eu tivesse sido assassinado ali nalguma vida anterior, não poderia parecer recordar-me do lugar mais minuciosamente

ou com um arrepiar de sangue mais enfático". Sir Walter Scott escreveu no seu diário algo semelhante:

Ontem, à hora do jantar, fui estranhamente assombrado pelo que chamaria de sentido de pré-existência, uma ideia confusa de que nada do que passava era dito pela primeira vez; que os mesmos tópicos tinham sido discutidos e as mesmas pessoas tinham declarado as mesmas opiniões sobre eles. A sensação era tão forte que se assemelhava ao que se chama miragem no deserto.

Outro escritor, Louis Bromfield, acreditava que a sua obsessão pela França era causada por algum "conhecimento anterior". Eventualmente, foi viver para lá: "Nada me surpreendia ou espantava; nenhuma paisagem, nenhuma floresta, nenhum castelo, nenhuma rua de Paris, nenhuma cidade de província parecia estranha. Eu já tinha visto tudo antes".

Joan Grant, que escreve romances históricos, vai mais longe:

Durante os últimos vinte anos, sete livros meus foram publicados como romances históricos, que para mim são biografias de vidas anteriores que conheci... Desde a infância, muitas vezes para meu extremo desconforto, eu estava por vezes consciente além do alcance habitual dos cinco sentidos. Tentei ignorar as implicações desta consciência, mas era demasiado insistente; por isso, numa tentativa de compreender o que estava a acontecer, treinei laboriosamente a faculdade da memória remota.

Toda uma série de escritores ocidentais modernos também escreveram sobre a sua crença no renascimento: W. B. Yeats, Sir Arthur Conan Doyle, Goethe, Maeterlinck, Victor Hugo, Balzac, Flaubert, Tolstói, Edgar Allan Poe e muitos mais. Muitos filósofos e psicólogos, a partir de William James, levaram a sério a crença na reencarnação, tal como industriais, incluindo Henry Ford, e cientistas como o físico britânico Sir Oliver Lodge e o inventor americano Thomas Edison.

Um crente convicto era o americano Benjamin Franklin, impressor, escritor, estadista, pioneiro da eletricidade e inventor. Franklin foi outrora descrito como "o primeiro americano civilizado". Desde os dezasseis anos que aceitava ter vivido antes. Ele estava entre os primeiros a compreender a Lei da Conservação da Matéria. Para ele, a ideia de que a matéria mudava de forma mas nunca se perdia inteiramente era uma extensão simples da sua crença de que, ao morrer, renascíamos.

Digo que, quando não vejo nada aniquilado, nem mesmo uma gota de água desperdiçada, não posso esperar a aniquilação das almas, ou acreditar que Ele sofrerá o desperdício diário de milhões de mentes prontas que agora existem, e Se submeterá ao incómodo contínuo de fazer novas. Assim, encontrando-me a existir no mundo, creio que, de alguma forma ou de outra, sempre existirei.

Quando morreu em 1790, aos oitenta e quatro anos, Franklin deixou um dos mais famosos epitáfios, escrito muitos anos antes:

O Corpo
de Benjamin Franklin
Impressor
Como a Capa de um Livro Antigo
Com o seu Conteúdo Arrancado
E Despojado da sua Caligrafia e Douradura
Jaz Aqui, Comida para os Vermes.
Mas o Trabalho não se Perderá
Pois (Como Ele Acreditava) Aparecerá Mais uma Vez
Numa Nova e Mais Elegante Edição
Revista e Corrigida
Pelo Autor

Um cientista moderno a endossar a analogia de Franklin entre a reencarnação e as leis da física foi o astrofísico americano Dr. Heber D. Curtis, que escreveu:

Eu pessoalmente acho impossível considerar o "Largo" de Handel, a "Ode a uma Urna Grega" de Keats e a ética superior como meros subprodutos da interação química de uma coleção de moléculas de hidrocarbonetos. Com energia, matéria, espaço e tempo contínuos, sem nada perdido ou desperdiçado, seremos nós as únicas manifestações que chegam ao fim, cessam, são aniquiladas aos setenta anos?

No século passado, um corajoso ministro unitário, o reverendo William R. Alger, dedicou metade da sua vida ao estudo da reencarnação. A conclusão da primeira edição, em 1860, do seu livro foi que a ideia era uma desilusão plausível e indigna de crença. Mas após mais quinze anos de investigação, publicou uma segunda edição e anunciou ser um convertido à reencarnação!

As razões pelas quais um cristão moderno também poderá considerar a noção plausível foram expressas pelo reverendo Leslie D. Weatherhead, em 1957:

O cristão inteligente pergunta não apenas que a vida seja justa, mas que faça sentido. A ideia da reencarnação ajuda aqui? Creio que sim. Suponhamos que uma pessoa muito depravada ou inteiramente materialista morre. Suponhamos que, de um ponto de vista religioso, ela usou inteiramente mal a sua vida terrena. Irá a sua transição para um plano espiritual fazer tudo o que é necessário? Não será como colocar uma pessoa que nunca se deu a oportunidade de compreender música num concerto eterno? Se eu falhar os exames da vida que só podem ser feitos enquanto habito num corpo físico, não terei de voltar e fazê-los novamente?

Nos tempos modernos, no Ocidente, a propaganda mais fervente pela ideia da reencarnação veio da Sociedade Teosófica, fundada em 1875 pela mística russa Helena Petrovna Blavatsky. Na teosofia, tal como nas religiões do Oriente, a Lei do Karma caminha de mãos dadas com a reencarnação. Esta lei espiritual de causa e efeito diz que os nossos pensamentos e comportamento numa vida determinam como e quando renasceremos na próxima.

O Bardo Thodol, ou Livro Tibetano dos Mortos, é uma lista estranha de eventos na mente de um morto desde o momento da morte até ao renascimento. No seu prefácio à tradução alemã, Jung definiu o Karma como "uma espécie de teoria psíquica da hereditariedade baseada na hipótese da reencarnação". Jung acrescentou: "a hereditariedade psíquica existe. Isto é, há herança de caraterísticas psíquicas, tais como predisposição para doenças, traços de caráter, dons especiais e assim por diante".

Ao estender a afirmação de Jung, o prodígio infantil pode ser visto como alguém que reteve conhecimento ou habilidade de uma vida anterior. Mozart, desde os quatro anos, era capaz de tocar peças difíceis ao piano e de compor obras superiores às de muitos compositores maduros. Existem inúmeros exemplos mais modernos — músicos como Yehudi Menuhin, jogadores de xadrez como Bobby Fischer — que exibiram virtuosismo extraordinário em crianças.

O processo real da reencarnação, descrito em detalhe no antigo Livro Tibetano dos Mortos, conforma-se de tal modo com os princípios da psicologia moderna que o Dr. Jung escreveu: "Cada leitor sério deve perguntar a si mesmo se estes velhos monges sábios não teriam, afinal,

vislumbrado a quarta dimensão e levantado o véu do maior dos segredos da vida".

No Ocidente, o ensinamento foi poderosamente expresso pelos antigos filósofos gregos: Platão, Pitágoras, Aristóteles, Plotino e Plutarco. Como Plutarco escreveu: "Cada alma está destinada a vaguear entre encarnações na região entre a lua e a terra por um período..."

Também no antigo Israel, berço do Cristianismo, a crença era forte. O historiador judeu Josefo diz claramente que, das três principais seitas de Israel, tanto os essénios como os fariseus ensinavam a reencarnação, e apenas os saduceus não o faziam. O renascimento era também uma das Doutrinas Internas da Cabala dos Hebreus.

Existem inúmeras referências tanto no Antigo como no Novo Testamento da Bíblia. Acredita-se que Moisés seja uma reencarnação do filho de Adão, Abel, e esperava-se que o próprio Adão renascesse como o Messias. As palavras de encerramento do Antigo Testamento predizem o renascimento do profeta Elias, e o Livro de Mateus menciona Elias renascido como João Batista. E quando Cristo perguntou aos seus discípulos — "quem dizem os homens que eu sou?" — responderam-lhe: ou João Batista, ou Elias, ou Jeremias.

Durante mais de quinhentos anos após Cristo, a reencarnação foi uma crença livremente perfilhada por muitos cristãos. Foi ensinada por seitas poderosas, como os gnósticos e os maniqueus, e foi declarada heresia, em circunstâncias muito duvidosas, apenas pelo Quinto Concílio Ecuménico de 553 d.C., aparentemente sem a aprovação do Papa!

O conflito foi causado pelos escritos e ensinamentos anteriores de Orígenes, um dos teólogos cristãos mais influentes de todos os tempos, que nasceu em Alexandria em 185 d.C. Orígenes, reverenciado por homens como São Jerónimo e São Gregório, defendia vigorosamente a filosofia da reencarnação ensinada pelos antigos gregos:

Cada alma vem a este mundo fortalecida pelas vitórias ou enfraquecida pelas derrotas da sua vida anterior. O seu lugar neste mundo como um vaso destinado à honra ou à desonra é determinado pelos seus méritos ou deméritos anteriores. O seu trabalho neste mundo determina o seu lugar no mundo que se seguirá a este...

Mas o Imperador Justiniano, no século VI, decidiu por si próprio que o ensinamento de Orígenes sobre a reencarnação era uma heresia. Convocou o

Quinto Concílio Ecuménico e nunca houve grande dúvida sobre o resultado. Justiniano convidou cento e cinquenta e nove bispos do Oriente e apenas seis do Ocidente, onde os ensinamentos de Orígenes eram mais amplamente aceites. O Papa Virgílio protestou, afirmando que deveria haver representação igual entre Oriente e Ocidente, e recusou-se a comparecer ao concílio, embora estivesse em Constantinopla, onde a sessão decorria.

Hoje, os estudiosos católicos debatem a legalidade do Quinto Concílio e os quinze Artigos de Anátema, que parece que o Papa nunca sancionou. Mas a perseguição e a queima de "hereges" por toda a Europa começou no século VI com a publicação do primeiro artigo: "Se alguém afirmar a pré-existência das almas, e afirmar a monstruosa restauração que dela se segue, que seja anátema (amaldiçoado)".

Esse foi o ponto de rutura entre o Cristianismo e a reencarnação. Durante séculos, a Europa cristã ardeu em fogueiras santas em França, Espanha, Bulgária e noutros lugares. Algumas seitas perseguidas procuraram refúgio no mundo árabe. No século VI, o Profeta Maomé tomou conhecimento da reencarnação tal como ensinada pelos antigos gregos através dos monges de um mosteiro nestoriano em Busra. O livro sagrado muçulmano, o Alcorão, escrito no tempo de Maomé, diz explicitamente: "Deus gera os seres e envia-os de volta repetidamente até que retornem a Ele".

No Ocidente, aquele Quinto Concílio Ecuménico que rejeitou os ensinamentos de Platão e Aristóteles provou ser um evento chave para apressar o início da Idade das Trevas, os séculos em que a luz da aprendizagem clássica foi virtualmente extinta na Europa. No mundo árabe, também, a doutrina da reencarnação nunca foi totalmente aceite, e a crença foi sustentada ao longo dos séculos apenas pela influência dos Sufis, uma seita persa de místicos.

Os expoentes mais antigos e consistentes do credo têm sido os hindus da Índia, com os seus antigos textos sagrados, os Vedas e os Brahmanas. Sir Matthew Arnold captou a essência da sua mensagem eterna na sua tradução do *Bhagavad Gita*:

Nunca o espírito nasceu; o espírito nunca deixará de ser; nunca houve tempo em que não existisse. Fim e princípio são sonhos! Sem nascimento, imortal e imutável permanece o espírito para sempre. A morte não o tocou de todo, embora morta pareça a sua casa.

E embora para a maioria de nós no Ocidente hoje em dia a religião, qualquer religião, seja vista apenas como mais um sedativo, as definições taxativas da ciência sobre a natureza finita do homem não são mais convincentes. A maioria de nós suspeita, lá no fundo, que há algo mais na espécie humana do que aquilo que é visível ao olhar do cientista comum.

O americano Walt Whitman, um crente na reencarnação, expressou a sua fé em apenas duas linhas:

Passo pela morte com os que morrem, e pelo nascimento com o bebé acabado de lavar, e não estou contido entre o meu chapéu e as minhas botas.

15

Uma luz na escuridão

Cerca de dois anos após a minha primeira visita a Arnall Bloxham, sentei-me para refletir novamente sobre o significado das Cassetes de Bloxham. Seriam elas realmente a prova que o velho hipnotizador acreditava serem para a antiga crença na reencarnação das almas? E se não, o que seriam?

Era maio de 1976 e Bloxham estava agora no hospital — esperemos que não por muito tempo — mas sentia-se discretamente satisfeito por o livro estar quase pronto para publicação e o filme que eu fizera com Magnus Magnusson estar prestes a ser editado. O nosso trabalho chegava à sua conclusão.

Duas semanas antes de ser subitamente admitido no hospital, Bloxham perguntara-me quando seria o dia da publicação e acrescentara calmamente: "Tenho o pressentimento de que, pelo outono, já não estarei aqui. Não me importo de morrer, nem um pouco, mas é possível que não esteja cá para ler o livro ou ver o filme."

Se Bloxham sentira o início de alguma falha temporária na sua saúde, eu não tinha forma de saber. Mas fui a sua casa algumas tardes depois e li-lhe um rascunho do capítulo sobre ele, e dei-lhe uma ideia do que as investigações históricas tinham revelado. Ele acenou com a cabeça e disse: "Está bem, está muito bem".

Foi só então que percebi que, ao longo dos meses das minhas visitas regulares, ele nunca mostrara qualquer curiosidade sobre as investigações históricas das regressões — a ideia, de facto, nunca lhe passara pela cabeça de

que os livros de história pudessem fazer outra coisa senão confirmar a autenticidade das suas cassetes. A fé de Arnall Bloxham nas suas regressões, tal como a sua crença na reencarnação, era absoluta.

Quanto a mim, a que conclusões poderia chegar? De uma coisa tanto Magnusson como eu estávamos certos: as Cassetes de Bloxham eram genuínas, não havia questão de fraude ou embuste. Poderiam ser fantasias involuntárias, mas as regressões são indubitavelmente "reais". Todos os historiadores e psicólogos que as ouviram foram da mesma opinião — e há sempre o caso da minha própria nomeada, Beata Lipman, hipnotizada por Bloxham e instantaneamente regredida à primeira tentativa.

Tinha sido impressionante, também, observar Jane Evans a ser regredida mais uma vez para benefício da câmara de televisão. Após um intervalo de mais de cinco anos, esta mulher hipnotizada reiterara, com apenas pequenas diferenças, os esquemas complexos de duas das cassetes originais de Bloxham. Largamente inalteradas e sem adornos, as suas histórias pareciam ser produtos mais da memória do que da imaginação. Qualquer fantasia do tipo "Walter Mitty" não é certamente algo estático. Os guiões para os filmes de série B que aparentemente passam nas nossas cabeças são certamente reescritos quase anualmente. À medida que mudamos, as nossas fantasias mudam connosco, ou assim pensaria eu.

Por outro lado, algumas das regressões eram tão consistente e surpreendentemente exatas do ponto de vista histórico. Não foram apenas lugares, nomes e datas que foram corroborados, mas também o "sentido de época", o detalhe de fundo do traje e da atitude. Para mim, uma fantasia histórica deveria ser nove décimos imaginação e uma parte história — mas as Cassetes de Bloxham não eram assim.

Nem consigo sequer adivinhar como Jane Evans estava familiarizada com alguns dos factos e locais de que fala com tanta segurança. Afinal de contas, ela nunca pôs os pés em York nem no Vale do Loire em França, e visitou a América apenas depois de ter gravado a sua regressão como a freira americana.

Nem Magnus Magnusson nem eu tínhamos antecipado no início que as Cassetes de Bloxham seriam corroboradas pelos livros de história a tal ponto. Sabia que não era incomum pessoas ao longo dos tempos reivindicarem "memórias" de alguma encarnação passada, especialmente naquelas partes do mundo onde o renascimento é uma crença generalizada. Mas quase nunca, ao que parecia, tinham investigadores mergulhado realmente na história para

descobrir se estas histórias poderiam ser verificadas. As nossas descobertas nos casos Bloxham pareciam desafiar toda a nossa noção ocidental das realidades da vida e da morte.

Contudo, no final, a minha busca pela verdade sobre as Cassetes de Bloxham deixou-me sem certezas, de facto, com novos mistérios. Mas a própria busca tinha sido enriquecedora, percebi, ao tentar formular algumas conclusões. Como conceito, a reencarnação tornara-se real para mim não apenas através das Cassetes de Bloxham, mas através dos escritos de homens de intelecto elevado que nela acreditaram ao longo dos tempos. Era uma adição genuína àqueles conceitos racionalmente improváveis da sociedade ocidental: Deus e as noções de vida após a morte.

Aprendi também que a psicologia moderna está cheia de teorias fascinantes e dicas sábias sobre como levar uma vida mentalmente saudável, mas não tem conhecimento seguro relacionado nem com a reencarnação nem com as Cassetes de Bloxham. O totem, para qualquer um que adore neste santuário e não tenha olhado para cima ultimamente, ainda tem a forma de um enorme ponto de interrogação.

No entanto, há ainda uma dúvida sobre as próprias cassetes: é apenas viável que sejam uma série de quatrocentas fantasias. Mas qualquer aceitação automática do argumento racional contra elas é certamente pré-julgada — enviesada pela afirmação de que as fantasias são explicações aceitáveis para certas ideias na mente do homem, e a reencarnação e afins não o são. O mundo parece plano e, portanto, plano é.

Seria a crença de Jane Evans de que Jacques Coeur tinha uma "maçã dourada" apenas um palpite de sorte, e a descoberta da cripta em York uma mera coincidência? Teria o conhecimento de Graham Huxtable sobre a vida no mar há duzentos anos vindo de um livro e da sua própria imaginação?

Algumas das regressões são mais impressionantes do que outras, e algumas poderiam certamente ser fantasias — a mente e a imaginação lidam tanto com a ficção como com o facto. Mas basta que uma única regressão seja "real" para que muitas ideias aceites sobre a vida sejam viradas do avesso.

A minha própria visão é que os racionalistas não têm direito a uma vitória fácil. As Cassetes de Bloxham foram investigadas e não há prova de que sejam fantasias. No nosso estado atual de conhecimento sobre elas, parecem transmitir exatamente o que afirmam: um conhecimento e experiência genuínos do passado.

Os racionalistas devem cerrar os dentes e ter paciência comigo quando os lembro de que os meus avós me teriam trancado no celeiro até eu estar sóbrio se eu tivesse profetizado que trabalharia para algo chamado "televisão", através da qual pessoas na Austrália poderiam assistir a eventos "em direto" a ocorrer no lado oposto do mundo. A minha própria imaginação ainda vacila perante as implicações de um pronunciamento científico mais moderno — que a matéria e a energia são a mesma coisa, de modo que se eu pudesse atirar a minha caneta com força suficiente contra a parede, ela desapareceria em energia pura!

Há tanto na vida que é desconhecido ou apenas pressentido, que não deveríamos concluir demasiado depressa que a fantasia ou a reencarnação são as únicas alternativas que poderiam explicar as Cassetes de Bloxham. A perceção extrassensorial, a aquisição de conhecimento além do alcance dos sentidos, é considerada real por muitos. Parapsicólogos em várias partes do mundo têm reivindicado algum sucesso para as suas experiências.

Foi sugerido que a telepatia, um aspeto da ESP, poderia ser responsável pelas Cassetes de Bloxham. Poderia Bloxham ser capaz de transmitir os esquemas históricos das regressões às mentes hipnotizadas de todas aquelas pessoas diferentes?

Creio que não. A sua surpresa perante muito do que lhe é contado durante as regressões é bastante genuína e, aos oitenta anos de idade, ele não tem o domínio de historiador para preparar as narrativas, nem a habilidade de *showman* para ser um ventríloquo com um boneco hipnotizado. Mais conclusivamente, durante a regressão de Jane Evans como Alison, entreguei a Bloxham um papel com perguntas que me ocorreram durante a sessão. Ele fez as perguntas e obtivemos nova informação, para a qual ele dificilmente poderia ter-se preparado com antecedência. Nem poderia ele ter arrancado telepaticamente as respostas da minha mente, porque naquela fase eu não as sabia!

Existem outras teorias possíveis. Poderia haver algum fundo abstrato de conhecimento ou experiência coletiva ao qual a mente hipnotizada pudesse ter acesso? Uma espécie de clarividência sob hipnose?

Poderíamos ter memórias raciais bloqueadas nalgum lugar das nossas mentes? Afinal de contas, os nossos antepassados, numa minúscula gota de semente humana, determinaram a cor do nosso cabelo, a frequência com que piscamos os olhos e estabeleceram em nós aspetos do comportamento chamados "instinto". Poderia alguma memória dos traumas que enfrentaram

nas suas próprias vidas ter sido também transmitida naquela especificação microcodificada para a construção de um ser humano atual?

Por outro lado, o que é a "realidade histórica" em termos de tempo e espaço? O Dr. Jung, em *Memórias, Sonhos, Reflexões* uma vez mais, expressou a visão de que cenas de tempos passados poderiam ser vistas ou experienciadas por pessoas a viver no presente através do que ele chamou "sincronicidade". Ele cita como exemplo a sua própria experiência, numa noite em 1924, quando foi persistentemente acordado pela perceção de um grupo de jovens a tocar música e a cantar fora da sua casa.

Quando abriu a janela, a noite estava silenciosa. Meses depois, descobriu que, em tempos medievais, grupos de jovens locais, prestes a partir para combater nas guerras, costumavam reunir-se para uma celebração de despedida no local da sua casa. De alguma forma, a sua mente fora capaz de se "ligar" a uma "gravação" daquela cena.

Mas nenhuma destas explicações se ajusta muito bem, e há escassa evidência para apoiar a sua aplicação às Cassetes de Bloxham. As pessoas de Bloxham estão certamente ou a fantasiar — ou a contar a verdade literal, isto é, estão a ter uma experiência pessoal genuína de uma era passada. Estou, além disso, impressionado pelo facto de as técnicas de Bloxham e os fenómenos que ele produz serem tão próximos daqueles envolvidos na regressão de idade comum sob hipnose; e quando um sujeito hipnotizado volta à sua infância e recorda factos aparentemente além da memória humana, aceitamos o que ele diz sem questionar.

Portanto, os vinte anos de trabalho de Bloxham devem constituir pelo menos um caso *prima facie* para a reencarnação. E se as suas cassetes não fizerem mais do que compelir-nos a reexaminar as nossas crenças sobre a nossa natureza e o nosso destino, isso em si mesmo será uma conquista dada a poucos. Como Jung escreveu, perto do fim da sua própria vida: "Tanto quanto conseguimos descobrir, o único propósito da existência humana é acender uma luz na escuridão do mero ser".